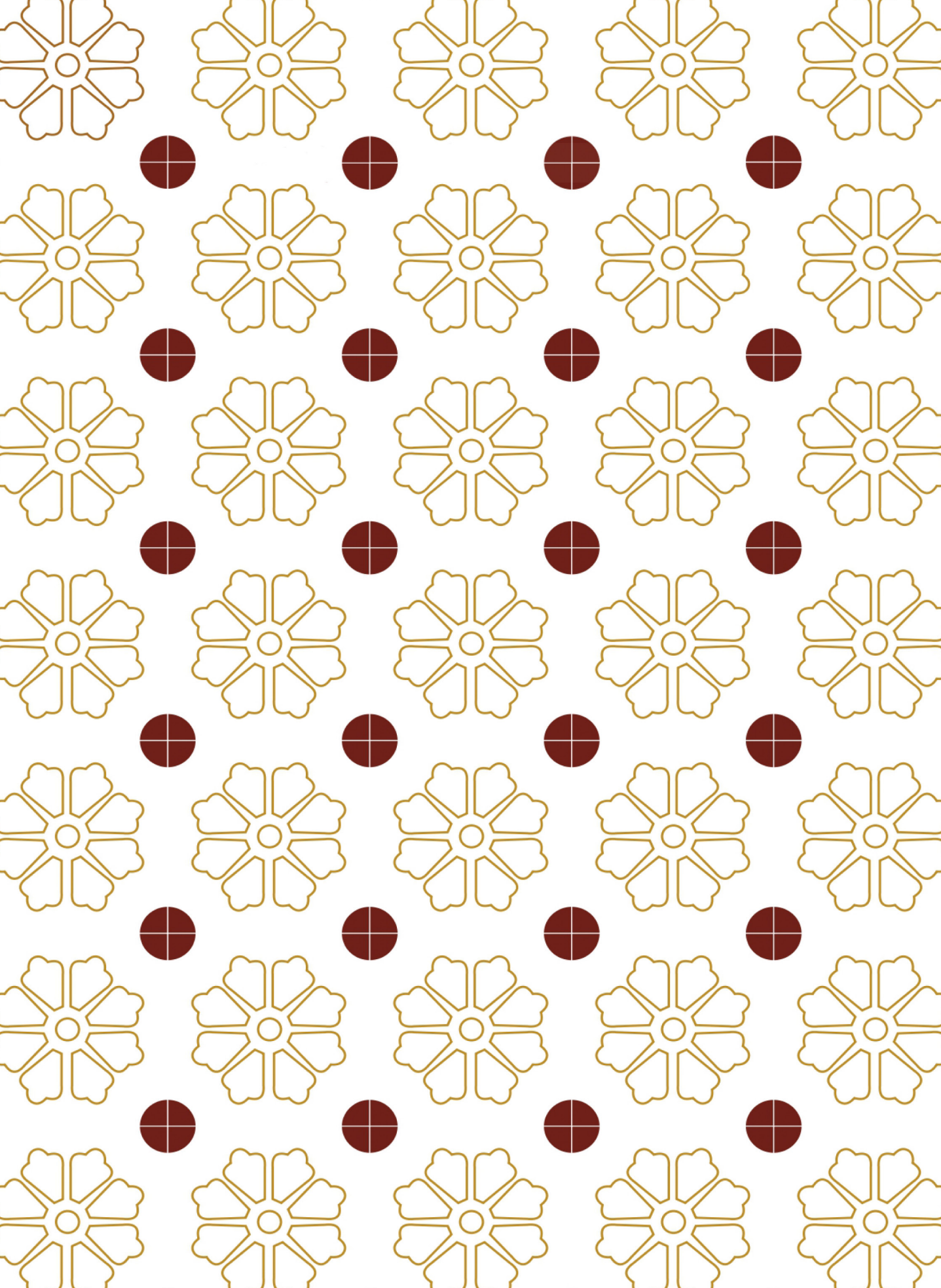




HELDER JOSÉ SOUZA DO NASCIMENTO

O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO
PLANO MUSEOLÓGICO PARTICIPATIVO DO
MUSEU DO TREM DO PIAUÍ, PARNAÍBA

PRESENCAS E AUSÊNCIAS





HELDER JOSÉ SOUZA DO NASCIMENTO

**O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO
PLANO MUSEOLÓGICO PARTICIPATIVO DO
MUSEU DO TREM DO PIAUÍ, PARNAÍBA**

PRESENÇAS E AUSÊNCIAS

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA
GABRIELA FREITAS DE PAIVA CRB 3/1501

F244p	<p>Nascimento, Helder José Souza</p> <p>O processo de elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí / Helder José Souza do Nascimento. – 2019.</p> <p>138 f.: il.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, 2019.</p> <p>Orientação: Prof.^a Dr.^a Áurea da Paz Pinheiro, Me. Jonei Eger Bauer.</p> <p>1.Gestão de Museus 2.Patrimônio Ferroviário 3.Plano Museológico Participativo 4.Diagnóstico Museológico 5. Museu do Trem do Piauí I. Pinheiro, Áurea da Paz II. Título</p> <p>CDD 069.1</p>
-------	--

© Copyright 2019

Helder José Souza do Nascimento

O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, Parnaíba: Presenças e Ausências.

Créditos

Esta publicação faz parte os resultados de pesquisa-ação sob o título “O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, Parnaíba: Presenças e Ausências”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Piauí.

Edições Museu da Vila

2019 | O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, Parnaíba: Presenças e Ausências.

Universidade Federal do Piauí | Reitor

Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

Vice-reitora | Prof.^a Dr.^a Nadir do Nascimento Nogueira

Pró-reitora de Ensino de Pós-graduação | Prof.^a Dr.^a Regina Lúcia Ferreira Gomes

Coordenador de Programas Stricto Sensu | Prof. Dr. Welter Cantanhêde da Silva

Diretor do Campus Ministro Reis Veloso | Prof. Dr. Alexandro Marinho Oliveira

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia | Orientação do Trabalho Final de Mestrado | Revisora do texto | Prof.^a Dr.^a Áurea da Paz Pinheiro

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Áurea Paz Pinheiro | UFPI | Brasil

Prof.^a Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho | UFPI | Brasil

Museólogo Jonei Eger Bauer | Brasil

Capa | Victor Veríssimo e Rosa Karina Carvalho Cavalcante

Fotografias de chamada |

Fotografias |

Concepção e composição gráfica | Rosa Karina Carvalho Cavalcante

Impressão e acabamento | Gráfica

Museu da Vila | Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

Rua José Quirino | Bairro Coqueiro | Luís Correia | PI

www.museologiapiauui.com | e-mail: mapm@ufpi.edu.br

HELDER JOSÉ SOUZA DO NASCIMENTO

**O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO
PLANO MUSEOLÓGICO PARTICIPATIVO DO
MUSEU DO TREM DO PIAUÍ, PARNAÍBA:
PRESENCAS E AUSÊNCIAS**

Trabalho Final apresentado ao Programa de Pós-graduação
em Artes, Patrimônio e Museologia, como requisito para
obtenção do grau de Mestre.

Edital nº 01/2016

3ª Turma | 2017-2019

Orientadora Prof.^a Dra. Áurea da Paz Pinheiro

Trabalho apresentado e aprovado em 27 de junho de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Áurea da Paz Pinheiro
(Orientadora | Universidade Federal do Piauí - UFPI)

Prof.^a Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho
(Avaliadora Interna | Universidade Federal do Piauí | UFPI)

Museólogo Jonei Eger Bauer
(Avaliador Externo)

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu Helder José Souza do Nascimento, declaro que o trabalho sob o título “O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, Parnaíba: Presenças e Ausências”, é o resultado da minha investigação associada ao Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas nas referências ou outras listagens de fontes documentais, tais como todas as citações diretas ou indiretas têm a devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Parnaíba (PI), 27 de junho de 2019.

Helder José Souza do Nascimento

Parnaíba não é apenas uma palavra fluvial a martelar-me a memória. É uma cidade inteira dentro de mim, latejando em mim [...] (Alcenor Candeira Filho)

Sim, às vezes naufraga-se pelo caminho, mas, se tal me viesse a acontecer, deveria escrever nos anais do porto que o ponto a que cheguei foi esse. Queres dizer que chegar sempre se chega [...] (Saramago, 1998)

Pensar é um ato, sentir é um fato [...] (Clarice Lispector)

AGRADECIMENTOS

Era 1983 e a seca do nordeste iniciada em 1979 chegava ao auge. No retrato sociopolítico brasileiro, milhares de famílias desabrigadas com crianças desnutridas estampavam o Jornal do Brasil. Não suficiente, a economia registrava alta inflacionária de 200% ao mês e o tostão que chegava ao bolso sofria uma maxidesvalorização. Nesse cenário, o lavrador Bernardo e a artesã Maria dos Milagres, nordestinos, moradores da cidade rural de Buriti dos Lopes-PI, me tomavam nos braços em 26 de abril, no Hospital Nossa Senhora de Fátima, em Parnaíba. Do casal, o terceiro filho, antecedido por Sueli e Sueline.

A jornada tem sido árdua, mas como brasão, recebemos de nossos pais a persistência. Natural e não menos honroso termos dado marcha ao ofício dos genitores, não fosse eles apostarem que a educação seria o escoo no dique social de nossas vidas. Obediente, continuo seguindo e aqui estou para os agradecimentos da conclusão de mestrado. E a cada passo um novo agradecimento nunca será redundante. Cada um a seu modo me ensina. Meu pai, com o seu exemplo do cultivo de arroz, entre os atos de plantar e colher, a paciência de deixar amadurecer, da dose certa de veneno para as pragas, do suportar as intempéries das estações, sem medo... preparado para o sol e para a chuva. Minha mãe, com seu bordado em ponto cruz, me lega a poesia diligente do tecer fio a fio, compondo a trama e o matiz certos, fazendo de seu ofício, por muitas vezes, o nosso fio de luz e esperança. Mulher guerreira, forte e de fé inabalável em Deus, pilar dos meus valores inegociáveis. Doutores em seus saberes e fazeres. Agradeço por terem me dado a estrutura certa para trilhar meus caminhos, alçar voos, para contrariar os indicadores sociais, e pelo luxo de me amarem como sou. As minhas irmãs agradeço o incentivo, respeito e por vibrarem com meus propósitos. Aos sobrinhos Thiago Eydrian, José Gregório e Renato, em quem me renovo, o meu muito obrigado. Obrigado por serem exatamente o que são. Dádivas de Deus.

Ao meu companheiro de vida, Moraes, que completa o meu núcleo familiar, agradeço o aconchego cotidiano, amizade e cumplicidade. És, além de minha decisão mais sólida, meu amor e meu ponto de equilíbrio. Com você, nem o caminho, nem a chegada, foram solitários. Até mesmo pelo destino que nos fez trilhar juntos os percursos da formação em museologia. Você foi o mais próximo e leal companheiro de viagem. Não posso deixar de fora desse inventário sentimental nossos filhos caninos Kell, Lyan e Hope.

Amo vocês família!

Nesse ciclo de novos saberes em que descobri a Museologia como ciência, gostaria de agradecer de forma indelével à Professora Doutora Áurea da Paz Pinheiro, Coordenadora do Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia, pelos ensinamentos tenazes na orientação deste trabalho. Agradeço-lhe pela luz que fez surgir esta pesquisa, quando os caminhos ainda eram pouco claros. A Professora Doutora Cássia Moura, Sub-coordenadora, agradeço igualmente pelo privilégio do convívio, pelas novas perspectivas e todo o apoio nesse período de aprendizagem. Saibam que nenhum agradecimento revelará como todo

esse processo foi marcante.

No decorrer dessa trajetória, fui generosamente beneficiado pela atenção da co-orientação do Professor Mestre Jonei Eger Bauer, a quem dedico agradecimentos pelo contributo em minhas reflexões. Bem como as museólogas, Rossana Nascimento, que participou de minha banca de qualificação; Camila Wichers e Alejandra Saladino, que me enriqueceram com sugestões preciosas de leitura.

Gostaria igualmente de agradecer a todos os participantes e colaboradores dessa investigação-ação, Josenias Silva, Naudiney Gonçalves, Hélcio Carvalho, Dalva Fontenele, Albert Piauhy, Alessandra Mota, Sabrina Castro, Joel neves, Jean Lucas, Diderot Mavignier, Fabrício Amado, Adriana Tenório, Aureliano Neto, Lêda Vieira, Luan Carvalho, Guilherme Bröer, George Max, Rayla Meneses, José Maria Rodrigues e Cláudio Almeida. Sem a contribuição e disponibilidade de vocês, com a expressão dos diversos pontos de vista, esse trabalho não seria o mesmo.

Aos colegas de mestrado e aos amigos que sempre se mostraram solidários durante as diversas fases desse projeto acadêmico, o meu muito obrigado.

A Deus, toda glória e todos os louvores, pela simples e complexa dádiva de existir.

Enfim, agradeço a toda força sem a qual eu sequer teria chegado ao segundo parágrafo dessa pesquisa. Tudo o que está aqui é um fruto coletivo e eu me sinto muito orgulhoso disso.

Gratidão por tudo!

LISTA DE SIGLAS

APA | Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba
CMRV | Campus Ministro Reis Veloso
CNPq | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNS – Conselho Nacional de Saúde
DEMU – Departamento de Museus e Centros Culturais
EFCP – Estrada de Ferro Central do Piauí
FID – Faculdade Internacional do Delta
GF – Grupo Focal
IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus
ICOM – Conselho Internacional de Museus
IHGGP – Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MINC – Ministério da Cultura
MUDE – Ecomuseu Delta do Parnaíba
PCI – Patrimônio Cultural Imaterial
PIB – Produto Interno Bruto
PNM – Política Nacional de Museus
PPGAPM – Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia
PPPGHB – Programa de Pós-graduação em História do Brasil
RFFSA – Rede Ferroviária Federal S.A.
SBM – Sistema Brasileiro de Museus
SEM/PI – Sistema Estadual de Museus do Piauí
UESPI – Universidade Estadual do Piauí
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFPI – Universidade Federal do Piauí
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNINASSAU – Faculdade Maurício de Nassau
USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE QUADRO | FICHAS

Quadro 1- Etapas de Elaboração do Plano Museológico | 67

Ficha 01- Projetos desenvolvidos enquanto Superintendente de Cultura de Parnaíba (2013-2016), em prol da valorização do Museu do Trem do Piauí | 55

Ficha 02- Reunião de apresentação do Projeto de Pesquisa-ação e sensibilização do público | 77

Ficha 03- Encontro no lócus da pesquisa. Abordagem conceitual sobre o campo de estudo e pré-diagnóstico da instituição | 81

Ficha 04- Encontro para discussão da Missão, Visão, Valores e Identidade visual institucional do Museu do Trem do Piauí | 84

Ficha 05- Oficina de Interpretação de Objetos Museológicos | 87

Ficha 06- Encontro para a realização do Diagnóstico Global do Museu do Trem do Piauí | 90

Ficha 07- Encontro para divisão de competências na Elaboração do Plano Museológico | 92

Ficha 08- Palestra “Há um museu entre nós”, recepção dos calouros do Curso de História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba. Grupo focal | 94

Ficha 09- Seminário de apresentação dos Programas e Projetos elaborados pelos colaboradores | 100

Ficha 10- Intervenção artístico cultural, #EuNoMuseu | 102

Ficha 11- FICHA 11: Produtos apresentados na Intervenção artístico cultural, #EuNoMuseu. | 103

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01- Mapa. Localização do Museu do Trem do Piauí, Parnaíba | 30
- Figura 02 – Mapa. Localização de áreas do Conjunto Histórico e Paisagístico Tombado | 32
- Figura 03 - Mapa conceitual da teia de pessoas e instituições participantes da Elaboração do Plano Museológico do Museu do Trem do Piauí | 36
- Figura 04- Planta Baixa do Museu do trem do Piauí | 38-39
- Figura 05- Formalização de parceria com o curso de Turismo da UFPI para estágio dos alunos no do Museu do Trem do Piauí. Coordenadora Heide Kanitz e alunos. | 55
- Figura 06- 1ª Semana de Museus, em Parnaíba. Atividade: “Samba no Museu”, com grupo de chorinho Aquarela. | 55
- Figura 07- Intervenção Cultural, “Troca de Palavras”. Ciclo de roda de conversas, troca de livros, visitação ao museu e sarau. | 55
- Figura 08 - Planejamento da Semana de Museus. Prédio da Estação Ferroviária, atualmente Secretaria Municipal de Educação. (2014) | 55
- Figura 09- Treinamento para mediação das visitas guiadas ao Museu do Trem do Piauí. Alunos da UFPI, UESPI e FID. (2015) | 55
- Figura 10- Mediação das visitas guiadas ao patrimônio ferroviário. (2014) | 55
- Figura 11- Sala de reunião da diretoria do Campus Ministro Reis Veloso- UFPI. Ampliação de interlocutores para formação do grupo de trabalho. Foto: Acervo pessoal. | 77
- Figura 12- Participantes da Reunião I. Formação de Parcerias. | 77
- Figura 13- Ficha de Catalogação de Acervo 001. Museu do Trem do Piauí | 79
- Figura 14- Nuvem de Palavras | 79
- Figura 15- Post Rede Social. Convite. | 81
- Figura 16- Roda de conversa. Encontro II. | 81
- Figura 17- Grupo de Participantes. Pátio do Museu do Trem do Piauí. | 81
- Figura 18- O encontro foi realizado na Faculdade Internacional do Delta (FID). Instituição que assumiu o papel de interlocutora no desenvolvimento do projeto-ação. | 84
- Figura 19- Recurso utilizado ao longo do processo. Cada encontro o participante define a reunião com uma palavra. | 84
- Figura 20- Consultor, George Max, da Empresa CodiWorks, assumiu o compromisso da desenvolver a identidade visual de identificação do museu. | 84
- Figura 21 - Banner virtual utilizado para promoção de inscrições e divulgação da oficina na internet. Durante a oficina foram distribuídos folders instrutivos, com a dinâmica da oficina e o conteúdo didático.

Os participantes receberam certificação de 3h aula. | 87

Figura 22- Exposição dos motivos sobre o objeto enquanto elemento didático para o processo de ensino aprendizagem. Abordagem teórica. | 87

Figura 23- Abordagem prática de como interpretar um objeto em exposição. Levantamento dos discursos presentes nas coleções do acervo do Museu do Trem do Piauí. | 87

Figura 24- Estação Floriópolis. Acervo da Estrada de Ferro do Piauí que cria conexões com a existência do Museu do Trem do Piauí. Foto de Guilherme Broer trazida ao encontro numa visão integradora. | 90

Figura 25- Edificação em ruínas ao lado do prédio que abriga o Museu do Trem do Piauí. Análise de fatores externos que, ao mesmo tempo, simbolizam oportunidade e ameaça. | 90

Figura 26- Matriz SWOT. Método utilizado para pensar o diagnóstico global do Museu do Trem do Piauí. | 90

Figura 27- Aplicação de questionário semiestruturado para a produção de dados. | 90

Figura 28- Roda de conversa para a exposição de motivos pelos participantes. | 90

Figura 29- Participantes do diagnóstico global do Museu do Trem do Piauí, no processo de elaboração do Plano Museológico. | 90

Figura 30- Rayla Menses, Arquiteta, Chefe do Escritório Regianl do IPHAN, em Parnaíba. | 92

Figura 31- Dalva Fontinele, Historiadora, autora do Livro “Entre trilhos e dormentes: a Estrada de Ferro Central do Piauí na história e na memória dos parnaibanos (1960-1980)”. | 92

Figura 32- Alessandra Mota, Produtora Cultural, Assessora Executiva da Superintendência de Cultura de Parnaíba. | 92

Figura 33- Quadro síntese dos Programas desenvolvidos no Plano Museológico do Museu do Trem do Piauí. | 92

Figura 34- Discussão sobre a divisão de competências para elaboração do Plano. | 92

Figura 35- Registro do grupo presente no VI Encontro. | 92

Figura 36- Palestra intitulada “Há um museu entre nós”. | 94

Figura 37- Turma de calouros do Curso de História, composta por 27 alunos, participantes do Grupo Focal. | 94

Figura 38- Quadro de propostas apresentadas | 100

Figura 39- Grupo | 100

Figura 40- Apresentação de Seminário | 100

Figura 41- Cartaz de divulgação da intervenção Urbana e Cultural, intitulada #EunoMuseu | 102

Figura 42- Roda de Conversa no pátio do Museu do Trem do Piauí, Esplanada da Estação | 102

Figura 43- Intervenção artística com grafiteagem do artista Dieson Oliveira. Muro da fachada do Museu do Trem do Piauí | 102

Figura 44- Momento de descerramento da Placa alusiva ao lançamento da identidade visual do Museu do Trem do Piauí | 102

Figura 45- Música no Museu com o Grupo de Chorinho Aquarela | 102

Figura 46- Logotipo da nova identidade visual do Museu do Trem do Piauí. Criação de George Max | 103

Figura 47- Momento de lançamento do site institucional do Museu do Trem do Piauí | 103

Figura 48- Modelos de camisas | 103

Figura 49 – Template do site | 103

RESUMO

Nesta investigação-ação nos propusemos com a comunidade residente na cidade de Parnaíba, Estado do Piauí, elaborar de forma participativa, um Plano Museológico para o Museu do Trem do Piauí, instituição pública mantida pelo Órgão Gestor da Cultura, da Prefeitura de Parnaíba, desde o ano de 2002, quando foi criado com o propósito de preservar a memória ferroviária da extinta estrada de ferro do Piauí. O Plano Museológico é uma ferramenta de gestão, que para além de traçar um planejamento estratégico, assume uma natureza política, por nortear a atuação da instituição junto à sociedade. Atualmente, com mais de 3.600 museus, o Brasil tem repensado o papel das instituições museais, e nesse contexto, apenas 25% delas possuem Plano Museológico. Embasamos nosso olhar no Estatuto de Museus, lei 11.904/2009, e no Decreto 8.124/2013, diretrizes da política nacional de museus, que deixam claro em seus preceitos a obrigação dos museus no que refere à elaboração e implementação do Plano Museológico. Adotamos também como premissas as perspectivas apresentadas pela Nova Museologia, entendendo o museu como espaço de diálogo, interação e de participação cultural. A pesquisa foi delineada por um conjunto de estudos de conceitos, diagnóstico e intervenções para a elaboração do Plano Museológico com pessoas da comunidade, representantes de órgãos governamentais e da sociedade civil. Para além de participativa, a trama formada entre os que se achegaram ao processo resulta em um serviço e produto colaborativos, que se traduz em Programas e Projetos, idealizados por uma rede de pessoas, que acreditam, a partir desse movimento deflagrador, no modelo de gestão compartilhada, para a promoção do alargamento do processo museológico no Museu do Trem do Piauí, como um espaço vivo, vetor de desenvolvimento humano para a cidade Patrimônio Nacional – tombada à nível federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 2008.

Palavras-chave: Gestão de Museus; Patrimônio Ferroviário; Plano Museológico Participativo; Diagnóstico Museológico; Museu do Trem do Piauí.

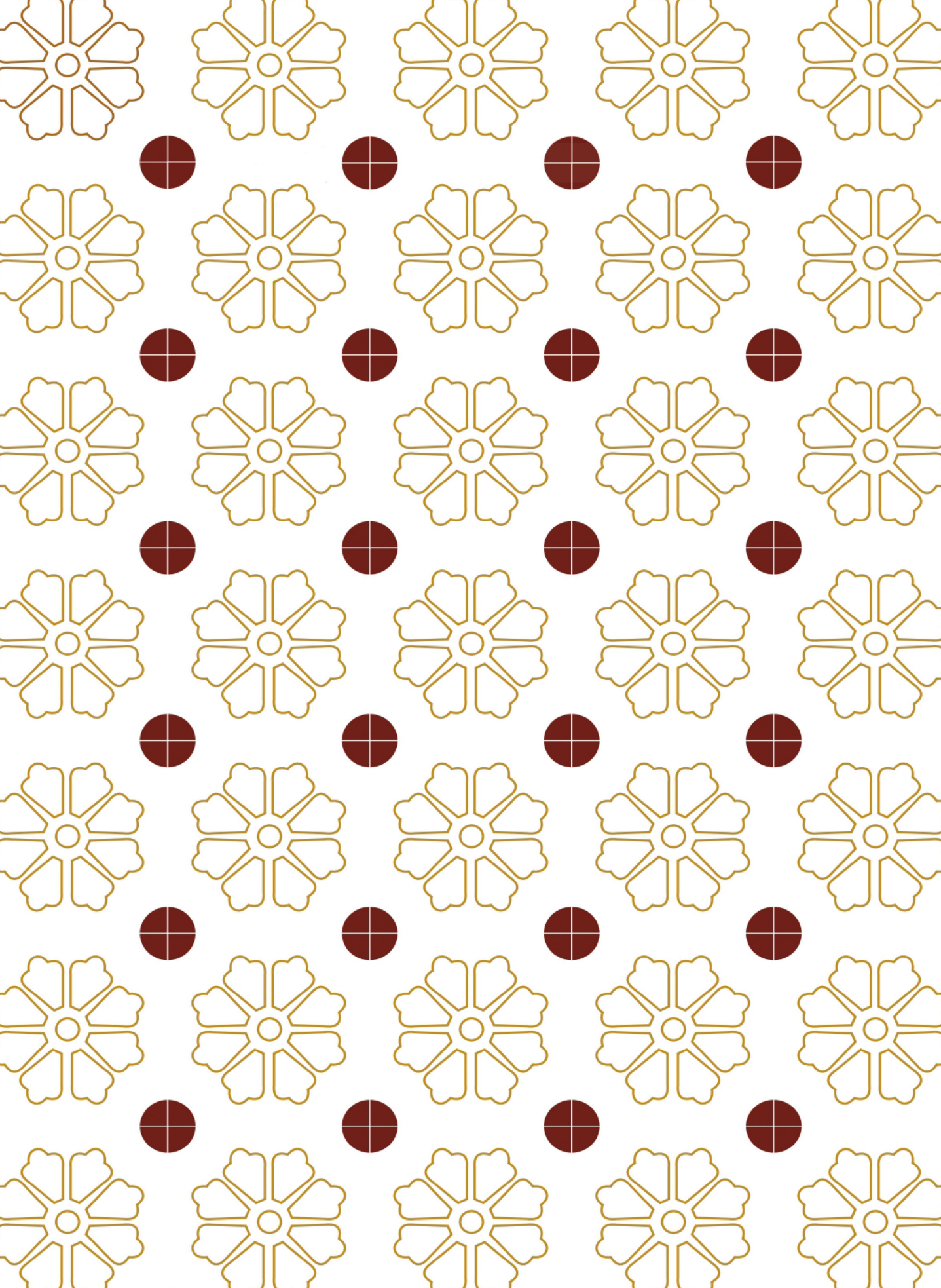
ABSTRACT

We proposed an action research with the resident community in the city of Parnaíba, in the State of Piauí, so that elaborate in a participative way, a Museological Plan for the Piauí Train Museum. It is a public institution maintained by the Organizing Authority of Culture, Parnaíba City Hall, the year 2002, when it was created with the purpose of preserving the railway memory of the extinct Piauí railway. In addition The Museological Plan is a management tool that it outlines strategic planning, assumes a political nature and guides the institution's actions with society. Currently, there are more than 3,600 museums in Brazil therefore the government has been rethought the role of museum institutions, and in this context, only 25% of them have a Museological Plan. We base our view on the Statute of Museums, Law 11,904/2009, and Decree 8,244/2013, guidelines of the national museum policy, which make it clear in its precepts the obligation of museums regarding the preparation and implementation of the Museological Plan. We also adopted as premises the perspectives presented by New Museology which understands the museum as a space for dialogue, interaction and cultural participation. The research was delineated by a set of concept studies, diagnosis and interventions for the elaboration of the Museological Plan with people from the community, representatives of government agencies and civil society. In addition to being participative, the network formed among those who came to the process results in a collaborative service and product, which translates into Programs and Projects, idealized by a network of people, who believe, from this explosive movement, in the model of shared management, to promote the expansion of the museological process in the Piauí Train Museum, as a living space, vector of human development for the city National Heritage – It was registered at the federal level by the Institute of National Historic and Artistic Heritage in 2008.

Keywords: Museum Management; Railway Heritage; Participatory Museological Plan; Museological Diagnosis; Train Museum of Piauí.

SUMÁRIO

- 1. Introdução | 29
 - 1.1. Primeiras notas | 29
 - 1.2. A arquitetura da equipe e suas conexões | 34
 - 1.3. Enfrentamentos | 37
 - 1.4. O lugar da pesquisa | 44
 - 1.5. Objetivos | 47
 - 1.5.1. Geral | 47
 - 1.5.2. Específicos | 47
 - 1.6. Justificativa | 48
- 2. Revisão de Literatura | 57
 - 2.1. Museu e Museologia | Pensamento Contemporâneo | 62
- 3. Métodos e Técnica | 67
 - 3.1. Tipo de pesquisa | 68
 - 3.2. Materiais | 69
 - 3.3. Aspectos éticos | 71
 - 3.4. Riscos | 73
- 4. Produção e análise de dados | 75
 - 4.1. O Processo Participativo | Conjugando o verbo participar dos conceitos ao diagnóstico | 75
 - 4.2. A Construção Colaborativa | A conjugação do verbo colaborar na Elaboração do Plano Museológico | 95
- 5. Produtos e Serviços | 105
- 6. Considerações Finais | 107
- 7. Referências | 111
- Apêndices | 117
- Anexos | 123



1 INTRODUÇÃO

1.1 Primeiras Notas

Manuelina Maria Duarte Cândido (2014, p.11), estima que quase 60% dos museus brasileiros não têm em seus quadros de funcionários equipe preparada para elaborar um plano museológico. Obviamente que não ter um plano estratégico de gestão que norteie as ações internas e externas de um museu resulta em danos os mais diversos. A maioria dos museus também não possui em seu corpo de funcionários pessoas com formação em museologia, o que corrobora ainda mais para a deficiência do planejamento, da gestão.

Diante dessa realidade, que inclui o Museu do Trem do Piauí, localizado na cidade de Parnaíba, no norte do Estado do Piauí, distante 360 km da capital, Teresina, delimitamos o objeto de estudos e intervenções deste trabalho, atravessado pela necessidade de um olhar sensível sobre as questões que envolvem a gestão de museus. Nesse contexto construímos de forma participativa e colaborativa o trabalho “O processo de elaboração do plano museológico participativo do Museu do Trem do Piauí, em Parnaíba”, com o desafio de construção do Plano Museológico desse equipamento cultural, mantido sob a responsabilidade da Superintendência de Cultural do Município de Parnaíba.

Este trabalho se insere no campo de estudos conceituado nas lições de Áurea da Paz Pinheiro e Rita de Cássia Moura Carvalho, como uma Museologia

que valoriza as ações socioeducativas dos museus, entendidos como espaços de educação não formal. Ações culturais e de comunicação, geradoras de conhecimento, reconhecimento individual e coletivo, que suscitem o desejo em valorizar culturas e identidades, estimular à consciência crítica, afirmar olhares e reflexões, desconstruir discursos oficiais, unilaterais, cartesianos, que negam as memórias de grupos marginalizados e/ou em estado de vulnerabilidade. (2018, p. 207)

Apontamos para uma necessidade premente de diálogos e ações patrimoniais efetivas, numa cidade Patrimônio Nacional, que teve o seu conjunto histórico e paisagístico tombado em nível federal, em 2008, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), mas, até a instalação do Mestrado Profissional em Museologia, em Parnaíba, no ano de 2015, esteve carente de estudos/atividades no campo da **educação patrimonial**, entendida como um processo sistemático e permanente que busca levar os indivíduos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização do patrimônio cultural (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999); e de modelos de gestão dos equipamentos arquitetônicos tombados, que assegurem aos titulares conhecimentos para uso sustentável desses patrimônios, fulcro do fluxo da memória coletiva, no sentido que Maurice Halbwachs (1990) apontou, quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo, marcas de um passado histórico de constituição da cidade que precisamos ressignificar no presente.

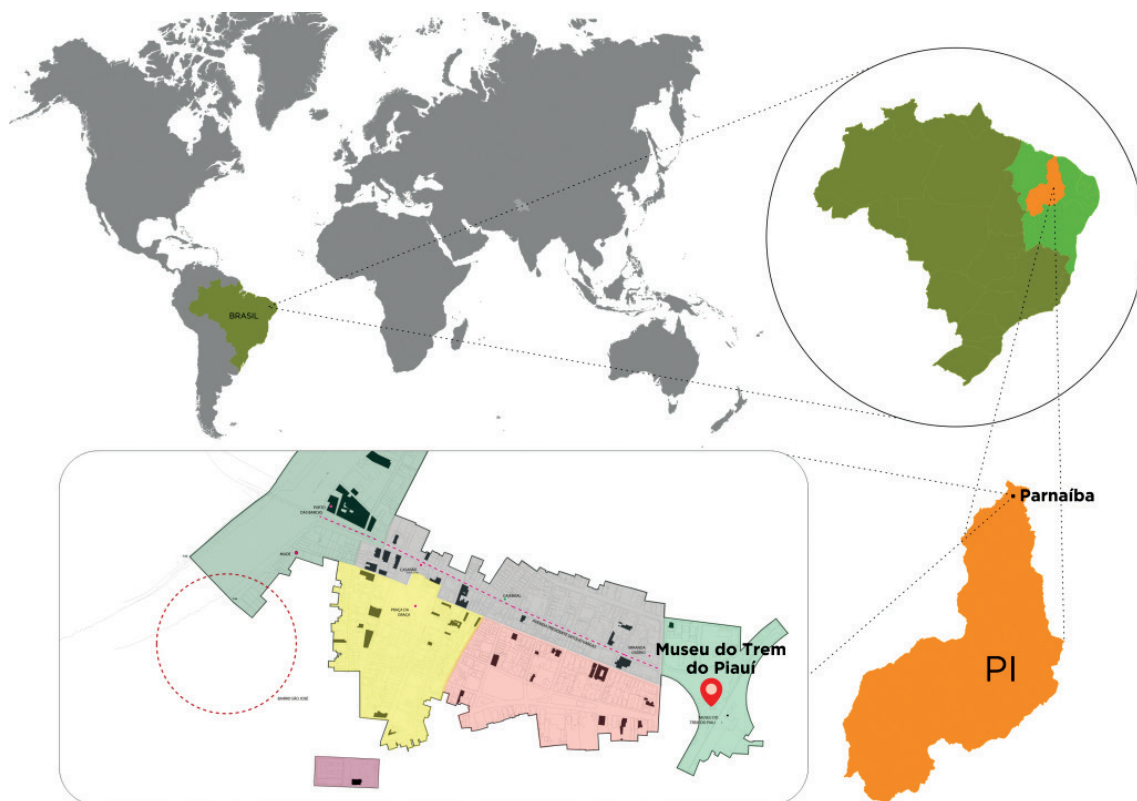


Figura 01. Mapa. Localização do Museu do Trem do Piauí, Parnaíba. | Fonte: Concepção e Desenho, Francisco Pascoal Júnior (2018).

Inscrito do âmbito do Projeto Matriz “Ecomuseu Delta do Parnaíba | MUDE”, do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM) do Campus Ministro Reis Veloso (CMRV) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), com sede na cidade de Parnaíba, Meio Norte do Brasil, nesta investigação e intervenção nos propusemos a construir com a comunidade local, ao longo de 2018, um Plano Museológico participativo, colaborativo e inclusivo para o Museu do Trem, em consonância com os ditames do Estatuto de Museus, lei 11.904/2009, e do Decreto 8.124/2013.

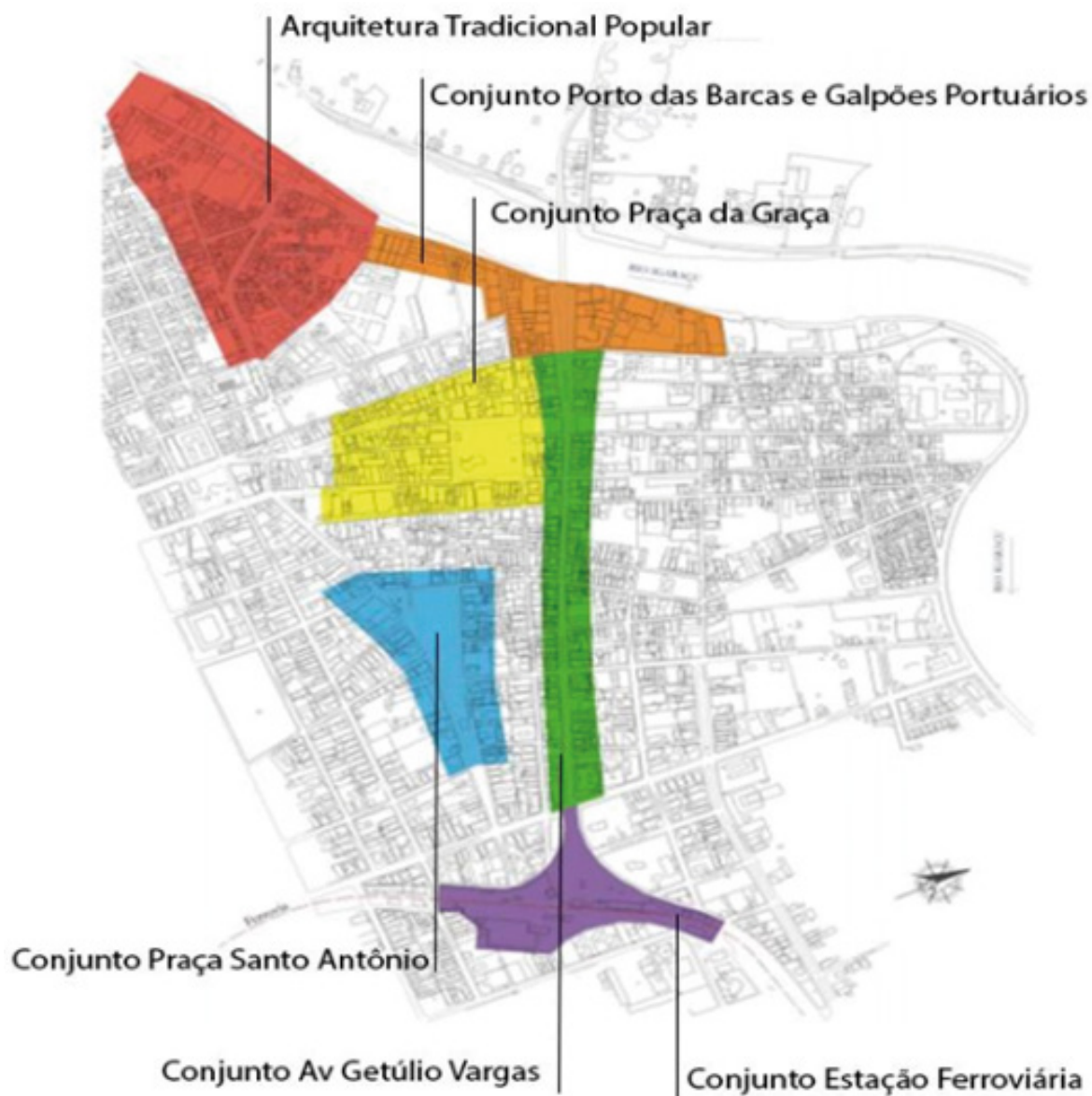
Para atingir nosso objetivo realizamos um conjunto de estudos e intervenções com pessoas da comunidade da cidade de Parnaíba, o que inclui representantes de órgãos governamentais e da sociedade civil, a fim de descortinarmos a função social do museu e o modelo de gestão que precisamos, crentes na promoção de um espaço vivo, ativo, sistemático e atravessado de sinergias. Para tal, tomamos como base metodológica a publicação “Subsídios para elaboração de Planos Museológicos”, do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2016).

Inicialmente, realizamos a identificação, seleção, leitura e interpretação de referências bibliográficas que pudessem nos apoiar quanto a conceitos, métodos e técnicas, para a defesa da institucionalização de um museu que renuncie à visão clássica, até então naturalizada no município de Parnaíba, para uma versão aberta e interativa de museu, que supõe a participação da comunidade no processo de reconhecimento, gestão e proteção do patrimônio cultural no espaço público, que seja tomado a partir daí como vetor de desenvolvimento local sustentável.

Elegemos o Museu do Trem do Piauí, como objeto de estudos e intervenções por se tratar de um equipamento cultural, marco histórico da preservação da memória na cidade de Parnaíba, por nos permitir construir um trabalho efetivo, sistemático associado ao fazer museológico local; um equipamento cultural que se constituiu muito antes de se pensar em institutos de proteção, como o tombamento do conjunto histórico de Parnaíba (2008), que hoje inclui a área onde está localizado o Museu- Conjunto da Estação Ferroviária, tutelado como patrimônio nacional, pelo IPHAN.

Para Áurea Pinheiro (2010),

O Tombamento do Conjunto Histórico e Paisagístico datado de 2008 foi realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), após análise do Dossiê “Cidades do Piauí, Testemunhas da ocupação do interior do país nos séculos XVIII e XIX” pelo Conselho Consultivo, em reunião extraordinária para esse fim, seguiu-se o previsto no Regimento da Instituição, após documentação enviada pelo presidente do IPHAN. Há o tombamento, mas não há ainda uma nova postura diante do conceito de cidade patrimônio nacional, com bens protegidos; agentes públicos e privados não percebem a urgência da proteção desse patrimônio cultural. Os agentes públicos e privados precisam criar juntos instrumentos efetivos para lidarem com proteção e revitalização



Mapa. Localização das áreas do Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba. | Fonte: IPHAN, 2008. Edição: Anik Assunção, 2018.

dos Conjuntos Tombados no Centro Histórico, há um estranhamento da população residente e uma ingerência dos órgãos de proteção. O sítio histórico de Parnaíba tem característica peculiar, mesmo com inúmeras modificações na arquitetura e urbanismo da cidade, o Centro Histórico mantém-se centro administrativo, comercial e residencial do município, há edificações abandonadas, relacionadas com a área portuária, hoje, desativada. (PINHEIRO, 2010)

O Museu, ora objeto de nossas reflexões e trabalho, é um instrumento de desenvolvimento comunitário, mas precisa implementar uma prática de ação política libertadora, usando essencialmente os recursos do território, do patrimônio cultural e das pessoas; estimulando a pesquisa participativa para o autoconhecimento; integrando as gerações e promovendo o intercâmbio, a força criativa e o poder transformador da comunidade local.

Como forma de por em evidência as reflexões deste estudo, procuramos apresentar nas conclusões o que denominamos no título por **“presenças” e “ausências”** desse processo. O termo “presenças e ausências” está vinculado a ideia de representação abordada por Lefebvre (1983) e está ligado a maneira como o outro se manifesta, com tudo o que isso implica: produção, alteridade, forma de agir, pensar, falar, calar, se posicionar.

Para Lefebvre, “presença e ausência são unidade e contradição, supõem uma relação como movimento dialético: não há presença absoluta, nem ausência absoluta” (LEFEBVRE, 1983, p. 283). Nesse contexto são respostas aos objetivos e às questões estabelecidas na pesquisa.

Em, **“La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones”**, Lefebvre estabelece como marco conceitual do livro a ideia de que a verdade [se é que ela existe] não se encontra no princípio, mas no final do trajeto.

Não se começa nem por evidências, nem por axiomas, mas sim por proposições no sentido amplo. A distinção mesma entre o verdadeiro e o falso não se coloca no princípio. O pensamento avança, descobre ao andar e se descobre ao avançar. O incipit tem algo de arbitrário. O importante é começar. (LEFEBVRE, 1983, p.27)

É o que nos propomos aqui, dialogar sem impor verdades, no entanto distinguindo e deixando claro o que se quer, pra onde vamos e se não vamos porque não iremos. Desejando que o processo [andar, avançar] realce a dialética entre atividade e passividade, entre movimento e repouso, entre interiorização e exteriorização, entre aparência e essência (SARTRE, 2005).

Não nos propomos aqui a resolver a crise das ausências. Ao invés de absorvê-las, cedemos lugar a cotidianidade, as vivências em grupo e o que podemos projetar delas, fazendo de cada palavra/intenção trazida ao Plano Museológico, um signo de representação da presença.

1.2 A arquitetura da equipe e suas conexões

Dentro da proposta de elaborarmos um plano museológico participativo, a necessidade de constituição de um grupo de estudos se fazia premente. Diante da pequena equipe do Museu do Trem do Piauí, na verdade, dois servidores, não museólogos, sentimos a necessidade de abriremos um chamamento público a quaisquer da comunidade que se sentissem estimulados em colaborar com o processo, potencializando as discussões e as tomadas de decisão.

Inicialmente, para maximizarmos a capacidade do grupo que tinha como perfil ideal apenas o interesse no objeto de estudo, adotamos como estratégia o envio de cartas/convites a dirigentes de órgãos e instituições que pelo papel de suas atividades sociais tivessem afinidade com o tema. Essas instituições, assumiram o papel de 'chave' do sistema, para acessarmos componentes desejáveis a fim da formulação de uma política cultural. Não necessariamente nosso interesse fosse formar um grupo de gestores, que respondessem por suas estruturas organizacionais, mas que pudessem contribuir com a mobilização, sensibilização e comunicação do processo de investigação-ação, tanto em seus ambientes de trabalho, quanto em suas ações cotidianas de convívio em comunidade.

Um segundo passo para a formação do grupo de trabalho foi a utilização de veículos de comunicação locais e redes sociais para a divulgação do processo em que se pensou coletivo, comunitário.

Em sua localização, no contexto do Centro Histórico de Parnaíba, o Museu do Trem do Piauí, pode ser visto como uma ilha. De um lado isolado pela desativada via de percurso do trem, e de outro uma grande esplanada, marcada por um vazio populacional, casas abandonas para venda ou aluguel. Essa característica faz com que se tenha uma ausência de líderes comunitários, a exemplo de associações de moradores e ou de bairro, convidados/vinculados diretamente ao processo. O próprio centro histórico, de Parnaíba, em seu ar cosmopolita é afetado por um vazio urbano, fruto de um desinteresse social da área enquanto lugar de habitação.

Entretanto, essa ausência de associações de moradores e ou de bairro, é suprida pela atuação de produtores, fazedores e pesquisadores da cultura local que se fazem presentes nas discussões de problemas e soluções que perpassam o campo, categoria em que me insiro. Como tal, me coloco na pesquisa não como um pesquisador apenas, mas como um membro comunitário disposto a contribuir na elucidação das questões que afetam meu grupo social, postura que me deixa confortável diante da escolha metodológica da pesquisa, a pesquisa-ação, que firma-se, nesse extremo, como transpessoal (BARBIER, 2002).

Na arquitetura da equipe que se formou registramos através do chamamento às Instituições de Ensino Superior, professores e alunos, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), tendo o Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia como articulador; a Universidade Estadual do Piauí (UESPI), a Faculdade Internacional do Delta (FID) e a Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU). Oriundos de gestão de cultura, registramos dirigentes e demais servidores, da Superintendência de Cultura de Parnaíba, onde se inserem os servidores do museu, e do Escritório Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). No seguimento de organizações culturais, membros do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba (IHGGP).

Já oriundos do chamamento nos veículos de comunicação, tivemos como perfil dos participantes professores, historiadores, artistas e produtores culturais, pessoas que tem histórico de atuação na militância de causas culturais.

Nessa composição, importa abrir um parêntese para apresentação dos dois servidores municipais, responsáveis pela manutenção do museu. Ambos trabalham em regime de 40 horas semanais. Um deles é o senhor José Maria Rodrigues da Silva, nascido em 1974. Funcionário efetivo do município, na função de zelador, da Secretaria Municipal de Educação, o senhor José Maria está cedido a Superintendência de Cultura, que o destinou ao museu desde o ano de 2015. Desde então, para além do seu enquadramento funcional, Zé Maria, como é conhecido, tem sido um guardião desse patrimônio. Com formação em Pedagogia e Ciências Econômicas, ele também atua como professor da rede pública e privada de ensino desde o ano de 1998, motivo pelo qual orgulha-se.

O outro servidor é o senhor, Francisco Cláudio dos Santos Almeida, nascido em 1942. Técnico em Contabilidade, o senhor Cláudio atuou na gerência de empresas, a maioria supermercados, tanto no Rio de Janeiro, quanto em Parnaíba, onde também teve experiência como diretor de escola municipal. Atualmente o senhor Cláudio, é servidor não efetivo, na função de Gerente de Controle e Fiscalização, na Secretaria do Setor Primário e Abastecimento, cedido para a Superintendência de Cultura, onde presta serviços ao museu.

Os dois servidores, dividem-se na função de guarda e zelo do Museu do Trem do Piauí, sem funções específicas e mesmo sem qualificação em museologia, valem-se do seu bom senso para desenvolverem as atividades de limpeza, guarda e recepção dos visitantes. Aplicados, estão sempre com livros e recortes históricos sobre a EFCP nas mãos preparando-se para dividir com os visitantes um pouco das histórias que sabem. Como nem todas as oficinas de elaboração do plano aconteceram no museu, por questões da limitação do espaço físico, nem sempre eles participaram das etapas do planejamento, tendo em vista que um ou outro deveria manter o equipamento aberto para a recepção do público. Em virtude disso,



Legenda:

- **Universidade Federal do Piauí (UFPI)**
Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia
Pesquisador: Helder Souza
Orientadora: Dra. Áurea da Paz Pinheiro
Co-orientador: Jonei Bauer
- **Universidade Estadual do Piauí (UESPI)**
Lêda Vieira
Luan Carvalho
- **Faculdade Internacional do Delta (FID)**
Josenias Silva
Naudiney Gonçalves
Hélcio Carvalho
- **Faculdade Maurício de Nassau (NASSAU)**
Guilherme Bröer
- **Superintendência de Cultura**
Albert Piauhy
Alessandra Mota
- **Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba (IHGGP)**
Cosme Costa Sousa
Diderot Mavignier
- **Funcionários do Museu do Trem do Piauí**
José Maria Rodrigues
Cláudio Almeida
- **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)**
Rayla Meneses
- **Empresa Privada: Codiworks**
George Max
- **Públicos/ Utilizadores**
Dalva Fontenele
Fabrício Amado
Adriana Tenório
Aureliano Neto
Jean Lucas
Sabrina Castro
Joel Neves

Figura 03. Mapa conceitual da teia de pessoas e instituições participantes da Elaboração do Plano Museológico do Museu do Trem do Piauí. | Fonte: Conceito e desenho, Francisco Pascoal Júnior (2018).

tivemos a preocupação de partilhar todas as informações do ocorrido nas oficinas, em visitas extras a eles, momento em que ao passo em que comunicávamos o desenvolvimento da pesquisa, validávamos as informações que surgiam ao longo do processo. Cláudio e Zé Maria, forma grandes colaboradores e informantes principalmente durante a realização do diagnóstico da instituição, uma vez que ninguém mais do que os dois reuniam informações sobre as necessidades cotidianas do equipamento cultural.

Esse é o perfil dos públicos que participaram de oficinas e ações motivadas pela museologia participativa. Como resultado dessa teia, apresentamos um mapa conceitual exibido na figura 03, em que instituições e pessoas são identificadas com as cores que definem como originariamente se deu as vinculações ao processo, no entanto reiteramos que no desenvolver da metodologia as pessoas não estavam arguindo como instituição. As vozes que se somaram na elaboração do PM são de sujeitos, membros da comunidade local, que trabalham na área da cultura e do patrimônio e que tiveram uma condição de contribuição muito maior para a proposta do trabalho, disponibilizado para a participação dessas pessoas.

1.3 Enfrentamentos

O Centro Histórico e Paisagístico de Parnaíba contém a essência de mais de 300 anos de vivências em processo de transformações, constituindo uns dos conjuntos arquitetônicos dos mais antigos do Brasil.

Com traços da colonização europeia portuguesa, mantém ainda muitas edificações em estado original, que testemunham o pluralismo que resiste ao longo de séculos. Inscrita na lista das cidades tombadas pelo IPHAN, desde 2008, resta, após uma década, uma incompreensão pela população, o que inclui agentes públicos, privados e sociais, sobre a importância do **Tombamento** – Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 – e ou de outro instrumento de proteção como a **Valorização do Patrimônio Cultural Ferroviário** – Lei nº. 11.483/2007 – desse rico patrimônio.

Nessa paisagem cultural, entendida como “porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores” (BRASIL, 2009), encontra-se instalado desde o ano de 2002, o Museu do Trem do Piauí, criado para preservar a **memória e história** do período da Estrada de Ferro no Piauí(1922-1975). Para Pierre Nora,

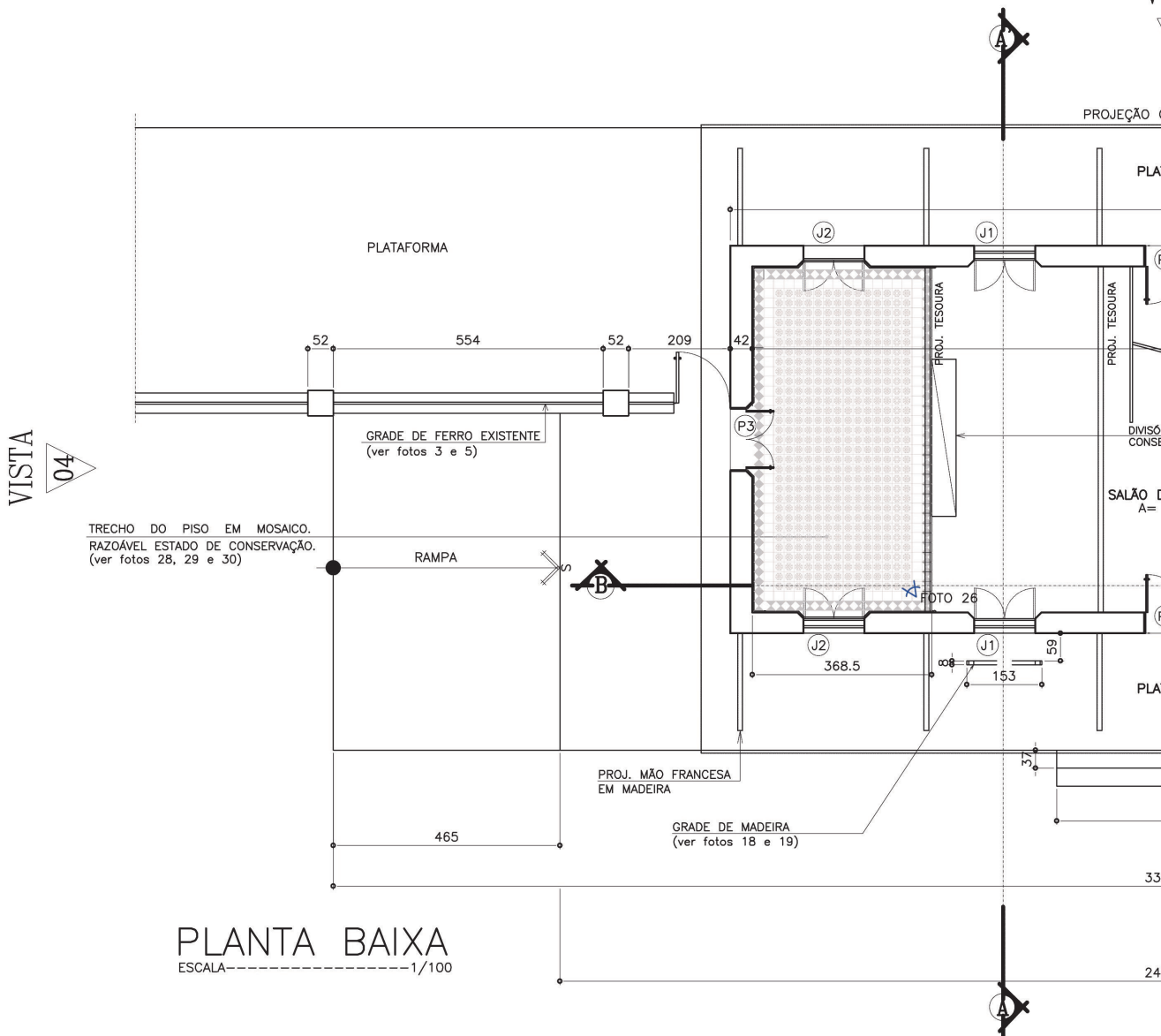


Figura 04. Planta Baixa do Museu do Trem do Piauí. | Fonte: IPHAN.

VISTA

03

COBERTURA

PLATAFORMA

1867

PROJ. TESOURA

1777

PLATAFORMAS DE MADEIRA

CONSERVAÇÃO RAZOÁVEL.

ÁREA DE EXPOSIÇÕES

126,91m²

FOTO 27

FOTO 25

PLATAFORMA

S

520

97

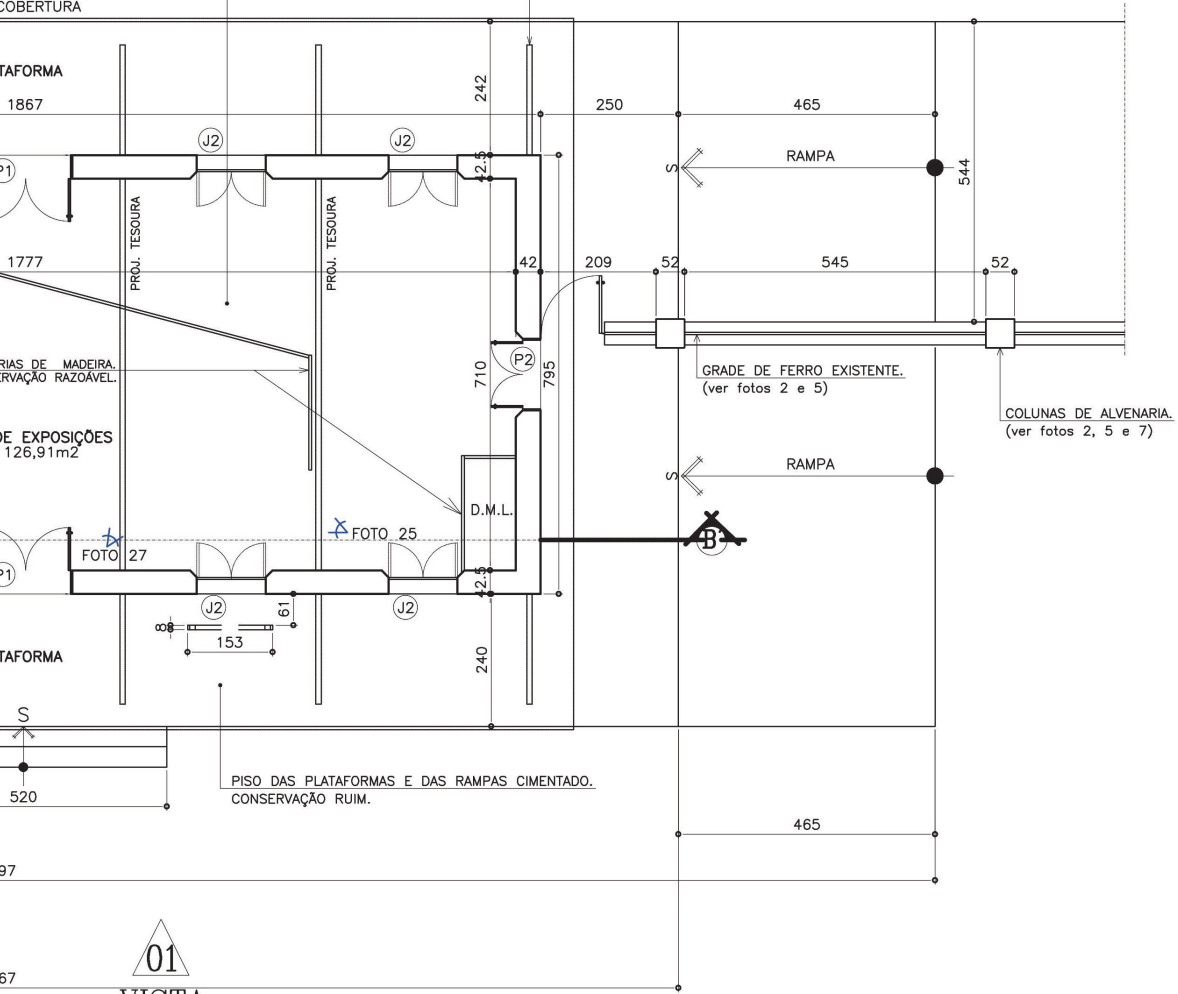
67

01

VISTA

PISO DO SALÃO DE EXPOSIÇÕES EM GRANILITE. RAZOÁVEL ESTADO DE CONSERVAÇÃO.

PROJ. MÃO FRANCESA EM MADEIRA



02

VISTA

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente: a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p.9)

Na dissertação de Mestrado em História do Brasil, “Caminhos da Estrada Ferro: A ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916-1960”, Lêda Vieira, destaca em sua pesquisa que a Estrada de Ferro Central do Piauí (EFCP),

[...] quando em funcionamento, representou um importante meio de transporte para os produtos da economia piauiense, pois partia de Parnaíba, estendendo-se, em 1923, até Piracuruca, onde eram embarcadas diversas mercadorias (tucum, mamona, cera de carnaúba, óleo de babaçu, mandioca, etc.) e levadas, pelos trilhos, as cidades dotadas de estações ferroviárias, como Cocal, Piracuruca e, muitos anos depois, Piripiri (1937), Campo Maior (1952) e Teresina (1969). (VIEIRA, 2010, p.19)

A pesquisadora Maria Dalva Fontenele Cerqueira, no trabalho intitulado *Entre Trilhos e Dormentes: a Estrada de Ferro Central do Piauí na história e na memória dos parnaibanos (1960-1980)*, realizado em 2015 no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – PPGHB/UFPI, aborda o processo de desativação da Estrada de Ferro Central do Piauí que se desdobra no desejo de salvaguarda das memórias e histórias, que ganham suporte na existência do Museu do Trem do Piauí.

Com a desativação, a história da estrada ficou guardada na memória dos parnaibanos que viajavam, trabalhavam ou mesmo daqueles que ficavam na janela esperando o trem passar, que sentiam medo e admiração. Essa memória alimentada pelos trilhos que resistem à ação do tempo, pelas estações ferroviárias que continuam erguidas e até mesmo entre as pessoas que não participaram desse momento, mas têm uma memória construída sobre a época em que o Piauí tinha uma ferrovia, pela convivência com os ferroviários, ouvindo suas histórias dos tempos do trem, e convive com o patrimônio ferroviário presente na cidade de Parnaíba e nas demais cidades piauienses que foram servidas por esse meio de transporte. (CERQUEIRA, 2015, p.60)

Apesar da pequena estrutura física do edifício que abriga o acervo musealizado, com área edificada de 126, 91 m², o Museu do Trem do Piauí, mantém uma grande ligação com a população e identidade

do território, sobretudo pelas memórias dos que vivenciaram cotidianamente o período áureo de funcionamento da ferrovia ou pela relação da antiga Estação Ferroviária no traçado urbano de Parnaíba, tombado pelo IPHAN em 2008. Nessa linha de pensamento, F. J. Moreira (1992, p.73, apud CAFÉ, 2007, p. 36) define identidade local como “[...] sendo um sentimento de pertença, uma mistura de possessão e de identificação face aos diversos elementos que constituem um determinado espaço”.

Na contemporaneidade o Museu do Trem do Piauí não atende a diversas recomendações do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM e diretrizes da lei 11.904/2009 (Estatuto de Museus) relacionadas à criação de museus, carecendo de institucionalização. Para o estatuto:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que **conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo**, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. [...]

Art. 15. Os museus públicos serão regidos por ato normativo específico. [...]

Art. 44. É dever dos museus elaborar e implementar o Plano Museológico. (BRASIL, 2009)

Portanto, o equipamento cultural não se enquadra em um conjunto de critérios para ser classificado como um Museu, *stricto sensu*, apto a receber benefícios de políticas públicas para o setor, como prêmios oriundos de participação em editais públicos para modernização dos museus brasileiros, que estabelecem dentre as condições de participações, elementos constitutivos básicos à atuação de um museu junto à sociedade.

Frente à possibilidade de perda de memórias e identidades, suportes materiais presentes no Conjunto Estação Ferroviária, como a Maria Fumaça 29, locomotiva fabricada nos Estados Unidos, em 1920, incluída no Inventário das Locomotivas a Vapor do Brasil, sendo, portanto, a única do Piauí a fazer parte da Memória Ferroviária Nacional (SUPERINTENDÊNCIA MUNICIPAL DE CULTURA DOMUNICÍPIO DE PARNAÍBA –PI, apud MELO, 2017), instalada no pátio da Esplanada da Estação, próxima do Museu, os prédios que ajudam a narrar a história da urbanização da cidade, e o acervo com 415 objetos que compõem o acervo museológico, é necessário, tanto desenvolver estudos/processos que proporcionem adequação ao que determina o Estatuto de Museus, para que instituições com esse perfil se atualizem às novas exigências e se firmem como Museus, a exercerem a função social de estarem a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, deixando de lado o perfil de coleções visitáveis¹, o que é hoje o Museu do Trem do Piauí.

¹ São consideradas coleções visitáveis os conjuntos de bens culturais conservados por uma pessoa física ou jurídica, que não apresentem as características previstas na Lei nº 11.904, Estatuto de Museus, e que sejam abertos à visitação, ainda que esporadicamente.

Diante dessa realidade, surge o desafio da difícil definição de contornos entre o que é ou não um museu, e mais ainda sobre o que é um bom museu: um ideal de qualidade em museus também não é algo que possa ser definido no singular, e é mais factível pensar em metas de qualificação institucional (DUARTE CÂNDIDO, 2014).

Nesse sentido, o projeto “O processo de elaboração do plano museológico participativo do Museu do Trem do Piauí,” pensado de forma articulada com o Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí- UFPI, justifica-se por compreendermos a necessidade de propormos soluções para corrigir essas distorções, em parceria com a comunidade interessada.

Consciente do mister de contrariar o esquecimento do acúmulo de todas essas riquezas culturais, históricas e ambientais desse território, que se traduz num patrimônio *sui generis*, o Mestrado em Artes Patrimônio e Museologia – UFPI, com foco na melhoria da qualidade de vida e condição humana dos autóctones que também são patrimônio e elo deste com a vida concreta, propõe-se a desenvolver o projeto matriz “Ecomuseu Delta do Parnaíba | MUDE”, que se apoia na formação de uma Rede de Museus, diante da existência de equipamentos culturais autônomos da região, que podem somar esforços e otimizar recursos humanos e materiais de forma a permitir planejamento e execução de programas, projetos e ações em conjunto. As redes favorecem a existência sistemática e qualificada dos equipamentos culturais – neste caso os museus de território, cuja natureza é a participação das comunidades locais e agentes públicos e privados. O MUDE constituindo-se num projeto de musealização integral e integrador, polinucleado, que deve ser constituído paulatinamente com as populações das comunidades inseridas na Área de Proteção Ambiental – APA, Delta do Parnaíba, como a cidade de Parnaíba, a partir do modelo de Rede e de Ecomuseu. Essa tipologia nos serve como base de integração entre agentes públicos e privados a serviço do desenvolvimento educacional, sociocultural e ambiental para a região, em uma perspectiva mais ampla no campo da museologia inovadora e social. É a este projeto maior que nos vinculamos, pensando o quão positivo pode ser a participação do Museu do Trem do Piauí nessa rede.

Para a compreensão do espírito desse ideal, cumpre-nos esclarecer que o conceito de Ecomuseu, contraria a ideia de museu como edificação meramente guardiã de objetos do passado e intocáveis; para expressar a ideia de museu interacionista², que traduz uma tendência atual de relação com o patrimônio local, tendo a comunidade como polo ativo de participação nos processos de gestão de seus bens culturais que integram a paisagem cultural, o que inclui os patrimônios materiais, imateriais e naturais. Para o ecomuseu o principal objeto museal é o ser humano presente e vivo na comunidade e sua relação

2 Referimo-nos ao conceito apresentado por Vygotsky, para quem o **Interacionismo** é a interação entre o indivíduo e a cultura, fundamental para que o indivíduo se insira em determinado meio cultural para que aconteçam mudanças no seu desenvolvimento. O ser humano não é compreendido como ser passivo, mas, ao contrário, assume um papel ativo, utilizando-se dos objetos e de suas significações para conhecer, aprender e consecutivamente, se desenvolver.

sensível entre seus patrimônios e a realidade. Seu objetivo é a valorização do território, das pessoas, do patrimônio cultural.

Desse modo, o presente estudo assumiu a forma de uma investigação-ação no qual foi defendido o alargamento do projeto museológico do Museu do Trem, em curso desde sua inauguração, propondo construção de um Plano Museológico, contribuindo decisivamente para atingir os objetivos supra mencionados do PPGAPM.

Somos convictos de que este Museu é uma peça essencial para a estratégia de desenvolvimento sustentável do município de Parnaíba, atuando como reforço da identidade local, bem como a forma mais eficiente de promoção, tanto interna como externa, do território, afirmando-se como um elemento mobilizador para o desenvolvimento social, cultural e econômico desse mesmo território.

No seu essencial, pretende-se analisar uma dada realidade local e apresentar um modelo de gestão museológica que, paulatinamente, contribuirá para o desenvolvimento da região tendo em vista, por um lado, a salvaguarda do acervo já existente e, por outro lado, a sustentabilidade desse ‘ecossistema’ cultural pensado pelo PPGAPM.

O envolvimento da comunidade local enquadra-se no contexto inovador do museu integral (LEITE, 2017), ou seja, uma instituição destinada a fornecer à comunidade onde se insere, uma visão além do que pode ser percebido em suas coleções, que tome por base a participação como elo da herança cultural.

Levando em consideração a totalidade dos problemas e interesses da comunidade, o museu, enquanto ação ou instrumento político, assume uma função social, calcada na nova museologia, onde nos apoiamos para definirmos novas estratégias.

[...] instituições ao serviço da comunidade, que têm como missão crucial participar na formação da consciência da comunidade que servem, de forma a que esta apreenda através de um quadro histórico os problemas do homem enquanto indivíduo e enquanto ser social. (UNESCO, Declaração de Santiago do Chile, 1972)

É evidente, que para a completude do projeto matriz, que se propõe a reunir, conservar, investigar e divulgar a rica e complexa paisagem cultural do Delta do Parnaíba, haverá a necessidade do desenvolvimento de outros núcleos, por adotar em sua descrição o caráter polinuclear. Nesse ponto, o Museu do Trem do Piauí seguirá à frente, pois, com edificação própria, coleção inventariada, reconhecimento do seu valor afetivo pela comunidade, o modelo de auto-organização e institucionalização elaborado de forma participada, objetivo desta proposta de trabalho, com base nos pressupostos apresentados, será um modelo para o território. Um instrumento que para além da promoção sirva de chancela para os direitos

culturais frente às exigências formais que qualquer organização enfrenta, seja no processo de mobilização, seja no dicotômico conflito entre cultura e sustentabilidade.

Para se criar um museu é preciso ter um projeto. Uma coleção não é um projeto; um prédio não é um projeto. Então, esse projeto terá como base uma missão que outro museu não está desenvolvendo ainda e que irá assumir (DUARTE CÂNDIDO, 2014). Partindo daí, este projeto de ação investigativa se debruçará em responder qual o modelo ideal de gestão para o Museu do Trem do Piauí, trazendo como premissa que apesar da institucionalização ser uma questão formal, devemos (WICHERS, 2013) priorizar o processo coletivo, compreendido aqui como intervenção social.

1. 4 O lugar da Pesquisa

Sob a Luz do sol do equador e banhada pelo Oceano Atlântico a cidade de Parnaíba, com área de 435. 564 km² e população estimada em 150.547 pessoas (IBGE|2017), está localizada na região norte do Estado do Piauí, tida como porta de entrada do Delta do Parnaíba, título popularmente atribuído por integrar a Área de Proteção Ambiental (APA) – criada pelo Decreto Presidencial em 28 de agosto de 1996, com uma área de cobertura de 2.750km² –, e possuir a melhor infraestrutura dentre os municípios que integram essa formação geográfica de encontro do rio com o mar, única nas Américas, unidade biodiversa composta por manguezais, praias, restingas, dunas fixas e móveis, planícies flúvio-marinhas e lacustres, caatinga e áreas de carnaubal. Além da zona costeira da cidade de Parnaíba, a APA Delta do Parnaíba integra as cidades também está localizado nas cidades de Cajueiro da Praia, Luis Correia e Ilha Grande, no Piauí; Araisos, Água Doce, Tutóia e Paulino Neves, no Maranhão; Chaval e Barroquinha, no Ceará.

Para se ter noção da importância dessa área no contexto global, conceitue-se APA como um tipo de unidade de conservação definida pela Lei Federal nº 6.902 de 27 de abril de 1981, instrumento pelo qual o poder executivo estabeleceu que quando houver relevante interesse público poderá declarar área do território nacional como de interesse para a proteção ambiental a fim de assegurar o bem estar das populações humanas e conservar ou melhorar as condições ecológicas locais.

Entre os pontos que compartilham em comum os municípios do Delta, está a vocação comercial das Zonas Litorâneas, como porta de entrada e saída para *hinterland* pré-amazônico como para o *hinterland* sertanejo. Outro ponto comum é a tradição da pesca artesanal, resultante de condições favorecidas pelo ecossistema. E, finalmente, a vocação turística e ecológica determinada pelo rico potencial de toda a faixa litorânea que compõe o Delta do Parnaíba (MINISTÉRIO DO MEIO-AMBIENTE, 2000, p.42)

Em função da paisagem, a produção e geração de renda em muito se vinculam as características do meio, ao extrativismo e exploração turística. Parnaíba destaca-se nesse contexto por possuir população quase que eminentemente urbana que contribui para a atividade comercial, a exportação de recursos vegetais, em especial a cera de carnaúba, óleo de babaçu, gordura de coco, folha de jaborandi, castanha de caju, acerola, algodão e couro. A cidade constituiu-se também na atualidade como um pólo educacional estratégico da Educação Básica, Ensino Superior e Pós-graduação *Lato e Stricto Sensu*. É a segunda maior e mais rica do Estado do Piauí, com PIB ficando apenas atrás da capital, Teresina (IBGE, 2014).

A denominação do município “Parnaíba” ocorreu em virtude da nomenclatura do rio, – nascido na Chapada das Mangabeiras, extremo sul do Maranhão –, que por sua importância é o denominador de todo o Delta. Testemunha do processo de colonização do Brasil, serpenteada pelo Rio Igarçu e ancorada num dos seus principais cartões postais, o “Porto das Barcas”, Parnaíba ergue-se desde meados da segunda metade do século XVIII dentro de uma pluralidade arquitetônica com influências portuguesas, inglesas até o *art déco* dos conceitos emblemáticos de seu casario.

Em seu traçado urbano guarda memórias de três séculos conservando ainda grande parte de seu patrimônio cultural. Elevada a categoria de cidade em 1844, teve importantes ciclos econômicos com o charque, o couro e a carnaúba. É diante da relevância facilmente perceptível na leitura desse contexto que, em 2008, Parnaíba tornou-se legalmente protegida por Tombamento³ Federal proposto pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN [2008], passando ao título de Patrimônio Nacional.

Nesse diapasão, mesmo com mais de vinte anos de legalização da APA do Delta e quase dez anos de tombamento federal, ainda não há uma postura reflexiva diante do conceito de patrimônio cultural como um instrumento estratégico para o desenvolvimento e autoestima local. É latente a ausência dessa identidade por parcela da população que se sirva da autoestima que esses títulos deveriam gerar. Tal problemática denota a ausência de ações que criem laços de cooperação técnica entre agentes públicos, privados e a comunidade residente; e de que não haja de forma homogênea a percepção da urgência da proteção do rico e complexo patrimônio cultural.

Sobre o Conjunto da Estação Ferroviária, Finger (2010) afirma que o edifício da antiga sede da estação é onde hoje funciona o Museu do Trem do Piauí, que mesmo reformado, manteve suas características arquitetônicas ecléticas da década de 1920; e que também há no conjunto algumas edificações com arquitetura em *art déco*, como o antigo almoxarifado, onde atualmente funciona a sede da Secretaria

³ Ato administrativo realizado pelo Poder público com o objetivo de apresentar, através da aplicação da legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados.

Municipal de Educação, e o antigo posto de saúde da EFCP, que hoje abriga a sede do Corpo de Bombeiros de Parnaíba; e o antigo armazém da extinta Estrada de Ferro Central do Piauí.

O Museu do Trem do Piauí foi instalado e inaugurado em 15 de agosto de 2002, com o objetivo de preservar a memória do período de desenvolvimento da ferrovia no litoral piauiense, é considerado patrimônio histórico nacional por meio de tombamento realizado pelo IPHAN no ano de 2008. Segundo Vieira (2010), o Museu do Trem do Piauí, foi criado através de convênio entre a Prefeitura de Parnaíba e a Rede Ferroviária Federal S. A. (RFFSA), que concedeu à Prefeitura todo o terreno do parque da antiga estação de passageiros com seus diversos imóveis e uma coleção de peças e equipamentos da época de funcionamento da ferrovia. O convênio que deu origem ao museu surgiu de iniciativa do senhor Benjamin Santos, dramaturgo e teatrólogo de Parnaíba, atualmente com 77 anos de idade, superintendente de cultura do município na época da instalação do equipamento cultural, considerado por muitos como o fundador do Museu do Trem do Piauí.

Em Parnaíba, o acervo de bens móveis históricos do Museu do Trem do Piauí é constituído de um aparato completo que auxiliava os operários e passageiros da ferrovia como uma estação de passageiros, pátio de manobra, inspetoria de transportes e comunicação, arquivo, almoxarifado, posto médico, tipografia e uma oficina de manutenção das linhas férreas, da locomotiva, dos vagões, locomoveis, gôndolas, troles, etc. Além de fotografias que retratam a história da ferrovia [do primeiro engenheiro, Miguel Furtado Bacellar, das antigas locomotivas, de operários, do universo do trabalho, etc.] e equipamentos de apoio da estação e dos funcionários [relógios, cadeiras de passageiros, telefones, carimbos, alicates perfuradores de passagens, carregador de bateria, relógio de pressão, tacógrafo de locomotiva, máquinas de calcular, dentre outros] (VIEIRA, 2010). A maior parte do acervo foi obtida por meio de doação, além dos equipamentos cedidos pela RFFSA, uma grande quantidade de fotografias e quadros foi doada pela Fundação Raul Bacellar.

1.5 Objetivos

1.5.1 Geral

Elaborar de forma participativa e colaborativa com agentes públicos, privados e sociais, com a comunidade local e funcionários do Museu do Trem do Piauí um Plano Museológico para esse equipamento cultural.

1.5.2 Específicos

- Mobilizar pessoas e instituições a conectarem-se ao Museu do Trem do Piauí, em caráter sustentável e evolutivo;
- Promover encontros/eventos que estimulem o pensamento crítico sobre a importância da preservação do patrimônio cultural local;
- Definir a identidade institucional do museu, no que se refere a sua missão, visão e valores;
- Realizar oficina sobre a importância do acervo da memória ferroviária, exposto no Museu do Trem do Piauí, a fim de discutir o potencial educativo dos objetos que lá se encontram;
- Elaborar um diagnóstico participativo situacional que auxilie na análise do ambiente do Museu do Trem do Piauí;
- Elaborar de forma colaborativa programas e projetos, a partir do diagnóstico situacional, para nortear a operacionalização das atividades do museu e para a atuação dele junto à sociedade.

1.6 Justificativa

Este projeto surgiu como resultado do trabalho de sensibilização para o papel social dos museus realizado pela coordenação, professores e alunos do Mestrado Profissional em Museologia. No início do ano de 2017, realizamos, com mais 14 mestrandos, um “Diagnóstico do Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba-PI”, usamos para nossos estudos o trabalho do Mestre em Museologia - UFPI, Antônio Luesjhon dos Santos Melo, que produziu um trabalho de “DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA – Inventário do acervo do Museu do Trem do Piauí”. Melo (2017), aponta que o Museu do Trem do Piauí não atendia a diversas recomendações do IBRAM e normas da lei 11.904/2009 (Estatuto de Museus) relacionadas à criação de museus, o que o descredenciava perante o cadastro daquele órgão e o impedia de gozar de direitos e de políticas públicas acessíveis a museus institucionalizados.

Em instância internacional, encontramos amparo no Código de Ética do Conselho Internacional de Museus (ICOM), elaborado em sua 15ª Assembleia Geral, realizada em Buenos Aires, Argentina, em 4 de novembro de 1986, com consequentes modificações em assembleias posteriores, que estabeleceu as normas mínimas para os museus e seus profissionais, determinando que a autoridade de tutela do patrimônio teria a responsabilidade de assegurar que o museu teria um estatuto, um regimento, ou outro documento oficial, conforme a legislação nacional em vigor. Ao tornar-se membro do ICOM, o Brasil se comprometeu na adoção das orientações desse documento (CÓDIGO DE ÉTICA DO ICOM, 2010, p. 15).

Nesse diapasão, apoiamo-nos, nas leis para os museus brasileiros: Lei nº 7.287, de dezembro de 1984, que “[...] dispõe sobre a Regulamentação da Profissão de Museólogo”; Lei nº 11.328, de 24 de julho de 2006, que “[...] institui o ano de 2006 como o Ano Nacional de Museus”; Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que “[...] institui o Estatuto de Museus e dá outras providências”; Lei 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus, e do Decreto 8.124/2013, que regulamenta dispositivo destas duas últimas leis.

No Brasil, os museus são respaldados por um conjunto de leis que vão desde a formalização e reconhecimento da profissão do museólogo até a maneira como essas instituições podem proceder para usufruir dos benefícios disponibilizados pelo poder público. Também precisa ser levada em conta o fator interdisciplinar, que possibilita o envolvimento de outras áreas no trabalho diário dos museus, o que amplia ainda mais o leque de leis que podem ser utilizadas.

Dentre as leis apresentadas acima, a Lei 11.904 é considerada um marco para a Museologia no Brasil; seu conteúdo é relevante para as questões relacionadas ao trabalho prático, do dia a dia dos museus. Foi

uma lei pouco difundida para os modelos de gestão de estados e municípios, que por desconhecimento acabam não propondo projetos de reestruturação museológica nas instituições museais existentes antes do advento legal.

Na Lei nº 11.904, no art. 44, encontramos que é “[...]dever dos museus elaborar e implementar o Plano Museológico”. Em consequência disso, o art. 45 discorre sobre o que é o plano museológico como ferramenta básica de planejamento estratégico, fundamental para diagnóstico e sistematização do trabalho interno e para a efetiva atuação dos museus na sociedade.

O Decreto presidencial nº 8.124 regulamentou as leis do Estatuto dos Museus e de criação do Ibram (11.904/2009 e 11.906/2009) e revogou o Decreto nº 5264, de 5 de novembro de 2004, que instituiu Sistema Brasileiro de Museus (SBM), atualizando e ampliando suas atribuições.

Um dos diferenciais do regulamento encontra-se no artigo 33, que prevê que ao Poder Público compete estabelecer um plano anual prévio, fundamentado no Plano Museológico, contemplando ações e metas que devem estar de acordo com o PM do museu. Por fim, o artigo 45, considera infração administrativa por parte do museu, entre outras, o deixar de elaborar o Plano Museológico, sujeitando os infratores, de acordo com o artigo 46, a multa, perda de incentivos fiscais e financiamentos, impedimentos de contratos com o poder público e suspensão parcial de suas atividades (DECRETO nº. 8.124/2013). Com o Estatuto e o Decreto, o PM tornou-se uma obrigatoriedade para os museus brasileiros.

Dentre as políticas nacionais de fortalecimento dos museus, o MINC no Plano Nacional de Cultura (PNC), dentre as 53 metas que orientam sua execução até o ano de 2020, podem ser destacadas algumas que, direta ou indiretamente, devem ser aplicadas às instituições museológicas. Citem-se:

Meta 28: Aumento em 60% no número de pessoas que frequentam museu, centro cultural, cinema, espetáculos de teatro, circo, dança e música.

Meta 29: 100% de bibliotecas públicas, museus, cinemas, teatros, arquivos públicos e centros culturais atendendo aos requisitos legais de acessibilidade e desenvolvendo ações de promoção da fruição cultural por parte das pessoas com deficiência.

Meta 31: Municípios brasileiros com algum tipo de instituição ou equipamento cultural, entre museu, teatro ou sala de espetáculo, arquivo público ou centro de documentação, cinema e centro cultural.

Meta 34: 50% de bibliotecas públicas e museus modernizados.

Meta 41: 100% de bibliotecas públicas e 70% de museus e arquivos disponibilizando informações sobre seu acervo no SNIIC (MINC, Plano Nacional de Cultura, 2010).

Entretanto, é evidente que essas metas não tiveram nem quantidade, tampouco qualidade em seu cumprimento, se tomado por base a situação de fragilidade dos museus brasileiros, como o próprio

Museu do Trem do Piauí. No entanto, só em 2020, teremos possivelmente um resultado da efetividade das propostas dessa política pública. Para Argenta:

Embora tenhamos avançado muito, há, como bem indica Canclini (2012), uma grande lacuna entre expectativa e realidade nesse universo. Carecemos não apenas de políticas integradas entre cultura, turismo e educação, mas é necessário também ampliar o leque, dialogando com áreas como economia, meio ambiente, saúde, agricultura, planejamento, entre outras, a fim de construir soluções duradouras, capazes de promover o desenvolvimento integral e efetivo das comunidades. (2013, p. 162)

Com esse pensamento, inclusive, podemos direcionar os objetivos do museu ou qualquer outra instituição cultural para uma atuação muito mais humana, participativa e dialógica. De acordo com o artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (UNESCO, 1948), “[...] toda pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam”.

Esses direitos também foram recepcionados pela Constituição Federal do Brasil (1988), no Artigo 215, que assegura os direitos culturais do cidadão destacando que “[...]O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”.

Nesse bojo, a carta magna brasileira também inseriu o artigo 216, que amplia questões importantes relacionados aos museus e ao patrimônio:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§1º O Poder Público, **com a colaboração da comunidade**, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. (BRASIL, 1988) (Grifo nosso)

Outras leis, como a Estadual que criou o Sistema Estadual de Museus do Piauí – SEM/PI⁴, Decreto Nº 13. 325, de 16.10.2008, em seu anexo, reconhece o Museu do Trem do Piauí, como instituição museal municipal vinculada ao Sistema, e as municipais como a Lei nº 3.011, de 17.08.2015, que criou o Plano Decenal de Cultura do Município de Parnaíba, reforçando a existência do Museu, e estabelecendo diretrizes de atuação. São documentos que podem ser usados para auxiliar no reforço a manutenção e desenvolvimento do museu.

É importante que cada cidadão, tenha ciência das possibilidades ofertadas não apenas pelo poder público federal, mas também da estadual, municipal e instituições privadas e sociais, para, a partir disso, planejarem suas ações e construam estratégias para conseguirem benefícios financeiros, usufruindo ao máximo das possibilidades com o intuito de impulsionar as instituições e o desenvolvimento local.

Atingir um modelo de gestão que atenda o maior número de necessidades de um museu traduz, naturalmente, compreendê-lo como um ecossistema cultural onde cada parte precisa se afinar com o todo. Com um plano de gestão museológica definido, normalmente o patrocínio vem, assim como as parcerias, apoios, doações, alcance de metas etc. Por isso, entendemos que a institucionalização precisa ser superada.

De frente a realidade museológica, se reconhece a necessidade de um olhar sensível sobre as questões que envolvem o trabalho nos museus. Nesse ponto a gestão participativa da comunidade exercida de forma efetiva torna-se crucial para o crescimento e valoração do patrimônio cultural local. Por isso, precisamos pensar e repensar, discutir e analisar, em coletividade, para encontrar soluções possíveis. As possibilidades são inúmeras. Os museus têm que tirar proveito de suas possibilidades de promoverem experiências significativas (DUARTE CÂNDIDO, 2014).

No campo das motivações pessoais, residem algumas tentativas de colaborar com a complexa díade patrimônio e museus, na cidade de Parnaíba. Uma busca por informações e caminhos que cruzam minha trajetória pessoal e profissional.

No ano de 2013, fui convidado para assumir a pasta da Gestão de Cultura do Município, cargo exercido até 2016, começava uma cruzada corajosa de debater o papel da cultura na legislação municipal, promovendo uma autorreflexão institucional do órgão – Superintendência Municipal de Cultura –; daí tivemos a possibilidade de construir canais de participação, tais como o Sistema Municipal de Cultura, Conselho Municipal de Cultura, Conferências, Fóruns, Fundos Públicos e o Plano Decenal de Cultura, instituído pela Lei Municipal nº 3.011, de 17 de agosto de 2015. Essa jornada nos possibilitou estabelecer

4 Disponível em: <http://legislacao.pi.gov.br/legislacao/default/ato/14025>. Acesso em 01.02.2018.

um panorama que está sistematizado no Plano, ferramenta que ao menos naquele recorte histórico, colocou a cultura no centro das estratégias de desenvolvimento local.

Durante a construção dessas políticas culturais, com o anseio de co-criar um novo ambiente para a cultura municipal, fora latente o som de múltiplas e reivindicatórias vozes sobre o estado precário do Museu do Trem do Piauí, e o olhar que deveria ser dado a esse equipamento cultural, de responsabilidade do órgão de cultura. À época, o entendimento genérico e leigo sobre princípios e regras do campo da Museologia, enquanto ciência, restava-nos ao menos o entendimento de que o patrimônio cultural é vivo e dinâmico. No entanto, imbuído no mister de gestor de um campo rico, porém complexo – a cultura, definida nos ensinamentos de Waldisa Rússio:

Cultura é o fazer e o viver cotidiano; Cultura é o trabalho do homem em todas as suas manifestações e aspectos, Cultura é a relação do homem com o seu meio, com os outros seres, incluindo os outros Homens. Cultura é a projeção em que o homem se realiza; ou melhor a atividade em que ele se realiza. Cultura é percepção, experiência, expressão; cultura é a vida vivida. (GUARNIERI, 1990, p.208)

Com pouca musculatura administrativa e sem assessorias especializadas, para lidar com uma vastidão de expressões, a visão simplista nos permitia apenas pensar no edifício, como espaço usável; no estado de limpeza da coleção; e em projetos que motivassem a visitação do público.

Dentre as primeiras medidas e ações que tomamos para o acesso dos públicos foi a convocação de um mutirão de limpeza, que fizemos junto com os próprios servidores da Superintendência de Cultura. Num final de semana, manhã e tarde de sábado, e manhã de um domingo, 11 e 12 de maio de 2013, respectivamente, realizamos o que chamamos de ‘revitalização’ da instituição museológica. A lembrança das datas são bem vivas em nossa memória, justamente pelo fato do final de semana da ação anteceder o dia 18 de maio, Dia Internacional dos Museus, data que escolhemos para promover uma campanha de visitação das escolas municipais e outros públicos ao Museu do Trem.

As atividades de revitalização que realizamos incluiu ações bem simples, como a limpeza interna e externa do prédio, troca dos textos expositivos que já estavam amarelados e destorcidos por traças, limpeza das peças, que integram o acervo e sua melhor disposição, tudo feito com dedicação e amor ao patrimônio cultural, mas, infelizmente, com base puramente no senso comum, por não existir nenhum museólogo na cidade e mesmo no Piauí, que pudesse nos auxiliar quanto à museografia do espaço.

Para Jonei Bauer:

[...] a museografia, estuda os aspectos técnicos do museu, ou seja, a instalação das coleções, o clima, a arquitetura do edifício, os aspectos administrativos e demais atividades de rotina ao universo dos museus. A museografia é, portanto, uma atividade técnica e prática. Trata-se de uma disciplina da Museologia, entendida como a parte prática dessa ciência. Nesse sentido, a Museografia é definida a partir da relação EDIFÍCIO – PÚBLICO – OBJETO, ou seja, estabelece a relação entre os objetos expostos e o espaço em que estão inseridos, relacionando-os entre si por meio de um discurso coerente, motivador e comunicador. (BAUER, 2018)

Ao voltarmos ao ano 2009, a memória nos faz trabalhar e lembrar que acervo do Museu do Trem do Piauí, composto de fotos, documentos, objetos diversos e móveis, foi transferido, no mês de agosto, pela Prefeitura Municipal para o Porto das Barcas, onde ocuparia um espaço na galeria de arte mantido pela municipalidade. O edifício que abrigava o acervo do Museu passou por reformas e seria adequado para o funcionamento de uma biblioteca, que abrigaria 6.000 livros do acervo particular do ex-governador Chagas Rodrigues, doado à cidade. Porém uma campanha realizada por fazedores de cultura e pelo Jornal Cultural '*O Bebém*', que tem como editor chefe o idealizador do Museu, Benjamim Santos, fez com que a prefeitura repensasse a postura tomada e retornasse o acervo para o lugar de origem no dia 08 de janeiro de 2010, após o processo de reforma. Lamentavelmente após o retorno do acervo não se pode assegurar que todas as peças exportadas tenham retornado, tão quanto que a expografia tenha sido montada com a mesma concepção do projeto inicial.

No interim das atividades, ano de 2013, a manutenção da limpeza do prédio e seu entorno foi constante, tanto quanto foram realizadas parcerias para melhores condições de uso do equipamento cultural. Dentre elas celebramos parceria com o Curso de Turismo da Universidade Federal do Piauí – UFPI, junto à coordenadora Heide Graciele Kanitz, para que os graduandos pudessem estagiar no Museu, como mediadores de público. Além de parceria com o Tiro de Guerra 10-012, que representa o exército em Parnaíba, para que os atiradores pudessem fazer guarda nos horários de funcionamento do Museu, garantindo uma melhor segurança tanto da equipe de trabalho, quanto dos públicos.

As discussões sobre o Museu começaram então a ser alargadas, tanto em ações quanto em números de pessoas e instituições, que contribuíram para a adesão do município à campanha Nacional do Ibram, Semana Nacional de Museus, que estava em sua décima segunda edição em 2014, primeiro ano de participação da cidade. Após um ano de mobilização sobre o assunto pudemos contar com a participação e colaboração de outros órgãos da municipalidade Secretarias Municipais de Educação e Desenvolvimento Social, Superintendência de Comunicação, IPHAN, UFPI, Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e Grupo de Pesquisa CNPq *VOX MUSEI* arte + patrimônio, coletivo cultural coordenado pela Professora Doutora, Áurea da Paz Pinheiro, que chegava em Parnaíba, naquele ano, para instalar no Campus Parnaíba da UFPI,

o Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia, divisor de águas que nos auxiliou a pensar o campo de estudos do patrimônio cultural e dos museus, numa escala mais ampliada, com foco na formação de gestores do patrimônio e museus, com projetos para o rico território da Área de Proteção Ambiental – APA do Delta do Parnaíba –, onde nos encontramos.

Entre 2014 e 2016, com uma programação especial sempre nos meses de maio, durante a Semana de Museus, foram realizadas inúmeras palestras, rodas de conversa, exposições, visitas mediadas e intervenções artísticas, que colocaram o Museu do Trem do Piauí, no centro de discussões, deu-lhe visibilidade e aprimoramento da visão da museologia que precisávamos diante de todas as tensões que marcaram o processo de existência do Museu do Trem do Piauí; citemos falta de funcionários especializados, de dotação orçamentária específica para manutenções e atividades, remoção do acervo e consequente perda da museografia original, dentre tantos outros fatores.

No entanto, enquanto um cargo executivo tem um tempo cronológico, a formulação de políticas públicas para a cultura tem um tempo estrutural, entendendo cultura como ato de produção humana carreada por todas as complexidades. Dentro dessa visão, para não perder as ações parceladas e as tentativas de vislumbrarmos um melhor cenário para os nossos bens culturais e nossa gente, nos lançamos hoje, enquanto cidadão capaz de contribuir ainda mais com a gestão do patrimônio cultural parnaibano, uma vez mestrando e pesquisador do campo da museologia, a dar continuidade à trama de fios que já foram tecidos no intuito de aprimorarmos a institucionalização do museu.

Nossa escolha e interesse pelos museus se deu certamente por acreditar no museu contemporâneo, como um museu fórum – o ágora⁵ – no sentido mais amplo da palavra grega. Um espaço em que podemos compartilhar experiências e conhecimentos, lugar onde possamos estar conectados pelo virtual e pelo real. Num mundo marcado pela hibridização, pelas mudanças vorazes, pelo fundamentalismo de opiniões, o museu tem o papel de conectar ‘afetividades’ pelo patrimônio local, quando o indivíduo é levado a conhecer, reconhecer e respeitar as memórias e identidades de seu povo. E respeitando a si, respeitar o outro. Um museu que não é apenas um lugar de descobertas, mas um lugar de reflexão sobre o mundo.

Diante disso, acreditamos que o processo de elaboração do Plano Museológico Participativo é tanto um recurso que auxiliará o Museu do Trem do Piauí a se regularizar diante das novas exigências formais, aprimorando sua gestão, quanto que o exercício dos atos para se atingir o fim a que se propõe este trabalho, que possa deflagrar um processo de transformação e inovação na museologia.

5 Espaço público aberto, onde as pessoas se reuniam na Grécia Antiga, para atividades políticas, sociais, comerciais ou culturais.

FICHA 01: Projetos desenvolvidos enquanto Superintendente de Cultura de Parnaíba(2013-2016), em prol da valorização do Museu do Trem do Piauí.



Figura 05 - Formalização de parceria com o curso de Turismo da UFPI para estágio dos alunos no do Museu do Trem do Piauí. Coordenadora Heide Kanitz e alunos.



Figura 06 - 1ª Semana de Museus, em Parnaíba. Atividade: “Samba no Museu”, com grupo de chorinho Aquarela.



Figura 07 - Intervenção Cultural, “Troca de Palavras”. Ciclo de roda de conversas, troca de livros, visitação ao museu e sarau.



Figura 08 - Planejamento da Semana de Museus. Prédio da Estação Ferroviária, atualmente Secretaria Municipal de Educação. (2014)



Figura 09 - Treinamento para mediação das visitas guiadas ao Museu do Trem do Piauí. Alunos da UFPI, UESPI e FID. (2015)



Figura 10- Mediação das visitas guiadas ao patrimônio ferroviário. (2014)

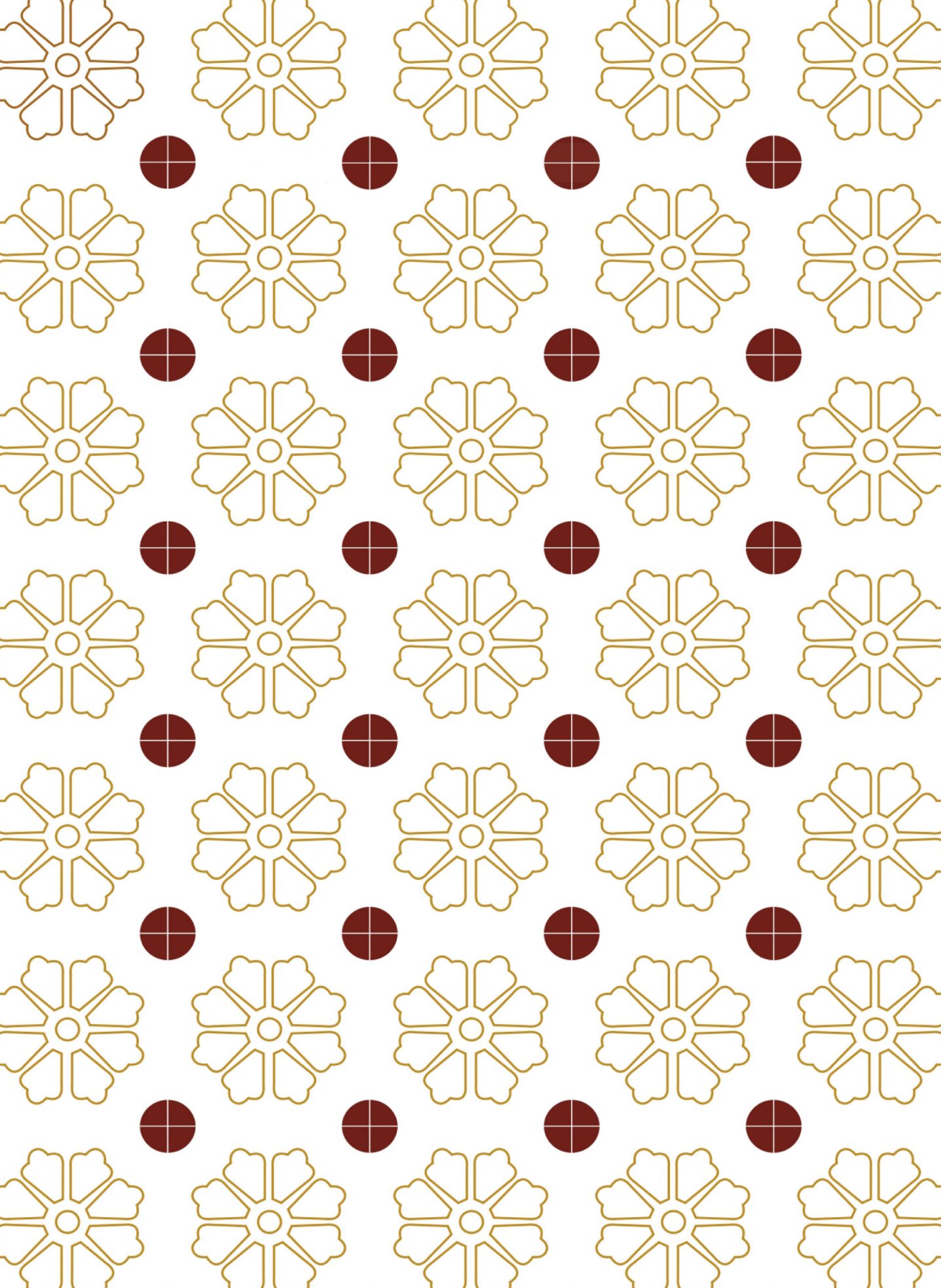
Dissertação de Mestrado

O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, em Parnaíba-PI: Presenças e Ausências

Aluno: Helder José Souza do Nascimento

Orientadora: Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro

Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia- UFPI | Dez/2018



2 REVISÃO DE LITERATURA

A figura da gestão e do planejamento estratégico surgiu após a Revolução Industrial [1840-1870], quando profissionais resolveram buscar soluções para problemas de empresas afetadas pelo período histórico, aliando conhecimento e técnicas administrativas. A gestão é um campo das ciências humanas, porque trata com pessoas, procurando manter a sinergia entre elas, a estrutura da instituição a qual estão vinculadas e os recursos disponíveis.

Para Hernan Alday (2000, pág. 15), o Planejamento Estratégico é “um instrumento dinâmico de gestão, que contém decisões antecipadas sobre a linha de atuação a ser seguida pela organização no cumprimento de sua missão”. Segundo o autor, “Planejar é a palavra apropriada para se projetar um conjunto de ações para atingir um resultado claramente definido, quando se tem plena certeza da situação em que as ações acontecerão e controle quase absoluto dos fatores que asseguram o sucesso no alcance dos resultados” (ALDAY, 2000, pág. 12).

Com base em fontes literárias encontramos essa lógica de planejar os museus, no tratado de museologia de George Brown Goode (1896), intitulado *Museum Administration*, que privilegia aspectos ligados ao estudo e à apresentação das coleções, bem como uma visão geral do museu e sua integração na sociedade (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013).

A gestão e administração de museus para atender as demandas tecnológicas, a globalização e os novos paradigmas sociais também foi apontada em 1992, na Declaração de Caracas, como fundamental para a sobrevivência dos museus.

A crítica situação atual da América Latina e o papel dos museus como protagonistas de um processo de mudança requerem inovação e consolidação de modernas estratégias de gestão, entendendo-se as mesmas como o aproveitamento ótimo dos recursos humanos, técnicos e financeiros com que conta o museu. (DECLARAÇÃO DE CARACAS, 1992, p.5)

Atualmente a gestão de museus se destina a assegurar a condução das questões administrativas dos museus, não apenas das atividades ligadas às áreas de interesse de maior destaque na administração cotidiana que são a preservação, comunicação e a pesquisa, mas também aos aspectos financeiros, jurídicos, de segurança, marketing, de constituição da equipe, bem como as estratégias de planejamento de suas atividades. Enfim, são de ordens diversas os motivos para se planejar.

Uma importante fonte que localiza o interesse pela gestão de museus no contexto contemporâneo foi à elaboração do livro “Como gerir um Museu: Manual Prático” (BOYLAN, 2004), editado pelo Conselho Internacional de Museus – ICOM, como resposta a solicitação da UNESCO, tendo em vista a proteção do patrimônio cultural, para além de servir como instrumento para a formação de inúmeros profissionais do campo da museologia a nível mundial. A obra distribuída em doze capítulos, traz em cada um deles a

experiência e técnica do exercício prático e dos estudos de museólogos que concentraram-se em traduzir a busca pela excelência dos serviços dos museus, com base na “melhor prática” (BOYLAN, 2004).

Delimitando o foco da pesquisa, ressaltamos outra importante fonte no campo de gestão museológica, quanto à elaboração de planos para museus. “Plano Diretor”, de Stuart Davies (DAVIES, 2001), é uma publicação destinada aos profissionais que pretendem implantar planos de gestão museológica visando o equilíbrio entre os diferentes setores da instituição, à eficiência das diversas responsabilidades técnico-científicas ligadas à salvaguarda e comunicação dos acervos, e à eficácia das atividades administrativas e de *marketing*. É uma saudável contribuição para o fortalecimento das instituições museológicas, dos cursos de formação profissional e das políticas governamentais. Traz uma introdução simples e direta ao processo de elaboração de um plano diretor ou plano museológico, instrumento vital para a boa administração e a segurança de museus. Para Davies, o Plano Diretor “é um processo que pode guiar os museus, ao longo dos tempos difíceis que muitos deles estão enfrentando atualmente, resultando em melhores serviços e maior eficiência, bem como em um documento útil”.

Em se falando em América Latina, cabe precisar que seu primeiro museu surgiu em solo brasileiro, em 1818, o Museu Real (atual Museu Nacional do Rio de Janeiro), criado dentro de um plano de modernização da Coroa Portuguesa, durante seu exílio no Brasil (ORELLANA, 2011). Mas é apenas em 2003, que o país institucionaliza, dentro da estrutura do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU) responsável pela gerência e condução da Política Nacional de Museus (PNM), lançada no mesmo ano.

Voltando os olhos para a gestão e o planejamento de museus, a PNM viria para fortalecer o setor museológico brasileiro, construída de forma participativa com o objetivo de

Promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização e memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país. (MINC, 2003, p.8)

Esse fortalecimento do campo museológico e a PNM proporcionaram a criação de dois marcos regulatórios para o Brasil, o Estatuto de Museus, Lei Federal nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que consubstanciou a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), autarquia vinculada ao MINC, sob a Lei Federal nº 11.906, de 20 de janeiro do mesmo ano.

A seção III do Estatuto de Museus, traz como instrumento o tema central desta pesquisa. Os artigos 44 e 47, tratam de forma específica da elaboração do Plano Museológico.

Art. 44. É dever dos museus elaborar e implementar o Plano Museológico.

Art. 45. O Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade. (BRASIL, 2009)

No estudo *Orientação para Gestão e Planejamento de Museus* (2014), a museóloga brasileira, Manuelina Maria Duarte Cândido, aborda subsídios para o desenvolvimento de estratégias com vistas a sustentabilidade dos museus e de seu acervo, com foco na eficiência e qualidade dos serviços prestados ao público. De forma lógica a autora, discute sobre o novo foco em museologia, a gestão, e sobre o desafio do planejamento para desenvolver as funções museais, a partir do diagnóstico e o plano museológico.

Manuelina intensifica as discussões sobre o tema no livro, *Gestão de Museus, um Desafio Contemporâneo: Diagnóstico Museológico e Planejamento* (2014), estabelecendo as perspectivas do caminho para a introdução de melhorias na gestão de museus por meio do diagnóstico museológico, que responda ao que a autora denomina de “momento oportuno”. Ou seja, um período que se traduz na procura de novos modelos que possam atender à crescente necessidade de qualificar e tornar a gestão de museus mais eficiente.

No âmbito das metodologias elaboradas com vistas e construção de planos museológicos que apontem para essa gestão eficiente dos museus no Brasil, adotamos como referência a publicação do IBRAM, *Subsídios para Elaboração de Planos Museológicos* (2016), a qual objetiva fornecer subsídios técnicos para o planejamento institucional, indicando caminhos a serem tomados, propondo ações e sugerindo formas de avaliação para o cumprimento dos objetivos.

Em seu escopo, o já referido Estatuto de Museu, Lei nº 11.904, sugere que o processo de elaboração do plano seja adotado de forma participativa:

§ 2º O Plano Museológico será elaborado, preferencialmente, de forma participativa, envolvendo o conjunto dos funcionários dos museus, além de especialistas, parceiros sociais, usuários e consultores externos, levadas em conta suas especificidades. (BRASIL, 2009)

Sobre metodologias participativas tendo o patrimônio como centro de interesse, reportamos a publicação, *Educação Patrimonial : inventários participativos : manual de aplicação* (IPHAN, 2016),

o alvo primordial dos “inventários participativos” passou a ser a mobilização e sensibilização da comunidade para a importância de seu patrimônio cultural, por meio de uma atividade formativa que envolve produção de conhecimento e participação. A iniciativa visa propiciar aos usuários o

contato com princípios de uma pesquisa de campo, técnicas básicas de levantamento documental, sistematização e interpretação de dados e difusão de informações. (IPHAN, 2016).

Realizamos uma busca sistemática entre os meses de janeiro a maio de 2018, para compreendermos os sentidos e significados palavras chaves: Plano Museológico; Diagnóstico Museológico e Gestão de Museus. Estas palavras relacionamos ao interesse de investigação e intervenção próprios deste trabalho.

A primeira base de dados investigada foi: *Scielo*, através do website www.scielo.br/?Ing=pt. Com os descritores Plano Museológico e Diagnóstico Museológico não encontramos nenhum artigo. Com o descritor Gestão de Museus localizamos apenas 1(uma) pesquisa, de autoria de Hilda Barbara Maia Cezário, Eduardo Davel, Lorena Sancho Querol e Emanuel Sancho, que traz estudo sobre a relação com o descritor da pesquisa. Foi realizada uma leitura da respectiva pesquisa, “Desafios da Gestão Participativa no Museu de São Brás em Portugal”, que em sua essência atende aos objetivos deste trabalho.

Pesquisamos também as bases de dados do Google Acadêmico, com o descritor “Plano Museológico”, considerando produções do ano de 2014-2018, com idioma em Português, encontramos aproximadamente 6.010 artigos em que a expressão foi citada. Na mesma base de dados, buscando “Revista Científica em Museologia”, dentre as primeiras 5 páginas, apenas 2(duas) revistas oportunizavam busca refinada, a exemplo do periódico “Museologia e Patrimônio”, onde encontramos e selecionamos 2 trabalhos: a um, ***Planejamento estratégico de museu: uma pesquisa na cidade de Salvador***, de Ednaldo Soares, um artigo em que se investigou se os museus soteropolitanos elaboram planejamentos estratégicos e, complementarmente, se o estudante de Museologia tem sido academicamente preparado para atividades gestoriais e; a dois, ***Relato de uma experiência no Museu Arqueológico Nacional de Espanha: revisitando e revisando o Plano Museológico no âmbito do Programa Ibermuseos Bolsas de Capacitação***, de Alejandra Saladino, em que a pesquisadora apresenta os resultados do Programa Ibermuseos de Capacitação, para o qual foi apresentado uma proposta de residência desenvolvida no Museo Arqueológico Nacional da Espanha, tratando da temática “Plano museológico”, ressaltando a ampliação do potencial multiplicador do projeto em tela pela escolha de desenvolvê-lo no supracitado museu, bem como aspectos observados nos contextos brasileiro e espanhol. Já no periódico “Museologia e Interdisciplinaridade”, foram encontrados 2 artigos com o descritor “Plano Museológico”, dos quais destacamos apenas um, ***O olhar do outro: a gestão de museus e a sustentabilidade na museologia***, de Júlio César Bittencourt Francisco, Valdir José Morigi, estudo que propõe a construção do Plano Museológico como prática de Gestão de Museus a partir da Política Nacional de Museus e da análise de dois manuais de gestão museal e de programas socioambientais em Museus brasileiros e; o segundo artigo encontrado apesar de referir a expressão buscada debruça-se detidamente ao processo de comunicação do museu, numa abordagem sobre a documentação e informação no contexto museológico.

Em repositórios institucionais, como o do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia-UFBA, apesar de 2 resultados para o descritor “Plano Museológico”, os trabalhos tem como foco central outros temas, a exemplo de ***Proposta de manual de documentação para o Munean: uma experiência com o spectrum 4.0 e com a coleção Maria Ivete Ribeiro de Oliveira*** de Laíne Teixeira Macedo e ***A imagem de nossa senhora das maravilhas do museu de arte sacra da UFBA: Estudos preliminares para elaboração de diretrizes expositivas***, de Jéssica Cristina Teles dos Santos.

Na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, foram encontrados 3 resultados, dentre os quais selecionamos 2: a um, ***Plano museológico: questões e proposições a partir do estudo de caso do Museu Lasar Segall***, de autoria de Paulo José Nascimento Lima, nesse estudo o autor apresenta questões e proposições na construção de planos museológicos a partir das experiências do Museu Lasar Segall e; a dois, ***Plano museológico: uma discussão para o Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork do Centro Universitário Adventista de São Paulo***, em que a autora Janaina Silva Xavier, discute o Plano Museológico como instrumento de gestão adotado pelo Governo Federal brasileiro em 2006, apresenta as origens desse modelo de planejamento, suas propostas e estrutura e levanta dados sobre sua disseminação e aplicação nos museus brasileiros.

Nos repositórios dos Programas de Museologia da UFRJ e da UFPI, este último referente ao Mestrado Profissional em Artes Patrimônio e Museologia, em que nos vinculamos, não foi encontrado nenhum resultado para busca avançada sobre o assunto.

Tomando por base a pesquisa realizada, concluímos que a produção de trabalhos acadêmicos com o descritor Plano Museológico, foco principal desta ação-investigativa, ainda é pequena.

2.1 Museu e Museologia | Pensamento Contemporâneo

Originado do vocábulo grego *mouseion* o museu remonta ao templo das musas – filhas de Zeus com Mnemosine, a deusa da memória –, passando pelos gabinetes de curiosidade, locais de acesso restrito, destinado à elite cultural. Mesmo não podendo dissociar o museu contemporâneo das experiências do passado, ao longo de sua caminhada como instituição, uma crise de identidade frente aos anseios da nova sociedade tem conduzido o museu a ampliar sua atuação nos últimos anos.

A figura das instituições museais, nas últimas quatro décadas, tem sofrido consideráveis mudanças. O museu nem sempre adotou um perfil de estar aberto ao público, e a serviço deste, como agente de mudança social e desenvolvimento. Esse formato adotado hoje conceitualmente pela maioria dos países tem por última definição e versão mais recente definida pelos estatutos do Conselho Internacional de Museus – ICOM, em 2007:

[...] o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite. (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013, p. 64)

Nesse contexto, as instituições museais deixaram de ser concebidas apenas como casas onde se guardam relíquias de um passado e passaram de uma versão verticalizada, segundo os modelos clássicos – Museu de Observação, Museu do Tempo, Museu Banco de Dados – para uma versão mais aberta e interativa, que supõe a participação da comunidade no processo de reconhecimento, salvaguarda e gestão do patrimônio, onde os indivíduos se constituem como atores colaboradores e organizam suas relações com os bens culturais através de uma ação democrática. A Declaração de Santiago do Chile, publicada pela UNESCO e pelo ICOM, em 1972, já estabelecia que os museus deveriam participar na formação da consciência das comunidades a que servem, podendo mesmo contribuir para levá-las a agir. A partir daí passou-se a estabelecer as bases da Nova Museologia, enquanto área de intervenção da Museologia como “[...] uma disciplina social aplicada que estuda a **relação** entre o **homem** e o **objeto** num **cenário**”, como nos ensina Waldisa Rússio (BRUNO, 2010).

A nova museologia influenciou amplamente a museologia dos anos 1980, reunindo primeiro alguns teóricos franceses e, a partir de 1984, difundindo-se internacionalmente. Este movimento ideológico – baseado num número de precursores que, a partir de 1970, publicaram textos inovadores – enfatizou a vocação social dos museus e seu caráter interdisciplinar, ao mesmo tempo que chamou a atenção para modos de expressão e de comunicação renovados. O seu interesse estava principalmente nos novos tipos de museus concebidos em oposição ao modelo clássico e à posição central que ocupavam as coleções nesses últimos: tratava-se dos ecomuseus, dos museus

de sociedade, dos centros de cultura científica e técnica e, de maneira geral, da maior parte das novas proposições que visavam à utilização do patrimônio em benefício do desenvolvimento local. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013)

Ao evocar a sua função social a museologia poderia ter caído num campo comum de estudo, a despeito da antropologia ou da sociologia, porém, ela se distingue das demais áreas do conhecimento ao evidenciar as contribuições que só ela pode estabelecer pela relação do patrimônio com o indivíduo, como nos ensina Cristina Bruno, ao descrever as funções da ciência dos museus:

- Identificar e analisar o comportamento individual e/ou coletivo do homem frente ao patrimônio.
- **Desenvolver processos – técnicos e científicos – para que a partir dessa relação o patrimônio seja transformado em herança e contribua para a construção das identidades.** (BRUNO, 2010); (Grifo nosso)

É por essa capacidade de intervenção na realidade que acreditamos no papel da Museologia como instrumento catalisador no processo de preservação de memória da comunidade local.

O Museu do Trem do Piauí trata-se de um lugar de memória reconhecido pela coletividade e órgãos governamentais, fortalecido pelo fato de ter sido marco de um importante processo de desenvolvimento econômico e social, uma vez que a expansão ferroviária foi por alguns anos responsável pela infraestrutura de transportes no Estado.

Os locais de memória, segundo Nora (1993), fundamentam aspectos da identidade individual e coletiva, a partir da valorização do espaço e de sua interpretação histórica. Então o “Museu do Trem”, transforma-se em um local de memória por ser detentor de uma carga simbólica que representa uma etapa histórica significativa para a cidade de Parnaíba e região norte do Estado do Piauí.

Entretanto a manutenção desses espaços só é possível através de planejamento e organização. Para isso é necessário criar uma consciencialização pública sobre o papel e propósito do museu e o modo pelo qual este é gerido.

A proteção e promoção do patrimônio público exigem que a instituição seja constituída correctamente e que providencie uma permanência apropriada para esta responsabilidade. Deve existir uma constituição, estatuto ou outro documento público redigido, publicado e outorgado pela legislação nacional. Deve declarar, de modo claro, a posição da instituição, o seu estatuto legal, missão, permanência e de natureza sem fins lucrativos. (BOYLAN, 2004, p.06)

Portanto, calcados nesse novo paradigma de museu, museologia e gestão, encaradas de forma ampla e dinâmica, pensamos o Museu do Trem do Piauí, para além de uma instituição dita clássica, como e identificada hoje, mas que no entanto não cumpre as premissas de um museu *stricto sensu*.

Nesse ponto elegemos o Plano Museológico, como uma ferramenta capaz de nortear esse processo de autorreflexão que precisamos encarar para encontrarmos a função social do Museu do Trem, frente às novas diretrizes. Além disso,

[...] o planejamento institucional ou plano museológico, como quer a legislação brasileira, funcionaria, então, como uma carta de navegação, que tem entre suas propriedades a flexibilidade, pois mapeia obstáculos e correntes, sugerindo um percurso para atingir o objetivo final da viagem, mas o trajeto pode ser revisto para incorporar dados que surjam em seu transcurso, como barreiras imprevistas ou um vento favorável que não era esperado. Assim, o planejamento ao mesmo tempo em que sinaliza aonde se quer chegar e como, precisa ter a flexibilidade para acolher e utilizar as informações que aparecem durante o percurso e que não estavam previstas. (DUARTE CÂNDIDO, 2014, P.42)

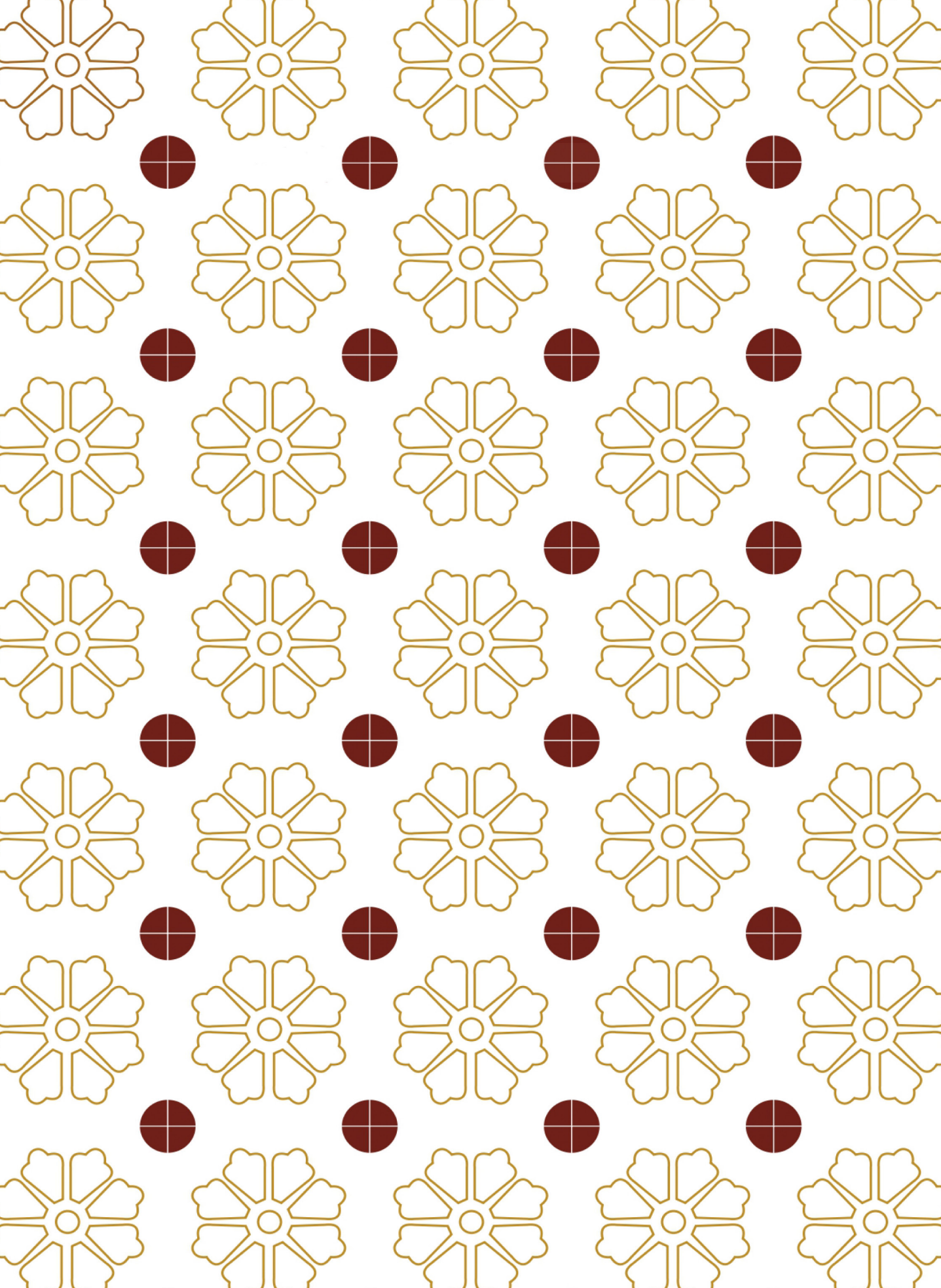
No Brasil, desde que o Ministério da Cultura implantou a Política Nacional de Museus, em 2003, a questão da gestão tem sido apontada como estratégica. A partir de então começaram a surgir propostas de delineamento de novas ferramentas que buscassem comprometer os responsáveis de museus com a melhoria da gestão, em amplo sentido, cujo ponto de referência é o Estatuto de Museus (Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009) que, em seu artigo 44, determina explicitamente que os museus brasileiros elaborem e implementem o plano museológico. Trata-se, portanto, do marco de regulação da gestão museal no Brasil.

Para o Estatuto de Museus, nos termos do Plano Museológico, o planejamento institucional é estratégia de gestão, na qual devem estar inseridos os seguintes programas, elaborados de forma participativa:

- a) Institucional;
- b) Gestão de Pessoas;
- c) Acervos;
- d) Exposições;
- e) Educativo e Cultural;
- f) Pesquisa;
- g) Arquitetônico-urbanístico;
- h) Segurança;
- i) Financiamento e Fomento;
- j) Comunicação;
- k) Acessibilidade a todas as pessoas.

Em “Conceitos-Chave da Museologia”, publicado em 2013, no Brasil, o termo “gestão” ganhou destaque, no conjunto dos 21 “verbetes enciclopédicos”, escrito por François Mairesse, professor da Escola do Louvre. Por gestão museal estão compreendidas não apenas as tarefas ligadas especificamente aos museus (preservação, pesquisa, comunicação), mas também aos aspectos financeiros e jurídicos do museu, os trabalhos de segurança e de manutenção, a organização do pessoal, o marketing, dentre outros. De uma forma geral, são processos estratégicos e de planejamento geral das atividades de um museu (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013, p.47).

O objetivo deste projeto-ação vem ao encontro às ideias de como ações participativas desenvolvidas para organizações, como os museus, podem ser metodologias fundamentais para a construção de relacionamentos sustentáveis entre o museu e a comunidade. Este estudo também pretende demonstrar que as ações participativas somente têm sua eficiência alcançada quando articuladas com o planejamento estratégico, ou seja, um plano museológico previsto para o Museu do Trem. Sem ele, os novos desafios para esta pequena instituição museal serão muito pesados, frente ao papel de democratização de cultura, da memória e do patrimônio local, e da busca por novos públicos que, por sua vez, passaram a ser mais exigentes, diante do aumento da oferta cultural, exigindo que os museus saiam de sua posição de receptores passivos (DUARTE CÂNDIDO, 2014, p.44).



3 MÉTODOS E TÉCNICAS

Como referência de bibliografia básica para o desenvolvimento deste trabalho elegemos o Manual “*Criterios para la elaboración del Plán Museológico*” (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, CULTURA E DEPORTE, 2005), documento técnico elaborado pelo Ministério da Cultura da Espanha para aplicação nos museus espanhóis, que serviu de referência à equipe do IBRAM na elaboração da publicação nacional, “Subsídios para elaboração de Planos Museológicos” (IBRAM, 2016), disponível em PDF, acessível livremente pela internet na página do órgão, que nos serve de ferramenta para compreender gestão e planejamento de museus.

A etapa de elaboração do Plano Museológico segue as orientações dessas duas metodologias, contemplando ações e intervenções museológicas de distintas naturezas como visitas às instalações do Museu do Trem, diagnóstico articulado nas seguintes variáveis: Pontos fortes, Pontos fracos, Oportunidades e Ameaças, usando na ciência da administração – a análise SWOT – *Strong and Weak points, Opportunities and Treats*, diretrizes de gestão, programas culturais e científicos, estrutura organizacional, financiamento, com foco na necessidade de diálogos permanentes com atores e parceiros locais.

Como metodologia de trabalho dividimos as atividades em quatro etapas:

Nº	ATIVIDADE	CONCEITO/DESENVOLVIMENTO
1	Abordagem conceitual	Explicação do repertório de conceitos que trabalhamos, com destaque para patrimônio cultural, museus, gestão participativa e plano museológico e exposição dos objetivos deste trabalho.
2	Pré-diagnóstico	Visitação às instalações do Museu do Trem do Piauí e seu entorno, identificação de acervo, documentos sobre o equipamento cultural, identificação de pessoas-referência que têm nos auxiliado a reconstruir as narrativas, memórias e histórias sobre a Estrada de Ferro Central do Piauí. Conhecimento do trabalho realizado pelo Mestre em Museologia. Antônio Luesjhon dos Santos Melo: Documentação Museológica – Inventário do Acervo do Museu do Trem do Piauí.
3	Diagnóstico	Identificação das características do Museu, seus pontos fortes, fracos, ameaças e oportunidades – análise SWOT. Análise situacional do museu tomando por base os programas museológicos que devem ser implementados. Rodas de conversa e entrevistas com pessoas que possam vir a contribuir com diferentes olhares sobre o museu.
4	Elaboração do Plano Museológico	Etapa participativa e colaborativa para a Concepção de missão, visão e valores; organização dos programas museológicos e elaboração/redação dos documentos regimentais.

Dados os pressupostos elencados nesse texto, a elaboração do Plano Museológico para o Museu do Trem do Piauí contempla uma metodologia participativa, dialógica, colaborativa, analítica e reflexiva para construção do planejamento estratégico de ações do Museu.

3.1 Tipo de pesquisa

Partimos do pressuposto que a pesquisa se inicia com um problema. No contexto das Ciências Sociais Aplicadas, optamos pelas Metodologias Participativas e Pesquisa Social Qualitativa por se adequarem aos nossos estudos e intervenções. Bauer e Gaskell (2002) nos orientam sobre a pesquisa social, que nos interessa para compreender como as pessoas se expressam e informam sobre o que é importante para suas vidas, como pensam, como agem e percebem o pesar e agir dos outros. Essa perspectiva metodológica nos permite adotar um modelo mais flexível, assegurando-nos de uma constante análise dos dados coletados em campo, que se somarão dia após dia, para a construção coletiva e participativa de um Plano Museológico para o Museu do Trem do Piauí .

Assumimos, para o desenvolvimento das ações propostas, a definição de pesquisa-ação de Michel Thiollent:

[...] um tipo de pesquisa social, com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo, e, no qual, os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p.14).

Acreditamos que pelo caráter dialógico da Pesquisa-Ação, esta seja uma metodologia capaz de proporcionar diálogo com a comunidade local durante o percurso existencial da pesquisa, favorecendo a troca de saberes entre os participantes, promovendo a participação dos envolvidos, favorecem a análise dos problemas de forma dinâmica e promovendo a tomada decisões de modo coletivo.

3.2 Materiais

Ao iniciarmos a pesquisa não pudemos precisar o tamanho da amostra, uma vez que nos dispusemos a acolher no grupo de estudo e intervenções, todas as pessoas que se sentissem atraídas pelo desejo de participação na elaboração do Plano Museológico, em questão. Somente ao fim da fase existencial do projeto, é que pudemos aferir a participação de vinte e quatro pessoas (ver figura 02).

Dentre as estratégias utilizadas junto ao grupo para composição dos dados, utilizamos ao longo dos trabalhos, de maneira não necessariamente cronológica, mas que estimularam constantemente o movimento da pesquisa-ação, os procedimentos específicos:

a. Mediação: A mediação é uma das diretrizes norteadoras da educação patrimonial, tendo em vista a dialogicidade e construção coletiva do conhecimento. “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo; os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, nos ensina o educador Paulo Freire (FREIRE, 1983, p. 79). A mediação pode ser entendida como um processo de desenvolvimento e de aprendizagem humana, como incorporação da cultura, como domínio de modos culturais de agir e pensar, de se relacionar com outros e consigo mesmo (IPHAN, 2014). Em *Pensamento e Linguagem* (VYGOTSKY, 1989), Lev Vygotsky, mostra que a ação do homem tem efeitos que mudam o mundo e efeitos exercidos sobre o próprio homem: é por meio dos elementos (instrumentos e signos) e do processo de mediação que ocorre o desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores (PPS), ou Cognição.

b. Questionário: Tecnicamente, questionário é uma técnica de investigação composta por um número grande ou pequeno de questões apresentadas por escrito que tem por objetivo propiciar determinado conhecimento ao pesquisador. Diferencia-se da entrevista pois nesta última as perguntas e respostas são feitas de maneira oral. Por se tratar de uma pesquisa de perfil pesquisa-ação, pesquisa social qualitativa, os questionários aplicados tinham perguntas abertas ou de múltipla escolha a respeito de ideias, percepções e pensamentos dos participantes.

c. Entrevista: A entrevista é um método de coleta de dados que permite ao pesquisador um relacionamento direto com o grupo estudado. Ela, como qualquer base de dados, se torna mais eficiente quando o universo de respostas obtidas se torna maior. As entrevistas utilizadas nesta pesquisa foram semi-estruturadas, nos permitindo uma maior liberdade de variar os questionamentos dependendo dos rumos que as respostas.

d. Grupo focal: O GF é aplicado como técnica por pesquisador que tem como objetivo coletar informações sobre um determinado tema específico por meio da discussão participativa entre os participantes, reunidos em um mesmo local e durante certo período de tempo (DALL'AGNOL : MAGALHÃES : MANO : OLSCHOWSKY, SILVA, 2016). O GF valoriza a interação entre os participantes e o pesquisador, sendo realizado a partir das discussões focadas num assunto específico.

e. Diário/notas de campo: Diário de campo é uma ferramenta usada por pesquisadores de várias áreas para fazer anotações quando executam trabalhos de campo. É um exemplo clássico de fonte primária. Os diários de campo são normalmente os blocos de notas em que investigadores escrevem suas observações. Pode-se dizer de um documento pessoal-profissional no qual o estudante [profissional] fundamenta o conhecimento teórico - prático, relacionando com a realidade vivenciada no cotidiano profissional, através do relato de suas experiências e sua participação na vida social (LEWGOY, SCAVONI. 2002. p.63)

f. Análise documental: Na concepção de Bravo (1991), são documentos todas as realizações produzidas pelo homem que se mostram como indícios de sua ação e que podem revelar suas ideias, opiniões e formas de atuar e viver. Nesta concepção é possível apontar vários tipos de documentos: os escritos; os numéricos ou estatísticos; os de reprodução de som e imagem; e os documentos-objeto (BRAVO, 1991). Nesse sentido, foram de várias ordens os suportes documentais analisados como livros, jornais, fotografias, vídeos e os próprios objetos do Museu do Trem do Piauí.

No cerne das discussões que permearam o projeto aqui apresentado, adotou-se uma abordagem qualitativa do método, enfatizando não a quantificação ou descrição dos dados produzidos, mas a relevância das informações geradas a partir de um olhar cuidadoso e crítico das fontes materiais.

3.3 Aspectos éticos

Adriano Pasqualotti, em seu artigo **A ética na pesquisa: um procedimento metodológico indispensável**, disponível na plataforma *Scielo*, nos brinda com uma reflexão de grande importância sobre a ética em pesquisas científicas. O referido autor, citando Cenci (2000), reflete que

a ética, desde as suas origens, busca estudar e fornecer princípios orientadores para o agir humano. Ela nasce amparada no ideal grego de justa medida, do equilíbrio nas ações. A justa medida é a busca do agenciamento do agir humano de tal forma que o mesmo seja bom para todos, isto é, que todos os indivíduos ou cada parte nele envolvido seja contemplada de forma equânime. O espaço de cada indivíduo ou de cada parte que se envolve na ação necessita ser garantido de maneira autônoma e racional. Tais princípios indicam não para a perfeição do agir, mas sim para que o mesmo ocorra da melhor forma possível, ou seja, da maneira mais adequada possível. (PASQUALOTTI, 2010)

Do ponto de vista legal, nos amparamos na Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS, Nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012) que define as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. A Resolução visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado. O dispositivo descreve quais os aspectos contemplados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mecanismo pelo qual os sujeitos, indivíduos ou grupos, manifestarão a sua anuência à participação na pesquisa. Por meio desse termo, os entrevistados declaram que foram informados - de forma clara, detalhada e por escrito - da justificativa, dos objetivos e dos procedimentos da pesquisa. Importante observarmos que a eticidade da pesquisa implica em:

- a) respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- c) garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- d) relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária. (BRASIL, 2012)

No entanto, muito mais do que um dever legal, utilizamos a ética como uma metodologia. O presente trabalho, ainda em sua fase de concepção foi discutido com a Coordenação do Programa de Pós-graduação, Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, obtendo aprovação para fins de andamento e elaboração do Projeto de Pesquisa, por estar associado ao preceitos do referido programa para a obtenção do título de Mestre em Artes, Patrimônio e Museologia.

O Pré-projeto também fora encaminhado pela coordenação do PPGAPM ao colaborador e co-orientador externo, Jonei Bauer, que emitiu parecer ressaltando relevante contribuição da pesquisa para a Museologia e ações museológicas em curso na cidade de Parnaíba, Estado do Piauí, Região Meio Norte do Brasil.

O primeiro contato com os participantes e colaboradores da pesquisa se deu em forma de ofício/convite, onde em linhas gerais explicitamos a relevância social do projeto almejado. Em nosso diálogo inicial com os participantes nos posicionamos no sentido de deixarmos claro o motivo pelo qual propomos o projeto e quais os benefícios coletivos a elaboração de um Plano Museológico, traria ao campo da gestão de cultura, na cidade de Parnaíba. Uma vez prestadas às informações, solicitamos aos participantes, assinatura de Termo de Consentimento.

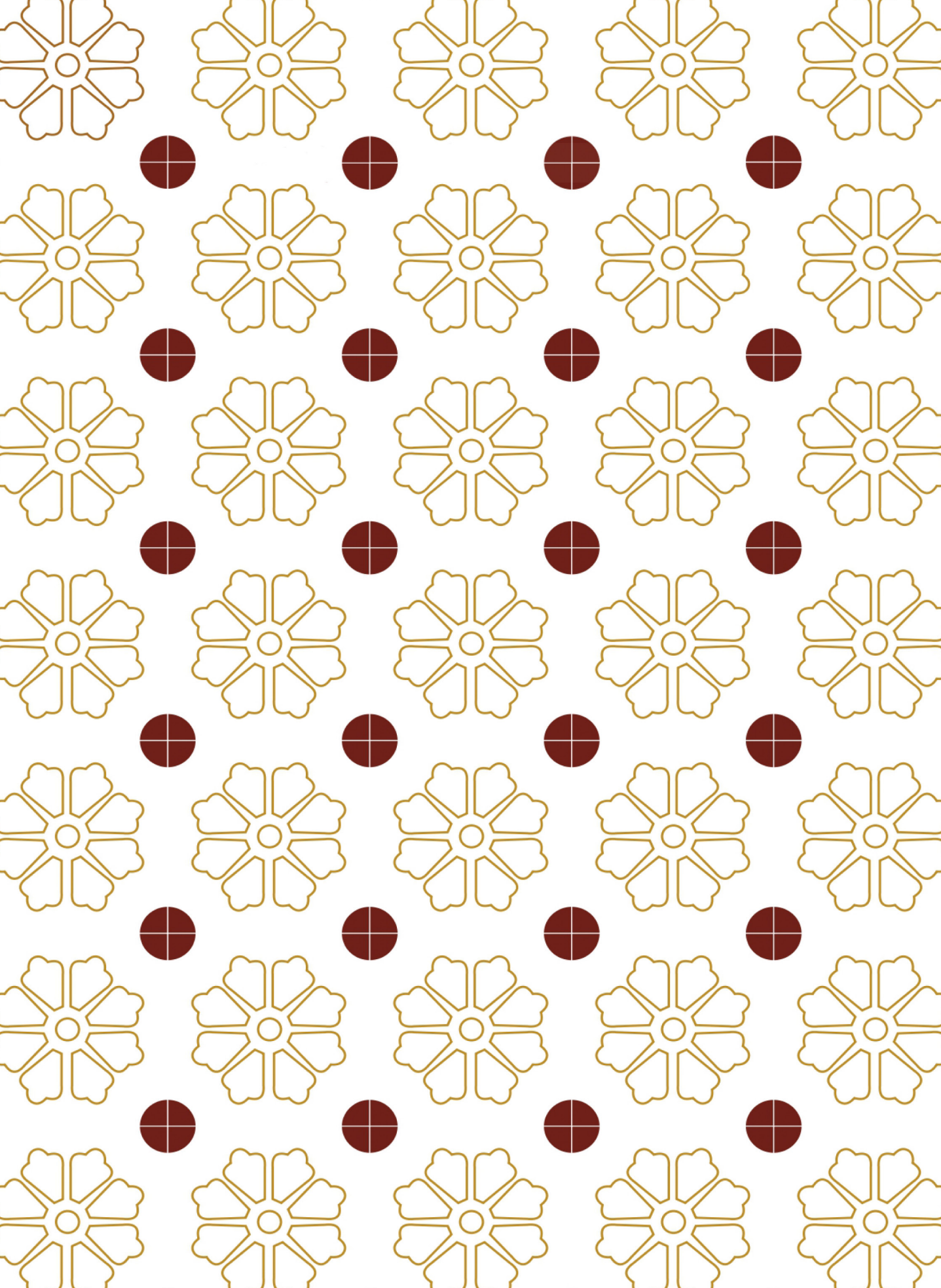
Independente da vontade ou não, de permanecer na pesquisa, nossa posição enquanto pesquisador e articulador para com os partícipes e colaboradores foi a de esclarecer que não há pesquisa-ação sem participação coletiva (BARBIER, 2002). Tivemos a preocupação em não nos distanciar, não estabelecendo distinção entre pesquisador e participantes/colaboradores. Colocamo-nos ao patamar de todos como um integrante verdadeiramente interessado pela experiência de construção emocional, sensorial, imaginativa e racional de um plano estratégico de gestão para o Museu do Trem do Piauí. Nossa tentativa foi de reconhecer no outro, seja dentro de seu interesse pessoal ou mesmo pelo interesse de representação de uma instituição, como uma oportunidade, de estratégia, de intenção de responsabilidade solidária, e não como uma ameaça.

Cientes de que o patrimônio também é um campo de negociação e conflito (VELHO, 2006), nos posicionamos num papel de mediador, frente a dinâmica da pesquisa, numa perspectiva de reconhecer o grupo dos atores envolvidos como um “pesquisador coletivo”, no dizer de René Barbier (2002).

3.4 Riscos

Como toda ação humana, uma pesquisa tem riscos, embora possamos classificar este projeto como risco de grau mínimo pelo fato de não propormos nenhuma intervenção que suponha desconforto ou risco pessoal físico. No entanto, consideramos que o participante possa estar exposto a riscos psicológicos devido a cansaço ou aborrecimento durante oficinas que tomem por instrumento o diálogo ou a algum constrangimento ao se expor durante a gravação de áudio ou vídeo, provocada pela evocação da memória.

Evidencia-se a possibilidade, também, de pelo fato da produção trabalhar com informações em suportes tanto oral quando escrito, possa haver o risco da quebra de sigilo, ainda que involuntária ou não intencional.



4 PRODUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar os dados produzidos na pesquisa-ação investigativa realizada sobre o Museu do Trem do Piauí, com as pessoas interessadas no desenvolvimento da instituição museológica. Primeiramente serão apresentadas as experiências alcançadas no escopo das intervenções de sensibilização realizadas, com vistas à caracterização, planejamento conceitual, diagnóstico e estabelecimento de objetivos estratégicos. A seguir, será realizada a apresentação da proposta de Plano Museológico, elaborado em caráter participativo, colaborativo e cooperativo, com a sociedade, a partir dos programas e projetos estabelecidos para a cadeia operatória do Museu do Trem do Piauí, assim como os desdobramentos desse processo de reflexão e ação.

A análise de dados e informações se valerá da comunicação, como ponto de partida. Assim sendo, é destacada neste campo, a importância da semântica para o desenvolvimento do método. Entendendo-se por semântica aqui, a pesquisa do sentido das expressões faladas e escritas trazidas ao estudo. Pode-se, por assim dizer, que nos utilizaremos da hermenêutica, para a interpretação dos dados, resultantes desta investigação.

Entendendo a Museologia como um fenômeno passível de constantes transformações e que não há um modelo pronto e acabado para a elaboração de um Plano Museológico, foge a nossa pretensão apresentar aqui os procedimentos adotados como o método ideal para o fim a que se destina, tão sim como um roteiro prático que se clivou ao tônus da cultural local.

4.1 O Processo Participativo | Conjugando o verbo participar dos conceitos ao diagnóstico

Primeiramente apresentamos, a etapa de sensibilização para a realização de parcerias com pessoas e instituições, as quais intitulamos de “chave”. Tendo em vista a natureza do projeto que tem como tema a gestão museológica participativa, vislumbramos que para além da unidade administrativa da Prefeitura de Parnaíba, nomeadamente, a Superintendência de Cultura, que mantém o Museu do Trem do Piauí, seria oportuno constituir inicialmente uma rede de pessoas oriundas de instituições que tenham como premissa o desenvolvimento humano, a partir da cultura e educação. Para tal, enviamos ofícios/convites, formalizando a comunicação do intuito do projeto de pesquisa, vinculado a UFPI, através do Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia, apresentando as motivações para a construção de um Plano Museológico, e como esse projeto pode trazer benefícios à coletividade.

Dentro do rol de representações, figuraram agentes da Prefeitura de Parnaíba, com as secretarias e de Educação, Meio Ambiente e o órgão de cultura já citado; do Instituto do Patrimônio, Histórico e Artístico Nacional(IPHAN); das Instituições de Ensino Superior, Universidade Estadual do Piauí(UESPI), Faculdade Internacional do Delta(FID) e da Faculdade Maurício de Nassau(UNINASSAU); do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba(IHGGP) e da empresa de desenvolvimento tecnológico, *CodiWorks*. A chegada ao nome dessas pessoas se deu pela certeza do papel que já desempenham dentro de suas instituições para a valorização do patrimônio cultural.

Em nossas considerações iniciais, apresentadas no **primeiro encontro** que se deu no dia 06 de junho de 2018, na sala de reuniões da diretoria da UFPI, *Campus* Parnaíba, apresentamos o conceito de Plano Museológico, como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador (Brasil, 2009), e que a adoção desse processo, pensado de forma participativa e colaborativa se fazia também como uma oportunidade de aprendizado coletivo dentro do cenário da gestão de cultura em Parnaíba e que a participação da comunidade interessada seria um momento de alinharmos expectativas e possibilidades para o aprimoramento da função do museu junto a sociedade.

Consideramos a ação como o início de uma agenda de alargamento do Projeto Museológico do Museu do Trem do Piauí, em curso, desde a sua inauguração em 2002. O plano proposto, tem a visão de reestruturar o museu municipal, pensando a salvaguarda e a comunicação de um acervo da memória ferroviária, que por sua relevância histórica, precisa de melhor atenção, por estar tecnicamente em risco. Essa agenda se daria a partir do estabelecimento de vínculos da comunidade com o projeto de pesquisa-ação.

As declarações de aceitação em participar da pesquisa foram validadas por todas as pessoas que compareceram ao encontro. Ao todo onze pessoas. Algumas dessas apesar de representantes de instituições públicas e privadas, participam ativamente das questões comunitárias ligadas a pauta cultural da cidade e que, por isso, se comprometeram em mobilizar outras pessoas para conectarem-se ao projeto e ao museu, em caráter sustentável, utilizando-se da metodologia “bola de neve”⁶, em que cada um que ali estava, teria a responsabilidade de indicar duas ou mais pessoas a participarem dos encontros.

Para estimular o protagonismo desses agentes locais, estabelecemos desde o primeiro momento, que os passos seriam sempre combinados pela coletividade presente aos encontros, estabelecendo como regras de convivência a escolha das melhores datas, horários e locais das oficinas e reuniões, para que a

6 Sobre essa metodologia ver: Arai, Victor Jun. Análise de um processo participativo na experiência de implantação de um projeto município saudável. Dissertação (mestrado em Saúde Pública), FSP-US P, São Paulo; 2002; LAB HAB FAU _US P. Perímetros de Reabilitação Integrada do Habitat. Mapeamento de Lideranças nos PRIHs Glicério e Brás. São Paulo, LAB HAB, 2004.

FICHA 02: Reunião de apresentação do Projeto de Pesquisa-ação e sensibilização do público.



Figura 11 - Sala de reunião da diretoria do Campus Ministro Reis Veloso - UFPI. Ampliação de interlocutores para formação do grupo de trabalho. Foto: Acervo pessoal.



Figura 12- Participantes da Reunião I. Formação de Parcerias. Foto: Acervo pessoal.

Dissertação de Mestrado

O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, em Parnaíba-PI: Presenças e Ausências

Aluno: Helder José Souza do Nascimento

Orientadora: Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro

Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia- UFPI | Dez/2018

mobilização fosse efetiva e legítima.

A partir daí, cada encontro foi cuidadosamente programado, com objetivos claros a serem atingidos, as atividades, as metodologias, os materiais necessários e os tempos de cada reflexão/ação. O planejamento, com base nas abordagens que estabelecemos na metodologia: conceitual, pré-diagnóstico, diagnóstico e elaboração do plano, foi fundamental para o resultado das ações e isso contribuiu para o interesse e a maior participação das pessoas.

Nosso **segundo encontro** fora agendado para o dia 13 de junho de 2018, na sede do Museu do Trem do Piauí, na Esplanada da Estação, área tombada a nível federal, no centro histórico da cidade. Para além da mobilização dos interlocutores presentes na primeira reunião, responsáveis pelo chamamento de outras pessoas, interessadas no processo como participantes, servimo-nos de matéria/convite em site local e do recurso de agendamento de eventos, na plataforma virtual do Facebook, possibilitando a tomada de conhecimento da sociedade sobre o processo de elaboração do Plano Museológico. Por participantes, entendemos quaisquer pessoas, grupos ou outras organizações que tenham um interesse legítimo no museu (DAVIES, 2001).

Neste encontro, que teve o registro de quinze participantes, aprofundamo-nos em contextos-chave para o processo museológico ao qual nos propomos diante do desafio de elaboração do Plano Museológico, com discussões sobre “As implicações e a necessidade de estratégias de gestão para a vida saudável dos museus”, “O pensamento contemporâneo sobre a função do museu junto à sociedade”, “O papel da museologia enquanto ciência social aplicada”, “As políticas públicas para os museus | IBRAM”, “O estado do Museu do Trem do Piauí, na atualidade” e a “Valorização do Patrimônio Cultural Local”.

Por considerarmos ao longo do processo que apesar da ausência de um Plano Museológico, o museu não deve ser considerado uma “folha em branco”, oportunizamos nessa reunião que os participantes conhecessem outra pesquisa-ação finalizada, de autoria do Mestre em Museologia (UFPI), Antônio Melo, que apresentou o produto de pesquisa – Inventário do Acervo do Museu do Trem do Piauí – e como se deu o processo de documentação museológica. O inventário era desconhecido pela maioria dos presentes.

Melo destacou no ano de 2015, durante o curso da disciplina Práxis e Gestão Museológica, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Manuelina Maria Duarte Cândido, no MAPM, realizou junto aos colegas de turma um diagnóstico museológico da instituição em que constataram que o Museu do Trem do Piauí não possuía uma série de requisitos, que iam desde a Lei de Criação a uma relação escrita, documental, da quantidade de peças que compõem seu acervo. As peças do museu não estavam catalogadas, portanto não havia nenhum tipo de registro sobre a quantidade delas. Também não havia nenhum tipo de política

de aquisição ou de descarte de peças. Foi a partir dessa problemática, fundada na indagação de que procedimentos deveriam ser realizados no museu para que ele tivesse melhores condições de gestão e planejamento, que Melo realiza a pesquisa de mestrado com o objetivo geral de realizar um inventário com a catalogação e registro de todos os objetos e coleções que compõem o acervo do Museu do Trem do Piauí.

Como resultado do projeto, o levantamento do acervo revelou a existência de 415 objetos, para os quais foi criado um número de tomo e de registro, que foram gravados nos objetos. Durante o encontro, Melo apresentou o Livro de Tombo, criado para registro das peças inventariadas; como realizou a marcação da numeração das 415 peças do acervo e nos apresentou as Fichas de Catalogação e a Cartilha de Orientações para a Documentação em Museus, dentre os serviços e produtos, resultantes de sua pesquisa de mestrado.

O exausto trabalho técnico de Antônio Melo, não o possibilitou durante o processo de inventariação, proceder o levantamento de um histórico alargado da forma de aquisição, constituição e dos proveitos culturais do acervo. Mas, sobretudo esta pesquisa nos possibilita entender que bens são esses que carecem de proteção/conservação, para evitar a degradação, garantindo a comunicação de sua existência.

Diante da complexidade e extensão do patrimônio ferroviário do estado, objeto de exposição do museu, contamos também nesse encontro com a reflexão do historiador, professor Hécio Mesquita Braga, num enfoque sobre a significância da memória ferroviária, numa abordagem intitulada “Da Estrada de Ferro do Piauí ao Museu”, que possibilitou-nos uma melhor compreensão sobre o processo histórico daquela estação que se complexifica juntamente com o processo de criação e manutenção do museu.

Para Nora (1981), a sociedade necessita destes lugares porque não possui mais meios de memória no atual momento histórico-cultural, tendo em vista que a evolução urbana a descaracteriza à medida que destrói seus lugares. Nesse sentido, entendemos que o museu se coloca como alternativa de apreensão da memória ferroviária.

O encontro, atuou nessa linha de estabelecer a relação homem(sociedade), objeto(patrimônio) e cenário atual, concepção de uma museologia além das paredes do museu, chamada de “fato museal” nos ensinamentos de Waldisa Rússio Guarnieri (GUARNIERI, 1990). Nesse sentido, o projeto-ação para além da elaboração de uma proposta estratégica de gestão do museu, se coloca também a conectar a comunidade a suas referências culturais locais, numa perspectiva de uso desse patrimônio.

FICHA 03: Encontro no *lócus* da pesquisa. Abordagem conceitual sobre o campo de estudo e pré-diagnóstico da instituição.



Figura 15- O segundo encontro aconteceu no Museu do Trem do Piauí. Além dos interlocutores fizemos convite para a comunidade através de redes sociais e de um portal de notícia local, para possibilitar a participação da comunidade interessada no contexto do Museu e da Estrada de Ferro



Figura 16- Roda de conversa. Encontro II.



Figura 17- Grupo de Participantes. Pátio do Museu do Trem do Piauí.

Dissertação de Mestrado

O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, em Parnaíba-PI: Presenças e Ausências

Aluno: Helder José Souza do Nascimento

Orientadora: Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro

Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia- UFPI | Dez/2018

As abordagens trazidas a discussão foram os primeiros passos adotados para trilhar o caminho que se faz ao caminhar, revelador de presenças e ausências.

A partir desse encontro resolvemos adotar uma dinâmica de registro de uma palavra ou expressão que mais tenha chamado atenção, em tarjetas coloridas, a serem coladas numa cartolina, que possibilite ao final do percurso avaliar conceitos e contextos mais evidenciados pelos participantes durante o processo.

Uma vez que já foram discutidos, o envolvimento das pessoas e instituições e o contexto do estudo, continuando a caminhada seguindo a engrenagem metodológica sugeridas pelo Manual do IBRAM, Subsídios para Elaboração de Planos Museológicos. Na data de 26 de junho de 2018, realizamos o nosso terceiro encontro, na Faculdade Internacional do Delta (FID). Essa itinerância dos encontros, na sede de instituições parceiras, nos possibilitou para além da verdadeira produção compartilhada de conhecimento, medir o grau de comprometimento com o objetivo ao assumir a responsabilidade social pela causa e o protagonismo enquanto sujeito ativo.

Nessa oficina, iniciamos o topo da elaboração do Plano Museológico, ao discutirmos a definição da Missão, Visão e Valores da instituição, que nortearão o perfil de atuação do Museu e sua função social. De forma objetiva, a “missão” de uma instituição responde a cinco perguntas-chaves e procura resumir as respostas:

- Para que existimos (finalidade).
- Em que acreditamos (valores).
- O que queremos alcançar (metas).
- O que fazemos (função).
- Para quem o fazemos (público/parceiros).

A missão é um conjunto de palavras que contem, de forma resumida, a finalidade, metas, estratégias e o público alvo de uma instituição (DAVIES, 2001).

Para essa definição conceitual, nos utilizamos de recursos de vídeo explicativo sobre o assunto que nos conduziu ao entendimento do que precisávamos responder para definirmos a caracterização do Museu do Trem do Piauí. Essa dinâmica envolveu também a gravação de respostas dos participantes a questões como: O que deve ser feito pelo museu para que ele cumpra sua função na sociedade? Quais os desejos da comunidade no “fazer uso do museu”?

Para fundamentarmos a discussão com o grupo, enfatizamos o conceito de museu, estabelecido na legislação brasileira específica, cito, o Estatuto de Museus, Lei nº 11.904 de 2009, que diz:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que **conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem**, para fins de **preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo**, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009) (Grifo nosso)

Nas nuances evidenciadas por cada um, em suas falas, detectamos o apelo dos participantes pela inclusão da função de investigação nessa reestruturação conceitual do museu. A ênfase para a pesquisa foi preponderante para estabelecer a redação da visão da instituição, já que desde sua criação até a atualidade o Museu do Trem do Piauí se limitou a conservar e expor o acervo.

O áudio das discussões fora gravado e transcrito, para legitimar o pensamento discutido sobre essa etapa de suma importância para a projeção do museu ao longo dos tempos.

Nesse sentido, a definição institucional foi assim concebida com a seguinte redação:

Missão

Preservar e comunicar a memória ferroviária do Piauí, enfatizando a importância histórica e paisagística da cidade de Parnaíba nesse contexto, visando contribuir para a valorização do patrimônio cultural, estimulando o pensamento crítico e a educação sociocultural de seus utilizadores.

Visão

Afirmar-se, para população local e turistas, como espaço dinâmico, interativo e expositivo de objetos ferroviários com potencial desencadeador de reflexões, estudos e pesquisas no campo da história, arqueologia, museus e, em particular, do patrimônio cultural parnaibano e piauiense.

Valores

**Diálogo | Sustentabilidade | Governança Pública Colaborativa
Transparência | Escuta | Transversalidade | Acessibilidade**

Nesse encontro contamos com a colaboração do consultor de marketing e desenvolvimento tecnológico, George Max, da empresa parnaibana CodiWorks, que conduzira o Programa de Comunicação do Plano de necessidades trabalhado, com a responsabilidade de criar a logomarca do museu.

Delimitamos aí o planejamento conceitual, constituindo-se com o ponto de partida para a construção da estratégia de atuação, em desenvolvimento.

FICHA 04: Encontro para discussão da Missão, Visão, Valores e Identidade visual institucional do Museu do Trem do Piauí.



Figura 18- O encontro foi realizado na Faculdade Internacional do Delta (FID). Instituição que assumiu o papel de interlocutora no desenvolvimento do projeto-ação.



Figura 19- Recurso utilizado ao longo do processo. Cada encontro o participante define a reunião com uma palavra.



Figura 20- Consultor, George Max, da Empresa CodiWorks, assumiu o compromisso de desenvolver a identidade visual de identificação do museu.

Dissertação de Mestrado

O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, em Parnaíba-PI: Presenças e Ausências

Aluno: Helder José Souza do Nascimento

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Áurea da Paz Pinheiro

Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia- UFPI | Dez/2018

Superada a fase de planejamento conceitual, foi o momento de avançarmos para a etapa diagnóstica. Entendendo a necessidade de nos aprofundarmos em conhecer mais sobre o acervo que justifica a existência do museu, propusemos a realização de uma oficina de interpretação de objetos, que além de possibilitar a capacitação de pessoas interessadas, nos permitisse refletir sobre a potencialidade dos objetos musealizados, através de um esquema de análise, sugerido no livro *“Manual de Didáctica del objeto em el museo”* (SANTACANA : LLONCH, 2012), que nos permitiu descobrir outros discursos possíveis, que podem ser incorporados a narrativa expositiva do Museu do Trem do Piauí.

Para ampliar a participação, divulgamos em redes sociais que a oficina teria a abertura de 10 (dez) vagas para interessados, contando que somado a estes, já tínhamos envolvidos na equipe de trabalho umas 15 pessoas. A limitação das vagas se deu pela necessidade de realizarmos a oficina na própria sede do museu, que tem estrutura física limitada diante da necessidade de acolher um maior fluxo de pessoas em suas dependências.

Este **quarto encontro** foi realizado numa tarde de sábado, 07 de julho de 2018, com a participação de 16 pessoas. Para alguns dos presentes, aquela foi a primeira oportunidade de conhecer o Museu do Trem do Piauí, apesar de residirem na cidade. Uma participação que nos chamou atenção, foi a de uma mãe com o filho de 8 (oito) e o sobrinho de 12 (anos), que declarou dentre as motivações o anúncio na internet, o horário de sábado a tarde e a oportunidade do filho e sobrinho conhecerem a história e cultura da cidade. Percebemos daí, como o museu tem um potencial de interesse social e educativo para a comunidade que se utiliza dele.

Para o mini-curso, elaboramos um folder (Apêndice B) que em seu conteúdo explicativo tinha o objetivo de estimular a compreensão crítica global dos significados dos objetos em museus, e como esse pensamento se desenvolveu ao longo dos tempos, apoiado em princípios da pedagogia moderna. Já que muitas pessoas duvidam que os objetos dos museus podem ter funções didáticas e para além de ensinar, promover reflexões importantes para as nossas relações cotidianas (SANTANCANA : LLONCH, 2012).

Passada a fase expositiva, convidamos os participantes à contemplação dos objetos e que ao passo que fôssemos analisando as coleções existentes, pudéssemos registrar que outros discursos guardam essas peças para além do discurso que constitui a memória ferroviária ligada a época do funcionamento da estrada de ferro.

Nessa dinâmica, dentre as potencialidades e narrativas reveladas pelos objetos e coleções, os participantes do grupo, enumeraram 15(quinze) centros de interesse⁷:

- 1 – Mobiliário de época (Design);
- 2 – Coleção de relógios (Relação de viagem e o tempo);
- 3 – Placas de locomotivas (Sinalização);
- 4 – Estrutura da edificação e entorno, ladrilhos hidráulicos de época (Arquitetura);
- 5 – Máquinas, com destaque para Locomotiva (Patrimônio Industrial);
- 6 – Coleção de fotos (Memória visual);
- 7 – Coleção de telefones e telégrafos (Comunicação);
- 8 – Maquetes (Trabalhos Manuais);
- 9 – Coleção de lanternas / faróis (Física);
- 10 – Instrumentos de trabalho (Memória Social do Trabalho);
- 11 – Fardamento / Vestuário (Moda, Costumes);
- 12 – Coleção de latinhas de cerveja sobre modelos de trens (Colecionismo);
- 13 – Material de escritório (Administração);
- 14 – Coleção de sinos / apitos (Comunicação / Música);
- 15 – Vestígios e peças da estrada de ferro, período pós-industrial (Arqueologia Histórica).

Para Santacana & Llonch (2012) um centro de interesse pode ser um objeto ou um conjunto de objetos em torno dos quais se fixam os conceitos, e por isso fundamentais para relacionarmos outros temas e debates que podem ser motivados pelo Museu do Trem do Piauí, que não somente o tema da estrada de ferro.

A oficina se fez fundamental no sentido de estabelecermos um pré-diagnóstico do ambiente interno do museu e do seu acervo, ao tempo em que, demonstramos a possibilidade da realização de ações educativas nas ações cotidianas do museu.

Mesclada à abordagem do último encontro, com foco no diagnóstico da instituição museológica, realizamos o **quinto encontro**, na tarde do sábado, 28 de junho de 2018, numa das salas de aula da UFPI, onde nos debruçamos das 15 às 18h45minn a analisar as dimensões de fatores internos e externos, dentre pontos positivos e negativos, para o diagnóstico global do ambiente do Museu. Independente da nossa visão enquanto pesquisador no campo da museologia e dos patrimônios, somada a visão institucional do período em que gerimos o museu, conduzimos o diagnóstico para que este tivesse as impressões, críticas, avaliações e expectativas mais detidamente dos participantes do processo, na tentativa de não tendenciar o resultado da compreensão formada por eles até aquele momento. E só após passarmos por

FICHA 05: Oficina de Interpretação de Objetos Museológicos.

<p>OFICINA INTERPRETAÇÃO DE OBJETOS</p> <p>07 DE JULHO (SÁBADO) MUSEU DO TREM DO PIAUÍ ÀS 14H59</p> <p>PARTICIPAÇÃO GRATUITA</p> <p>MINISTRANTE: HELDER SOUZA Mestrando em Artes, Patrimônio e Museologia - UFPI</p> <p>REALIZAÇÃO:</p> <p>msom</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ</p> <p>PARNAÍBA PIAUÍ BRASIL</p>	
<p>Figura 21 - Banner virtual utilizado para promoção de inscrições e divulgação da oficina na internet. Durante a oficina foram distribuídos folders instrutivos, com a dinâmica da oficina e o conteúdo didático. Os participantes receberam certificação de 3h aula.</p>	 <p>Figura 22 - Exposição dos motivos sobre o objeto enquanto elemento didático para o processo de ensino aprendizagem. Abordagem teórica.</p> <p>Figura 23 - Abordagem prática de como interpretar um objeto em exposição. Levantamento dos discursos presentes nas coleções do acervo do Museu do Trem do Piauí.</p>

Dissertação de Mestrado

O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, em Parnaíba-PI: Presenças e Ausências

Aluno: Helder José Souza do Nascimento

Orientadora: Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro

Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia- UFPI | Dez/2018

essa investigação darmos contribuição mais técnica durante o processo de elaboração de programas e projetos do Plano museológico.

Na dinâmica do encontro, para que os participantes pudessem conhecer mesmo que virtualmente outras realidades de museus brasileiros, para só depois fazerem suas leituras sobre a cadeia operatória do Museu do Trem do Piauí, após o acolhimento, exibimos a produção audiovisual da série “Conhecendo Museus”, episódio de número 50, sobre a Pinacoteca do Estado de São Paulo, que possui um acervo com mais de dez mil peças e atuação desde 1905.

Após o vídeo passamos as considerações sobre a importância de realizarmos o diagnóstico, centrando os parâmetros de avaliação com base na Matriz SWOT, ao analisarmos os pontos fortes, fracos, as oportunidades e ameaças.

Enfatizamos que o objetivo primordial do processo de avaliação é aumentar a qualidade da gestão do museu na medida em que gera indicadores que nortearão o planejamento e não meramente apontar falhas. É também um momento importante para “escolher que princípios se valorizam como critérios de qualidade.” (DUARTE CÂNDIDO, 2014, p. 85)

O diagnóstico, portanto, não é um instrumento de crítica ou denúncia, mas um meio de pensar, ou repensar, a instituição, procurando-se observá-la com uma visão global, comparando a realidade com um modelo ideal que expressa um padrão desejado, com o objetivo de estimular o aperfeiçoamento da equipe sobre o trabalho que desenvolvem, para reestruturação do museu e a

busca contínua de qualidade, assim descrito:[...] o diagnóstico, longe de ser um elemento ou argumento para a crítica aos museus, deve ser parte da motivação da equipe para a busca da qualidade. Esse é um processo profundamente pedagógico, pelo fato de que provoca uma reflexão sobre o fazer, estimula uma revisão de conceitos e práticas [...] instiga a atualização. Finalmente, porque leva a pensar a instituição como um todo e aí mesmo especialistas acostumados a realizar diagnósticos e avaliações específicas do seu setor de atuação mais direta serão levados a confrontar suas prioridades e seus modos de fazer com a filosofia mais global do museu e com processos de trabalho mais integrados na instituição. (DUARTE CÂNDIDO, 2014, p. 208)

Após as considerações entregamos o questionário, acreditando que este nos possibilitaria uma avaliação mais objetiva da instituição. No cerne da pesquisa com os participantes do projeto-ação, pontuamos:

- Qual a principal função de um museu?
- Se já tinham visitado o Museu do Trem do Piauí antes de participar do processo de elaboração do Plano Museológico?
- Se a divulgação do Museu é realizada de forma eficaz?
- Se consideram o Museu do Trem do Piauí importante para a sociedade?
- Quais os fatores representativos do Museu do Trem do Piauí?
- Que serviços consideram mais relevantes de um museu para a comunidade?
- Que nicho de mercado acreditam que agregaria valor junto ao museu?
- A relação de 3 pontos fortes e 3 pontos fracos do Museu do Trem do Piauí.
- A relação de 3 oportunidades e 3 ameaças, atinentes ao Museu do Trem do Piauí.

Após o preenchimento dos questionários, discutimos os principais pontos numa roda de conversa, momento em que alguns dos participantes exibiram fotos do museu e entorno, que foram tiradas pensando justamente no encontro, denotando preparação por parte destes para o momento.

As respostas a estas questões serão apresentadas detalhadamente no Capítulo II, do Plano Museológico, que versará sobre a Definição Institucional, no item Diagnóstico Global.

Para além de “Participativo”, o grupo constituído em prol da elaboração de uma proposta de Plano de Gestão para o Museu do Trem do Piauí, também se remete a ideia de “Colaborativo”. O processo se delineou pelo protagonismo de pessoas e instituições que creem no patrimônio cultural local como um vetor de desenvolvimento, e por esse motivo continuaram a envidar esforços nesse ideal.

O **sexto encontro** do coletivo, em 04 de agosto, foi marcado pela afirmação de compromisso dos integrantes, estes, profissionais de diversas frentes de atuação, que refletindo a necessidade dos diagnósticos por programa e suas relações profissionais com os temas, assumiram o compromisso na elaboração de diagnósticos por áreas, que fazem a “cadeia operatória de um museu”- institucional, gestão de pessoas, acervo, pesquisa, exposição, arquitetura, educação e cultura, segurança, comunicação, meio ambiente e acessibilidade- para, a partir daí, definirmos os projetos prioritários com vistas a elaboração de uma agenda de atividades no Museu do Trem, a curto, médio e longo prazo.

Após a leitura e distribuição do material de apoio, cite-se o “Subsídios para Elaboração de Planos Museológicos”, distribuímos as competências de elaboração do diagnóstico dos programas de acordo com as habilidades profissionais de cada um, ficando cada integrante responsável por desenvolver um

FICHA 06: Encontro para a realização do Diagnóstico Global do Museu do Trem do Piauí.



Figura 24 - Estação Floriópolis. Acervo da Estrada de Ferro do Piauí que cria conexões com a existência do Museu do Trem do Piauí. Foto de Guilherme Broer trazida ao encontro numa visão integradora.



Figura 25 - Edificação em ruínas ao lado do prédio que abriga o Museu do Trem do Piauí. Análise de fatores externos que, ao mesmo tempo, simbolizam oportunidade e ameaça

	Fatores positivos	Fatores negativos
Fatores internos	Strengths Forças	Weaknesses Fraquezas
Fatores externos	Opportunities Oportunidades	Threats Ameaças

Figura 26- Matriz SWOT. Método utilizado para pensar o diagnóstico global do Museu do Trem do Piauí.

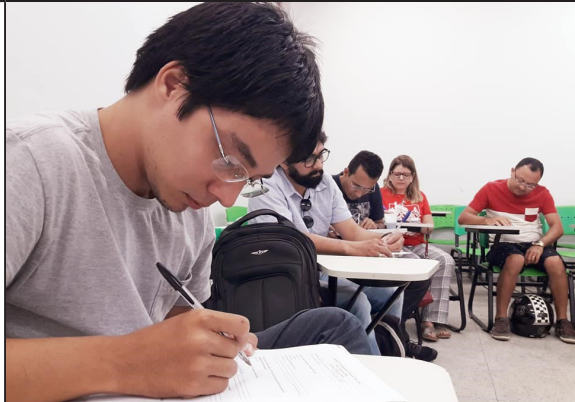


Figura 27 - Aplicação de questionário semiestruturado para a produção de dados.



Figura 28 - Roda de conversa para a exposição de motivos pelos participantes.



Figura 29 - Participantes do diagnóstico global do Museu do Trem do Piauí, no processo de elaboração do Plano Museológico.

Dissertação de Mestrado

O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, em Parnaíba-PI: Presenças e Ausências

Aluno: Helder José Souza do Nascimento

Orientadora: Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro

Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia- UFPI | Dez/2018

programa. Vale ressaltar que dentre os partícipes do processo havia educadores, historiadores, gestores de cultura, arquitetos, advogados, comunicadores, analista de sistema de informação. O procedimento, apesar de não constar nas orientações da referência base, foi aceito por todos os integrantes, e como estabelecido desde o princípio, a decisão da maioria guardaria o respaldo dos rumos da pesquisa-ação. Para Stuart Davies (2001), não existe a “maneira certa” para preparar um plano diretor.

Como os encontros estavam acontecendo com intervalos de no máximo quinze em quinze dias, e a partir daquele momento haveria a necessidade de desenvolvimento individual do diagnóstico por programa, o grupo requereu o intervalo de um mês e 15 dias para o próximo encontro, em que cada participante apresentaria, em forma de seminário, as considerações pessoais, com base em levantamentos realizados sobre o museu.

Entendemos condizente o intervalo sugerido, como um período de maturação, para que os integrantes pudessem após a sequência de oficinas conceituais, pensarem e responderem as necessidades dos programas museológicos com mais calma, sem a pressão de que um pouco tempo exigiria. Esse foi um tempo necessário ao processo de internalização e entendimento, de apropriação do Plano pela sociedade. Compreendemos sobretudo como democrática a extensão de uma pesquisa feita em colaboração, se os pares envolvidos tem participação no problema sob investigação.

O parágrafo primeiro do artigo 216 da CF, reporta-se a postura colaborativa da sociedade em relação à proteção do patrimônio cultural:

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. (BRASIL, 1988)

Junto a isso, encontramos consonância com as diretrizes da Convenção para a Salvaguarda do PCI (UNESCO, 2003) ao estabelecer que os sujeitos das manifestações culturais não devem ser entendidos apenas como passivos informantes, ou espectadores dos processos, porém que possuam “a mais ampla participação possível”. Portanto um processo em colaboração academia-comunidade (UNESCO, 2003, art. 15.º).

A colaboração da comunidade nesse processo de formulação de propostas para o museu, aproxima essa experiência das perspectivas da Museologia Social.

Dada a repercussão acadêmica desse processo que envolve universidades e comunidade, fomos convidados pela coordenadora do Curso de História, da Universidade Estadual do Piauí, em Parnaíba, Prof.

FICHA 07: Encontro para divisão de competências na Elaboração do Plano Museológico.



Figura 30- Rayla Menses, Arquiteta, Chefe do Escritório Regiani do IPHAN, em Parnaíba.



Figura 31 - Dalva Fontinele, Historiadora, autora do Livro "Entre trilhos e dormentes: a Estrada de Ferro Central do Piauí na história e na memória dos parnaibanos (1960-1980)".



Figura 32- Alessandra Mota, Produtora Cultural, Assessora Executiva da Superintendência de Cultura de Parnaíba.

CADEIA OPERATÓRIA MUSEOLÓGICA

- ▶ 1. PROGRAMA INSTITUCIONAL
- ▶ 2. PROGRAMA DE GESTÃO DE PESSOAS
- ▶ 3. PROGRAMA DE ACERVOS
- ▶ 4. PROGRAMA DE PESQUISA
- ▶ 5. PROGRAMAS DE FINANCIAMENTO E FOMENTO
- ▶ 6. PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES
- ▶ 7. PROGRAMA ARQUITETÔNICO-URBANÍSTICO
- ▶ 8. PROGRAMA EDUCATIVO E CULTURAL
- ▶ 9. PROGRAMA DE SEGURANÇA
- ▶ 10. PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO
- ▶ 11. PROGRAMA SOCIOAMBIENTAL
- ▶ 12. PROGRAMA DE ACESSIBILIDADE UNIVERSAL

Figura 33- Quadro síntese dos Programas desenvolvidos no Plano Museológico do Museu do Trem do Piauí.



Figura 34- Discussão sobre a divisão de competências para elaboração do Plano.



Figura 35- Registro do grupo presente no VI Encontro.

Dissertação de Mestrado

O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, em Parnaíba-PI: Presenças e Ausências

Aluno: Helder José Souza do Nascimento

Orientadora: Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro

Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia- UFPI | Dez/2018

Lêda Vieira, para ministrarmos palestra em ato de recepção dos calouros do curso, num diálogo sobre a experiência da construção participativa do Plano Museológico do Museu do Trem do Piauí, em curso naquele momento.

Resolvemos aproveitar a oportunidade para validarmos o *feedback* do grupo de alunos em relação a coerência e relevância da pesquisa em discutir a realidade do patrimônio cultural local, através da aplicação do método de **Grupo Focal** que nos proporcionou uma troca de experiências, conceitos e opiniões entre os participantes.

Nesse estágio da pesquisa foi importante sentir as reações desse grupo focal sobre esse processo e suas lógicas, que para além da construção de um plano de gestão para o museu tem oportunizado uma capacitação coletiva com os participantes/colaboradores, recriando significado ao patrimônio cultural local, estimulado pelo sentido do desenvolvimento do potencial humano.

A sessão foi realizada no dia 01 de setembro, no mini-auditório da UESPI, em Parnaíba, operacionalizada em momentos-chave: abertura, apresentação dos participantes entre si; esclarecimento à cerca do processo de elaboração do Plano Museológico do Museu do Trem; debate sobre o tema; encerramento.

O Grupo Focal possibilitou que muitos dos participantes tivessem pela primeira vez contato com temáticas como Museologia, Patrimônio Ferroviário e Plano Museológico. No entanto, pelos testemunhos gravados durante o debate foi factível a compreensão da experiência participativa apresentada, na tentativa de transformação da realidade posta como se percebe nas falas:

Antes eu achava que o museu era só juntar várias coisas antigas, por em um prédio e pronto, chegar lá e observar. Agora eu estou vendo, depois da sua palestra sobre o Plano Museológico e tudo... que tem que ser um processo muito extenso para poder chegar, de fato, em um museu. (Manoel Carvalho das Chagas Júnior, 2018)

Agente entendia que museu era só aquele prédio, fechado, onde as pessoas iam pra visitar. Pra mim era a minha visão. E agora o que eu entendo é que museu, ele é um... nesse novo sentido que você trouxe hoje pra nós, ele é uma coisa mais ampla. (Francisco Arcanjo Mendes dos Santos Júnior, 2018)

FICHA 08: Palestra “Há um museu entre nós”, recepção dos calouros do Curso de História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba. Grupo focal.



Figura 36- Palestra intitulada “Há um museu entre nós”



Figura 37- Turma de calouros do Curso de História, composta por 27 alunos, participantes do Grupo Focal.

Dissertação de Mestrado

O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, em Parnaíba-PI: Presenças e Ausências

Aluno: Helder José Souza do Nascimento

Orientadora: Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro

Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia- UFPI | Dez/2018

4.2 Colaboração e Cooperação na elaboração do Plano Museológico | O que há em comum nos termos, além do “C”

“Colaborar de fato é laborar junto, trabalhar junto. Como estamos nos propondo aqui, de alguma forma, é construir juntos uma dinâmica horizontal que consiga potencializar de alguma maneira tanto competências, quanto habilidades para serem postas em prática em torno de um objeto comum que é o Plano. Acredito que a forma como está sendo feita, torna mais democrática, torna mais participativa e ao mesmo tempo promove a convivência, que eu acho que é outro valor importante pra quando se constrói algo, sobretudo no campo da pesquisa, da educação. Nós estamos socializando o processo de construção de algo comum. Colaborando, convivendo e de alguma maneira aprendendo em conjunto, dentro dessa palavra que é tão chave pra nossa forma de vida hoje em sociedade.” (Professor Josenias dos Santos Silva, participante da elaboração do Plano Museológico do Museu do Trem do Piauí, 2018.)

Esse item é voltado a evidenciar como se deu o processo de colaboração e cooperação dos participantes do grupo na elaboração do Plano Museológico, em questão. Estes dois termos se fazem presentes na literatura em diversas áreas e geralmente chegam a ser confundidos por serem, em comum, empregados indistintamente por grupos na resolução de problemas. Camarinha-Matos e Afsarmanesh (2008) argumentam que o termo “colaboração” é normalmente confundido com “cooperação”. Em suas distinções são apresentados como:

- Colaboração- Ela ocorre quando os parceiros trabalham juntos para planejar, implementar e avaliar os processos interorganizacionais que definem os princípios e métodos para compartilhar informações e recursos de modo a se atingir objetivos comuns e, ao mesmo tempo, fortalecer as capacidades individuais de cada parceiro. Age como uma identidade única onde os riscos, recursos e responsabilidades são compartilhadas com o intuito de alcançar os benefícios que motivaram a criação da rede de colaboração;
- Cooperação - Consiste na divisão de atividades específicas entre os participantes. Existe o intercâmbio de informações e redirecionamento das atividades como nos casos anteriores, mas inclui aqui o compartilhamento de recursos para atingir as metas definidas.

Independente dos limites que distinguem os termos, a utilização destas duas forças de trabalho coletivo, nesse processo, se deu de forma simultânea sem a exclusão de um pelo outro. Foi importante perceber que apesar de cada integrante ter se responsabilizado por um tema específico, um programa específico para desenvolver dentro da elaboração do plano, eles estavam interessados pelo todo e não pelas partes. Isso ficou patente durante o período de produção dos diagnósticos por área, em que o grupo ficou um maior tempo sem encontro presencial, e mesmo assim a ferramenta digital de comunicação utilizada, continuava transformando a relação entre os participantes, com trocas de informações pelo aplicativo “WhatsApp”, possibilitando aproximações nos momentos de ausências físicas. Essa comunicação virtual foi um ponto bastante positivo no momento de descentralização dos esforços da pesquisa-coletiva.

Foi nesse período, exatamente em 2 de setembro, que através da rede virtual ressentimo-nos pelo incêndio de grandes proporções que destruiu o Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Instituição que completou 200 anos de existência, em 2018, com um acervo de mais de 20 milhões de itens. O fato nos fez refletir as fragilidades do setor de museus, no Brasil. E apesar da tristeza pela perda irreversível do bem coletivo, reforçou-nos a importância do planejamento estratégico para os museus, em processos como o em curso, em nível local.

Nesse interim, elaboramos e encaminhamos aos participantes dois modelos de fichas para auxílio e uniformização das produções pessoais necessárias ao diagnóstico dos programas e a formulação de proposições de projetos:

Ficha 1. Diagnóstico do Programa (Apêndice C);

Ficha 2. Ficha de Projetos (Apêndice D).

As fichas seguem formatação simples e sucinta, como material de apoio para auxiliá-los quanto à forma de redigir as cooperações que seriam apresentadas no próximo encontro.

O **sétimo encontro**, realizado às 15h00, do sábado, dia 15 de setembro, em uma das salas de aula da UFPI, em Parnaíba, foi um momento de ouvidos abertos ao coletivo, onde cada integrante apresentou sua cooperação ao processo, em forma de seminário, detalhando o levantamento dos dados dos programas, Ficha 1, impressas em verde; e relatando as propostas de projetos pensados para execução durante o quadriênio previsto no plano, Ficha 2, impressa em laranja. Ao final da apresentação de cada seminário por pessoa, fomos fixando os papéis no quadro, que nos possibilitou visualizar os avanços da produção a qual tínhamos nos proposto a realizar.

Os integrantes que não puderam participar do encontro, enviaram suas produções por e-mail. O calendário havia ficado comprometido pela proximidade do período eleitoral e seus respectivos atos de campanha, além das revisões de ENEM que precediam a fase de realização das provas. A ausência física, não se tornou um empecilho, pois o maior motivador dos interlocutores era o desejo de colaborar para o progresso da instituição que guarda um 'bem comum'. Ressaltamos que para além de pesquisador em vários momentos nos colocamos como mediador do processo, tendo que negociar com os participantes as formas de participação.

As vantagens de se trabalhar num sistema colaborativo é que os resultados são abertos. O valor desse Plano Museológico está no comprometimento coletivo, ao invés de um plano individual podemos

dizer que temos coautores do plano, com um conceito de autoria dissolvido nessa rede de pessoas que permaneceram no movimento, reconhecendo que a criação em rede também tem dificuldades, como a de encontrar pessoas dispostas a se reunirem, compartilhar informações e a conversarem.

O processo intenso de colaboração/cooperação na tentativa de trazer inovação para dentro do Museu, nos apresentou naquela tarde com a apresentação da nova identidade visual para o Museu do Trem do Piauí, criada pelo participante George Max, como fruto dos diálogos em grupo. O logotipo apresentado causou nos presentes uma sensação imediata de pertencimento, uma ligação afetiva traduzida em elogios efusivos à concepção visual idealizada. Logo, se começou a pensar e discutir nos desdobramentos que emanariam a partir da identidade, como folheteria, site, camisetas, adesivos, souvenirs e outros materiais promocionais. Ficamos convencidos de que a diversidade de colaboradores/cooperadores além de acelerar os resultados, mesmo ainda na fase de planejamento, potencializa novas ideias e promove a apropriação social do patrimônio de forma mais imediata, evidenciando o caráter dinâmico desse processo.

O desenvolvimento de novos produtos está hoje muito relacionado à coordenação de um vasto “ecossistema” de parceiros que possuem habilidades e capacidades complementares, que nos aproxima do conceito de Comunidade de Prática.

O conceito de comunidade de prática (CoP) foi cunhado por Etienne Wenger e, em síntese, pode ser esclarecido como um grupo de indivíduos que se reúnem periodicamente, por possuírem um interesse comum no aprendizado e na aplicação do que foi aprendido.

Este interesse nasce de uma paixão, de algo que as pessoas realmente querem aprender, não por obrigação, mas por prazer. Nesses encontros, as pessoas compartilham conhecimento, trocam experiências, levam seus problemas e encontram soluções. A amizade e a confiança surgem de uma forma natural. (TAKIMOTO, 2012)

Nessa etapa, também discutimos em grupo, como seria a estrutura do Plano Museológico, tomando por base alguns modelos que pesquisamos enquanto boas práticas, dos quais ressaltamos o Plano Museológico do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, de Florianópolis- SC, editado em 2015 pela empresa Tríscele Web e Museologia, sob a coordenação do Museólogo Jonei Eger Bauer, que para além do plano traz notas explicativas e orientadoras para uma boa elaboração de um plano museológico.

Como resultados das discussões nos decidimos pelo seguinte roteiro sumário:

[1] Introdução

- Apresentação do Plano Museológico
- Museu e Museologia

[2] Definição Institucional

- Dados Gerais da Instituição
- O Acervo
- Diagnóstico Global
- Missão, Visão e Valores

[3] Contexto Histórico

- A cidade de Parnaíba e o território
- Significância do Patrimônio Ferroviário
- Da estrada de Ferro ao Museu do Trem do Piauí

[4] O Museu e a elaboração do Plano Museológico

- O processo de elaboração do Plano

[5] Programas e Projetos

1. PROGRAMA INSTITUCIONAL

PROJETOS INSTITUCIONAIS

2. PROGRAMA DE GESTÃO DE PESSOAS

PROJETOS DE GESTÃO DE PESSOAS

3. PROGRAMA DE ACERVOS

PROJETOS DE ACERVOS

4. PROGRAMA DE PESQUISA

PROJETOS DE PESQUISA

5. PROGRAMAS DE FINANCIAMENTO E FOMENTO

PROJETOS DE FINANCIAMENTO E FOMENTO

6. PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES

PROJETOS DE EXPOSIÇÃO

7. PROGRAMA ARQUITETÔNICO-URBANÍSTICO

PROJETOS ARQUITETÔNICO-URBANÍSTICO

8. PROGRAMA EDUCATIVO E CULTURAL

PROJETOS EDUCATIVO E CULTURAL

9. PROGRAMA DE SEGURANÇA

PROJETOS DE SEGURANÇA

10. PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO

PROJETOS DE COMUNICAÇÃO

11. PROGRAMA SOCIOAMBIENTAL

PROJETO SOCIOAMBIENTAL

12. PROGRAMA DE ACESSIBILIDADE UNIVERSAL

PROJETOS DE ACESSIBILIDADE UNIVERSAL

[6] Referências

Competiu a mim enquanto articulador da pesquisa, a revisão das cooperações dos textos autorais de profissionais locais e a relatoria final do Plano Museológico, diante do papel de equilibrar os anseios da produção acadêmica e comunitária.

Como forma de inserirmos outros utilizadores do museu dentro dessa metodologia de concepção do plano, uma vez alcançada a etapa de elaboração participativa estabelecida em nosso cronograma inicial, nos propusemos a realização de uma intervenção urbana e cultural, a ser realizada no próprio Museu do Trem do Piauí, que pudesse cumprir a função de comunicar e dar a conhecer a uma maior parcela da população, esse rico processo de planejamento institucional.

O evento, que se chamou **‘Eu no Museu’**, realizado em 01 de dezembro, foi assim cunhado para expressar a ideia de que são as pessoas o motivo da existência do museu e que ele ganha sentido a partir de sua utilização, pois concordamos com Hugues de Varine (2013), para quem “o patrimônio não está separado da vida cotidiana”. Ele se inseriu também dentro da perspectiva de sustentabilidade de envolvimento das pessoas para com as ações de exercício e cumprimento da função social do museu, dentro da relevância de apropriação do espaço museológico pelo público.

As atividades pensadas para esse encontro acabaram por provar a capacidade potencial de participação cultural que o equipamento pode fomentar. O Museu de Trem do Piauí se fez um fórum, recebendo no seu pátio, em baixo das sombras dos oitis uma roda de conversa. Pessoas que compareceram por sentirem-se motivadas pelos contextos que foram abordados no evento.

A presença dos mais de sessenta visitantes na tarde de sábado reforçou o potencial tanto educativo, quanto cultural do museu, ao tornar-se abrigo da programação que além da roda de conversa mediada pelos professores historiadores Dalva Fontenele e Hércio Carvalho Mesquita, contou também com a intervenção urbana do artista gráfico, Dieson Oliveira, que pintou no muro ao lado da sede, o trem que ele guardava nas memórias de infância. Várias memórias foram ativadas, como as do senhor Raimundo Nonato Mesquita de Araújo, 76 anos, funcionário da RFFSA de 1962 a 1988, ocupando as funções de conservador de via permanente, guarda-fio e metalúrgico, que nos presenteou com a grata surpresa de sua participação e na ocasião fora convidado para descerrar a Placa da nova identidade visual do museu. O momento contou também com o lançamento do site institucional, desenvolvido pelo colaborador do processo de elaboração do Plano, George Max. A ideia é que através dessa janela de inovação, que já contempla um dos projetos do Programa de Comunicação do Plano Museológico, possamos nos servir da tecnologia dentro de “uma concepção extensiva do patrimônio que faz sair o museu dos seus próprios muros”, como refere Francisca Hernández (1994), ao mencionar a aplicação da Nova Museologia. O site conecta o museu a uma série de possibilidades do mundo virtual e principalmente com as pessoas.

FICHA 09: Seminário de apresentação dos Programas e Projetos elaborados pelos colaboradores

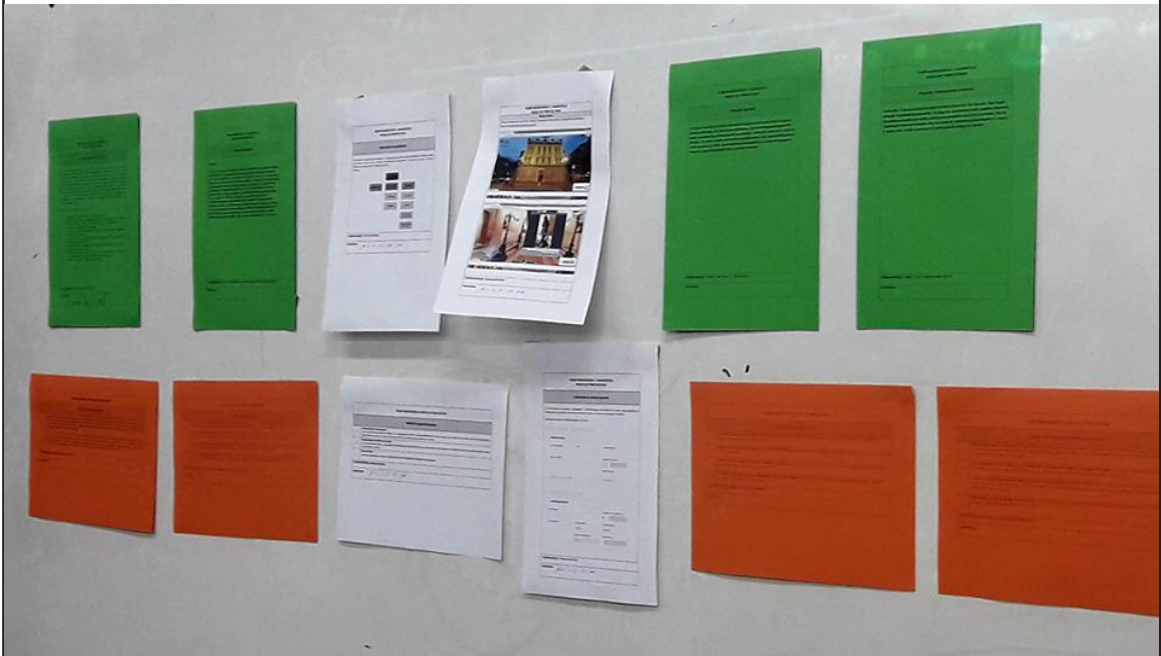


Figura 38- Quadro de propostas apresentadas.



Figura 39- Grupo.



Figura 40 – Apresentação do Seminário.

Dissertação de Mestrado

O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, em Parnaíba-PI: Presenças e Ausências

Aluno: Helder José Souza do Nascimento

Orientadora: Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro

Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia- UFPI | Dez/2018

O prazeroso encontro foi encerrado com a participação do Grupo de Chorinho “Aquarela Musical” sob a regência do músico Gregório Neto. Cada participação voluntária se deu dentro de seus interesses e saberes e transformou o museu em um centro cultural.

Os visitantes presentes no evento tiveram, nessa recepção, não só a possibilidade de participação, mas também de colaborar com a ideia de potencial do museu como um centro cultural, como núcleo da cultura regional, onde concentração e irradiação se fazem presença indissociável no processo de elaboração de um Plano Museológico, que se proponha a ser participativo.

FICHA 10: Intervenção artístico cultural, #EuNoMuseu.

#EUNO MUSEU

01 DEZ 2018
MUSEU DO TREM DO PIAUÍ

PROGRAMAÇÃO

16H - Artgrafia: oficina de grafite. Artista Plástico: **Dieson Oliveira**.

16H - Roda de Conversa: Parnaíba entre trens e trilhos & as Memórias de Ferro no Centenário de Alberto Silva. Mediadores: **Dalva Fontenele** e **Hélcio Carvalho**, historiadores. Cerificação para participantes. Sorteio de livros*.

17H30 - Descerramento da Placa de lançamento da identidade visual do Museu do Trem do Piauí.

17H35 - Apresentação da Marca e Lançamento do site institucional do Museu do Trem do Piauí. Mediação: **George Max | CodiWorks**

18H - Música no Museu: **Gregório Neto** apresenta Chorinho Aquarela Musical. Sorteio de DVDs*.

REALIZAÇÃO:

MAPM UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ PARNAIABA CULTURA IHGGP Coolworks

PARNAÍBA PIAUÍ BRASIL



Figura 42 - Roda de Conversa no pátio do Museu do Trem do Piauí, Esplanada da Estação.



Figura 43 - Intervenção artística com grafite do artista Dieson Oliveira. Muro da fachada do Museu do Trem do Piauí.

Figura 41 - Cartaz de divulgação da intervenção Urbana e Cultural, intitulada #EunoMuseu.



Figura 44 - Momento de descerramento da Placa alusiva ao lançamento da identidade visual do Museu do Trem do Piauí.



Figura 45 - Música no Museu com o Grupo de Chorinho Aquarela.

Dissertação de Mestrado

O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, em Parnaíba-PI: Presenças e Ausências

Aluno: Helder José Souza do Nascimento

Orientadora: Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro

Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia- UFPI | Dez/2018

FICHA 11: Produtos apresentados na Intervenção artístico cultural, #EuNoMuseu.



Figura 46 – Logotipo da nova identidade visual do Museu do Trem do Piauí. Criação de George Max.



Figura 48 – Modelos de camisetas.



Figura 47 – Momento de lançamento do site institucional do Museu do Trem do Piauí..



Figura 49 – Template do site.

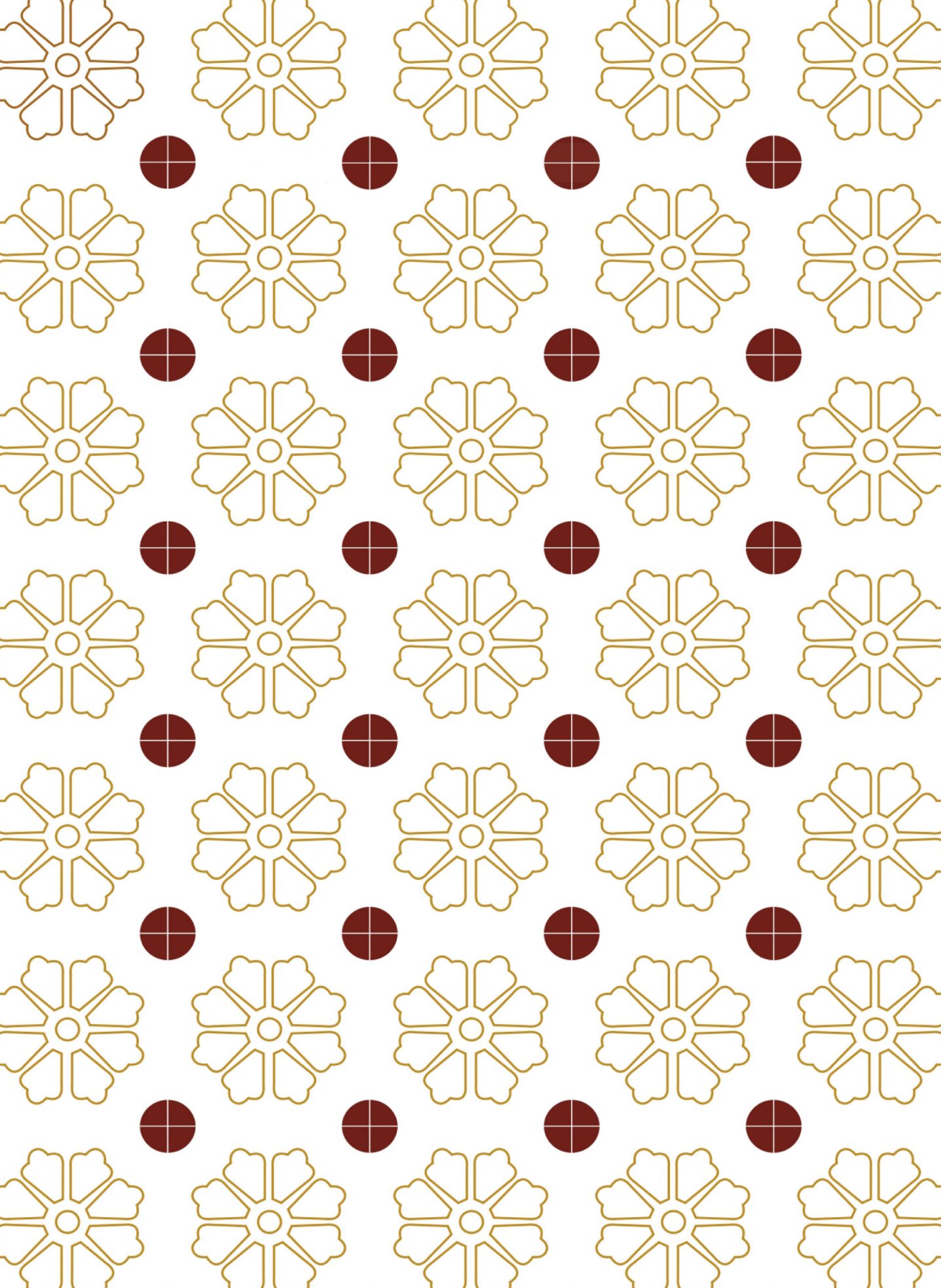
Dissertação de Mestrado

O Processo de Elaboração do Plano Museológico Participativo do Museu do Trem do Piauí, em Parnaíba-PI: Presenças e Ausências

Aluno: Helder José Souza do Nascimento

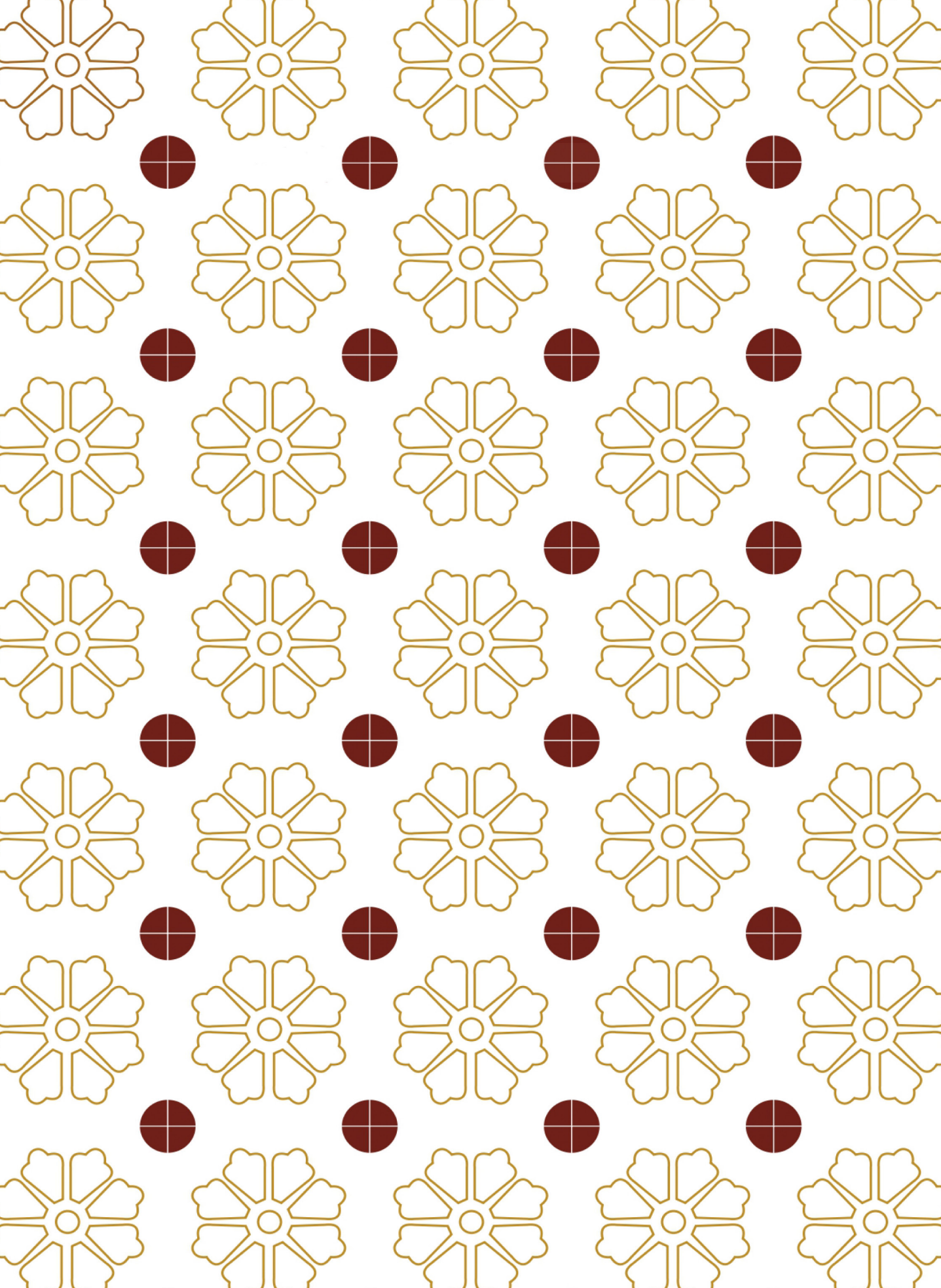
Orientadora: Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro

Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia- UFPI | Dez/2018



5 PRODUTOS E SERVIÇOS

Os produtos e serviços resultantes desse trabalho beneficiarão o Museu do Trem do Piauí, a Prefeitura de Parnaíba, nomeadamente o Órgão Gestor de Cultura, os funcionários do museu e seus usuários. Destacamos que eles são frutos dos anseios iniciais delineados no projeto e os resultados que se apresentaram ao avançar/caminhar. Além das intervenções em forma oficinas, palestras, rodas de conversa, minicursos, preparatórios para a construção coletiva do Plano Museológico, propriamente dito, destacamos a criação da nova identidade visual da instituição e o website >> www.museudotemdopiaui.com.br << , cartão de visita do museu, que passou a agregar a documentação museológica, as pesquisas desenvolvidas sobre museu e sobre a EFCP, comprovando o seu poder de dilatar-se virtualmente.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como ponto de partida a elaboração do Plano Museológico do Museu do Trem do Piauí, concebido em 2018. Um momento que esteve inicialmente vinculado ao desejo de melhoria da gestão cultural do museu e do delineamento de sua função social junto à comunidade.

Entre 2013 e 2016, quando de nossa atuação como gestor da Superintendência de Cultura, órgão da Prefeitura de Parnaíba, responsável pela manutenção do museu, as questões relacionadas à gestão museológica nos trouxeram muitas dúvidas e inquietações. Daí, nosso interesse pelo tema foi uma força motriz para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado.

Primeiramente, ao descortinarmos o cenário museológico pudemos perceber que como o ICOM, em 2004, em seu Código de Ética, já havia preconizado que os países implantassem um instrumento de gestão em seus museus, a observância ao Estatuto de Museus, Lei 11.904/2009, e do Decreto 8.124/2013, que regulamentam a criação do Plano Museológico pelos museus brasileiros, para além de um cumprimento legal era uma necessidade de se harmonizar as práticas museológicas de outros países.

Além disso, a **ausência** de delineamento de gestão do museu e de um museólogo responsável pela realização dessa tarefa nos permitiu acreditar na proposta de elaboração do PM, que ora se apresenta, como uma oportunidade para construção de uma linha de atuação estratégica para a instituição.

O desenvolvimento da pesquisa de forma individual poderia ser a maneira mais cômoda diante do mister de pesquisador. **Porém, como estabelecer uma tomada de consciência por parte da população quanto a essas problemáticas?** Considerando a questão citada, optamos por realizar uma investigação-ação participativa. Decisão que nos levou a outras questões que tangenciaram a pesquisa.

A partir daí revelou-se a necessidade de se adotar a ótica museológica de pensar o processo como um elemento mobilizador, comunitário. Que pudesse discutir o museu para além do edifício, dos objetos e das coleções. Um museu, plataforma de diálogo, de modo que os envolvidos se sentissem responsáveis pela investigação e pelos rumos adotados para a preservação do patrimônio. Para tal, foi necessário identificar e formar uma rede de pessoas interessadas pelas questões suscitadas pelo patrimônio ferroviário e dispostas a auxiliar na resolução dos objetivos da pesquisa. A rede parece ser um fenômeno cada vez mais presente no cotidiano da sociedade atual. Caracteriza a forma como a sociedade e as instituições tendem, hoje, a (re)organizar-se e a operar (Cardoso, 2006; Castells, 2007).

Numa primeira via, convidamos para a composição desta rede representantes de órgãos e instituições que por suas finalidades, competências e atribuições pudessem estar sensíveis quanto à importância de instrumentos capazes de auxiliar na salvaguarda do patrimônio cultural local. Dentre os convites feitos a

estas esferas do tecido social que compuseram a arquitetura da equipe de trabalho, ressentimo-nos pela **ausência** de representantes oriundos do Curso de Turismo da Universidade Federal do Piauí, Campus Parnaíba, e da Secretaria Municipal de Educação de Parnaíba, esta inclusive instalada no parque ferroviário ao lado do edifício sede do Museu do Trem do Piauí. Esclarecemos que foram encaminhadas a estas instituições, em nome de seus gestores, carta-convites formais (Anexo A), com protocolo de recebimento, explicando os motivos que nos levaram a propor o projeto. Não nos habilitamos, no entanto, a interpretar o desinteresse na participação, ao mesmo tempo, em que, não podemos dizer que essas ausências foram negativas, porque elas tangenciaram a metodologia de trabalho, com a atenção de suprir o possível olhar de gestores educacionais e turismólogos. Mesmo assim, é de suma importância que estas instituições sejam chamadas novamente a parcerias, quando da implementação do plano, tendo em vista a capacidade de mobilização de seus públicos, estruturas operacionais e interdisciplinaridade de seus planos de ação.

Fazemos constar estas ausências, uma vez identificada uma necessidade de aproximação entre ações museológicas e as ações dos órgãos de governança, que através de suas políticas, de forma cada vez mais presente, tem realizado intervenções no campo dos patrimônios e dos museus. Porém, as instituições citadas ao longo do processo, na verdade serviram apenas como ‘chave’ para acessarmos pessoas da comunidade dispostas a partilhar conhecimento e experiências, sendo que a participação ao processo não foi condicionada a vinculação institucional. Ressalte-se que as pessoas que interagiram ao longo do projeto, independente do cargo em que ocupam socialmente, não estavam naquele momento investidas em cargos, mas como sujeitos com espírito comunitário interessados na mudança de realidade da situação problemática.

A teoria de Judite Primo, define que:

entende-se por museu um espaço institucionalizado ou não, onde as relações do homem - sujeito que conhece - e o facto museal – testemunho da realidade - se estabelecem. Esta realidade tem a participação do homem que possui o poder de agir e portanto estabelecer sua acção modificadora. (PRIMO, 1999, pág.29)

Partindo de vários fatores que contribuíram para a transformação no conceito de museus, nomeadamente aos documentos produzidos no **Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus**, ocorrido no Rio de Janeiro no ano de 1958; na **Mesa Redonda de Santiago do Chile** em 1972; no **I Atelier Internacional da Nova Museologia**, na cidade de Quebec, no Canadá realizado em 1984; na **Reunião de Oaxtepec**, ocorrida no México em 1984; na **Reunião de Caracas**, na Venezuela em 1992; Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, fruto da 32ª Sessão da Conferência Geral das Nações Unidas, ocorrida em Paris em 2003; encontramos muitos pontos positivos no cenário em estudo, que os traduzimos em **presenças**: como o interesse do poder público local que ainda em 2002 promovera a restauração de um edifício que dá significação ao patrimônio ferroviário

abandonado após a extinção da ferrovia; os esforços coletivos da comunidade na recolha de um acervo disperso; a criação de um museu e a consequente manutenção do equipamento que ao expor a coleção visitável cede lugar a conexão do público com suas identidades, histórias e memórias; a instalação do Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia no território, propondo novas práticas e tratos para com o patrimônio, trazendo mudanças para o cenário, com o compromisso do desenvolvimento de pesquisas e estabelecendo sinergia com a sociedade.

Sobre o processo de elaboração do Plano Museológico Participativo propriamente dito, podemos sinalizar que o nosso estudo revela dentre as **presenças**, que as pessoas estão abertas a participação, construção e colaboração em processos museológicos, que a atuação em coletividade é preponderante para a definição da função social que um museu deve adquirir. Que o museu enquanto ambiente de diálogo se identifica ao modelo de gestão compartilhada, aberta a parcerias e cooperações para o fortalecimento do campo do patrimônio cultural. Que a descentralização das decisões e troca de ideias num processo de elaboração de um plano estratégico é fundamental para o estabelecimento de metas que vise à sustentabilidade de uma instituição museal capaz de enfrentar os desafios das realidades contemporâneas.

Assim, pelo presente estudo foi demonstrado que através de processos de elaboração de planos museológicos participativos é possível se atingir aspectos preconizados nas Declarações de Santiago do Chile (1972) e Caracas (1992):

- Inserção de políticas museológicas nos planos do setor de Cultura.
- Tomada de consciência do poder decisivo que esta tem para o desenvolvimento dos povos.
- Reflexão sobre a ação social do Museu. Análise das proposições teóricas em torno dos museus do futuro.
- Estratégias efetivas para captação e controle dos recursos financeiros.
- Suportes legais e inovações de organização dos museus.
- O perfil dos profissionais para as instituições museológicas.
- O Museu como meio de comunicação.

Esse exercício de elaboração do PM nos fez perceber também que o museu do Trem do Piauí tem uma capacidade de dilatar-se física e virtualmente, não podendo cerrar-se no rótulo de museu histórico clássico, mas de um Museu de Território por vocação, transmitindo outras possibilidades de leituras, diante de um patrimônio disperso e ainda presente em diversos pontos característicos do Estado do Piauí conectados pelos vestígios da estrutura da malha ferroviária que vai de Luís Correia a Capital Teresina,

considerando o espaço territorial como uma área museográfica (PRIMO, 1999). Portanto, totalmente capaz de integrar a Rede de Museus de Território (MUDE), proposta pelo MAPM, ao qual este projeto de pesquisa está vinculado. Desta feita, o PM do Museu do Trem do Piauí, pode assumir um caráter de pioneirismo e de modelo para os outros pólos museológicos da rede, que ainda necessitarão passar pelo mesmo processo de elaboração.

Para Hugues de Varine (2012), também é um museu-território o museu clássico que se **reorganiza** para servir e dar cobertura ao conjunto de território de sua região, a fim de melhor refletir sua diversidade e melhor responder ao que as autoridades locais esperam de uma instituição patrimonial.

Este conjunto de fundamentos e reflexões oferecem um retrato, um recorte do atual quadro do campo da museologia na cidade de Parnaíba, especificamente do seu museu público, o Museu do Trem do Piauí, região norte do estado. Fornece uma visão que contribui para a construção de um plano estratégico para o desenvolvimento da gestão museológica e cultural com base na Nova Museologia: um plano integrado, discutido e elaborado junto à parcela da comunidade local, que se devidamente aplicado, será capaz de superar as debilidades e ameaças elementares identificadas durante o processo de investigação-ação. Espera-se, sobretudo, que a pesquisa e as reflexões possam auxiliar a gestão pública local em suas tomadas de decisões e a comunidade como um todo a perceber o potencial do museu como um vetor de desenvolvimento.

7 REFERÊNCIAS

ALDAY, Hernan E. Contreras. **O Planejamento Estratégico dentro do Conceito de Administração Estratégica**. Revista FAE, Curitiba, v.3, n.2, p.9-16, Mai.-Ago. 2000.

ARGENTA, Denise. **Museus e economia criativa**: apontamentos para perspectivas futuras. Cadernos do CEOM, Ano 26, n. 39, 2013. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/1737/955> . Acesso em: 25 dez. 2015.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

BAUER, Jonei Eger. **O que é museografia?** 2018. Disponível: <https://www.triscele.com.br/triscele/o-que-e-museografia>. Acesso em: 26 set. 2018.

BAUER, Jonei Eger. **Plano Museológico do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner**. – Florianópolis, SC, 2015.

BAUER, Martin W. GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual pratico I**; tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petr6polis, RJ : Vozes, 2002.

BOYLAN, Patrick (Ed.). **Como gerir um museu**: manual prático. Paris: ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Decreto nº 8,124/2013**. Regulamenta a Lei nº 11.904/2009, e a Lei nº 11.906/2009. Brasília, DF. Diário Oficial da União, 18 de outubro de 2013.

BRASIL. **Estatuto Brasileiro de Museus**. Lei Federal nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009.

BRASIL. **Portaria Nº 127, de 30 de Abril de 2009**: Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira. [S.n], 2009.

BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012**. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde, Brasília, DF. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 07 mai. 2018.

BRAVO, R. S. **Técnicas de investigação social**: Teoria e ejercicios. 7 ed. Ver. Madrid: Paraninfo, 1991.

BRUNO, Maria Cristina O. (Coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarniéri**: testos e contextos de uma trajetória profissional. plân2 v.. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado da Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

CAFÉ, Daniel Calado. **Patrimônio, Identidade e Memória**: Proposta para a criação do Museu do Território de Alcanena. PT: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; Repositório Científico Lusófona, 2007.

CAMARINHA-MATOS, L.M., AFSARMANESH, H. (Eds). **“Collaborative Networks**: reference modeling. New York: Springer, 2008.

CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. **ENTRE TRILHOS E DORMENTES**: a Estrada de Ferro Central do Piauí na história e na memória dos parnaibanos (1960-1980). Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2015.

CEZARIO, Hilda Barbara Maia et al . Desafios da Gestão Participativa no Museu de São Brás em Portugal. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba , v. 22, n. 1, p. 138-162, fev. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552018000100138&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 mai. 2018.

CÓDIGO DE ÉTICA DO ICOM. Versão Lusófona. Brasília, 2010. Disponível em: http://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo_de_etica_do_icom.pdf. Acesso: 04 jun. 2018.

DALL’AGNOL CM, Magalhães AMM, Mano GCM, Olschowsky A, Silva FP. A noção de tarefa nos grupos focais. **Rev Gaúcha Enferm** [Internet]. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v33n1/a24v33n1.pdf>. Acesso em: 8 out. 2018.

DAVIES, Stuart. **Plano Diretor**; tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001.

DECLARAÇÃO DE CARACAS. Venezuela Caracas, 1992.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Orientações para Gestão e Planejamento de Museus** / Manuelina Maria Duarte Cândido – Florianópolis: FCC, 2014.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Cartas de navegação: planejamento museológico em mar revolto. **Cadernos de Sociomuseologia**. (vol 48). 4-2014

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo**: diagnóstico museológico e planejamento. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2014a. 2ª Edição.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. O papel do planejamento nos pequenos museus. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.4, n.10, jan./jun.2014 – ISSN – 2177-4129 -

FINGER, Anna Eliza. **Cadernos do Patrimônio Cultural do Piauí**: Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba. Teresina: Superintendência do IPHAN no Piauí, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 1983

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos de Museologia**, n. 3. Rio de Janeiro: IBPC, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffpter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HERNÁNDEZ, Francisca Hernández. (1994). **Manual de museología**. Madrid: Síntesis.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras, GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz; INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL (BRASIL). **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/parnaiba/pesquisa/38/47001?tipo=ranking>. Acesso em: 22 jun. 2018.

IPHAN - - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Educação Patrimonial**: histórico, conceitos e processos / texto de Sônia Rampim Florêncio, Pedro Clerot, Juliana Bezerra e Rodrigo Ramassote. – Brasília, DF : Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Educação Patrimonial:** inventários participativos : manual de aplicação; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Manual Técnico do Patrimônio Ferroviário.** Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_tecnico_patrimonio_ferrovionario.pdf. Acesso em: 18 jan. 2018.

IBRAM. **Subsídios para a elaboração de planos museológicos.** Brasília: Instituto Brasileiro de Museus – Ibram, 2016.

ICOM (1984). **Declaração de Quebec.** Princípios de base de uma Nova Museologia. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/quebec.htm>. Acesso em: 13 mar. 2018.

LEFEBVRE, H. **La presencia y la ausencia:** contribución a la teoría de las representaciones. México. Fondo de Cultura Económica, 1983.

LEITE, Pedro Pereira. **Museologia e Inovação Social.** Centro de Estudos Sociais. Universidade de Coimbra. 2017.

LEWGOY, Alzira M^a. B; SCAVONI, Maria Lucia. Supervisão em Serviço Social: a formação do olhar ampliado. In: **Revista Texto & Contextos.** EDIPUCRS. Porto Alegre: 2002.

MELO, Antonio Liuésjhon dos Santos. **Documentação museológica:** inventário do acervo do Museu do Trem do Piauí / Antonio Liuésjhon dos Santos Melo. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia) –Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, 2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Política Nacional de Museus – Memória e Cidadania.** Brasília: MINC, 2003. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica_nacional_museus_2.pdf. Acessado em: 29 jul. 2018.

MINC. **Plano Nacional de Cultura.** 2010-2020. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/documents/10883/11294/METAS_PNC_final.pdf/. Acesso em: 13 mar. 2018.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. ICMBio. Plano de Gestão e Diagnóstico Geo-ambiental e Sócio Econômico da APA do Delta do Parnaíba. 2000. Disponível em: <http://www.icmbio.gov>.

br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2246-apa-delta-do-parnaiba. Acesso em: 13 mar. 2018.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN, CULTURA E DEPORTE. **Criterios para la elaboración del plan museológico**. Madrid, s.d. 2005. Disponível em: <http://www.mecd.gob.es/cultura-mecd/areas-cultura/museos/mc/pm/pm/portada.html>. Acesso em: 13 mar. 2018.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. São Paulo: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, 1993.

ORELLANA, M. (2011). "Science, contexte politique et musées en Amérique Latine". En **Revista Hermès** N° 61, CNRS Édition, noviembre 2011, París.

PASQUALOTTI, Adriano. **A ética na pesquisa**: um procedimento metodológico indispensável. Disponível em: <http://usuarios.upf.br/~pasqualotti/etica.htm>. Acesso em: 18 ago. 2018.

PINHEIRO, Áurea da Paz; MOURA, Cássia. **Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba** – Cadernos do Patrimônio Cultural do Piauí; v.2 – Teresina: Superintendência do Iphan no Piauí, 2010.

PINHEIRO, Áurea da Paz; MOURA, Cássia. Rede de museus de território na área de proteção ambiental Delta do Parnaíba. **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**, Penedo, V. 8, Dossiê Número 4, set. 2018, p. 204-217. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>. Acesso em: 26 nov. 2018.

PRIMO, Judite. Pensar contemporaneamente a Museologia. **Caderno de Sociomuseologia** N° 16, 1999. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/350>. Acesso em: 17 jan. 2019.

SANTANCANA, J; LLONCH, N. **Manual de didáctica del objeto en el museo**. Gijón: Ediciones Trea, 2012.

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2005.

SOARES, Ednaldo. Planejamento estratégico de museu: uma pesquisa na cidade de Salvador. **Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** - Unirio|MAST - vol.10, no2, 2017. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/576/591>. Acesso em: 5 mai. 2018.

TAKIMOTO, Tatiana. Afinal, o que é uma comunidade de prática?. **Sociedade Brasileira da Gestão do Conhecimento**. 2012. Disponível em: <http://www.sbgc.org.br/blog/afinal-o-que-e-uma-comunidade-de-pratica>. Acesso em: 18 dez. 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez. 1986. Pag. 14.

UNESCO (1948). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2018.

UNESCO (1972). **Declaração de Santiago do Chile**. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/index.php?option=com_content&view=article&id=3:declaracao-de-santiago-1972&catid=3:declaracao-de-santiago-do-chile-1072&Itemid=3. Acesso em: 16 fev. 2018.

VARINE, Hugues de; trad. Maria de Loudes Parreiras Horta. **As Raízes do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz. 2013.

VELHO, Gilberto. **Patrimônio Negociação e Conflito**. MANA, Rio de Janeiro, v.1, n. 12, p. 237-247, abril 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100009. Acesso em: 5 jul. 2018.

VIEIRA, Lêda Rodrigues. **Caminhos de ferro: a ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916-1960**. 2010. Dissertação (mestrado) - Mestrado em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp135798.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2018.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WICHERS, Camila A. De Moraes. TRÊS MUSEUS, UMA MESMA PREMISSE: O PLANEJAMENTO MUSEOLÓGICO COMO TRABALHO COLETIVO E DE MUDANÇA SOCIAL. **Anais – V Semana Nacional de Museus na UNIFAL-MG**. 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – LIVRO PLANO MUSEOLÓGICO (Arquivo Separado)



APÊNDICE B – FOLDER OFICINA

IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO

- Nome do objeto.
- Onde foi feito, onde foi encontrado ou onde está hoje.
- Autor ou marca de produção, se houver.
- Número de identificação, se houver.
- Referência bibliográfica, web, filmografia, etc.

ANÁLISE MORFOLÓGICA

- Descrição da forma do objeto, tentando geometrizá-lo.
- Dimensões do objeto que é analisado.
- Peças que o compõem, se isso for possível.
- Materiais que intervêm na composição do objeto. Superfícies, cores, etc.
- Conservação ou status atual (está quebrado ou inteiro? Está danificado?).
- Desenho, esboço, esquema composicional ou fotografia.

ANÁLISE FUNCIONAL

- As utilidades que podem ter o objeto, se forem conhecidos.
- Descreva como funciona ou para que pode ser usado.
- Descreva, se possível, a função de cada componente ou peça.
- Relacione a forma com a função.
- Sua forma facilita sua função?
- No caso de você usar energia para funcionar, você tem que dizer qual.
- O seu uso ou operação apresenta riscos?

ANÁLISE TÉCNICA

- Descrever, se possível, as técnicas com as quais ele poderia ser fabricado ou produzido.
- Descrever o processo de produção, se é fácil deduzi-lo; fazer hipóteses.
- Quais ferramentas podem ser usadas?
- Características dos materiais utilizados em cada uma das partes.
- Vantagens ou desvantagens dos materiais utilizados.

ANÁLISE ECONÔMICA

- É uma produção própria, nacional ou estrangeira (fabricada, industrial, etc)
- Estudar quanto custaria sua produção (grau de especialização dos autores, dificuldades técnicas, custo dos materiais, etc.).
- Estudar os custos de produção, ou seja, os fatores que implicam a importação de produtos, transporte especial, proteção de rota, intermediários existentes em este comércio, etc.
- O objeto poderia ser produzido com outros materiais a custos mais baixos?
- Quem ou quem comercializou, se fosse esse o caso?

ANÁLISE SOCIOLÓGICA

- Estude quais necessidades o objeto pode satisfazer.
- Para quais setores pode ser direcionado?
- É um elemento de uso geral e massivo ou de uso muito restrito?
- É um elemento muito comum, acessível e barato para a maioria?
- É especificamente projetado para um dos dois sexos ou para algum grupo etário?

ANÁLISE ESTÉTICA OU ARTÍSTICA

- É um objeto que mantém simetria ou falta nele.
- Propriedades de cor, se aplicável.
- A forma responde à função?
- Simples ou complexo?
- Responde aos critérios estéticos atuais ou não?

ANÁLISE HISTÓRICA / CULTURAL

- Cronologia absoluta ou relativa do objeto.
- Em que contexto surgiu?
- O objeto ou esse tipo de objeto foi uma mudança significativa em relação ao existente anteriormente?
- O objeto representa uma continuidade de algo previamente existente? De quê?
- Você pode relacioná-lo com alguém ou com algum movimento ou período?
- Como o objeto evoluiu mais tarde? Existe algo semelhante hoje?

OFICINA INTERPRETAÇÃO DE OBJETOS

07 DE JULHO (SÁBADO)
MUSEU DO TREM
DO PIAUÍ
ÀS 14H59

PARTICIPAÇÃO
GRATUITA

MINISTRANTE:
HELDER SOUZA
Mestrando em Artes,
Patrimônio e
Museologia - UFPI

REALIZAÇÃO:

mapm
MUSEU DO TREM
ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA



PARNAÍBA
PIAUI
BRASIL



Apresentação

Helder Souza | Mestrando em Artes, Patrimônio e Museologia - UFPI

As matérias primas com que trabalham os museólogos, são sobretudo os objetos. Já os educadores trabalham com as pessoas, geralmente crianças e jovens provenientes do ensino regular. Por vezes esses dois grupos dividem o mesmo espaço, o **Museu**. Apesar de alguns duvidarem que os **objetos** depositados nos museus podem ser instrumentos didáticos, muitas vezes eles são utilizados por professores para ilustrar as suas lições. Com efeito, dependendo de como os tratemos, estes objetos podem transformar-se em **centros de interesse**, capazes de acolher em torno de si vários conteúdos. A maioria desses objetos podem relacionar-se com conceitos, temas e debates os quais podem motivar. O objetivo da oficina é precisamente apreender como os objetos do museu podem ter um potencial didático. É um convite a contemplação dos objetos do **Museu do Trem do Piauí**, a partir do potencial educativo que eles possam ter.

Ideias Principais

- O museu como um possuidor de objetos do passado é uma fonte para conhecer a história, portanto, pode ser uma ferramenta educacional.
- A diversidade de objetos que compõem os museus é um reflexo da diversidade do passado; a análise dos restos materiais do passado pode nos aproximar objetivamente aos relatos das próprias testemunhas.
- Objetos e imagens sempre foram considerados instrumentos fundamentais para ensinar e aprender.

- Os grandes pensadores da escola moderna, especialmente **Maria Montessori** e **Ovide Decroly**, construíram didática ao redor de objetos.

- Na medida em que o museu é um possuidor de objetos significativos, torna-se um aliado na tarefa de educar.

- Independentemente do tipo de museu e do tipo de museografia, todos os objetos de museus são susceptíveis de se tornar ferramentas de ensino.

- A **interatividade** é uma base essencial na didática do objeto.

- A didática do objeto é baseada no estabelecimento de relações entre objetos e conceitos.

- Esses objetos podem variar de produtos alimentícios a obras de arte ou máquinas.

- Analisar é decompor um elemento ou objeto para poder conhecê-lo.

- Existem muitos tipos de análise de um objeto: **a morfológica, a funcional, a técnica, a econômica, a sociológica, a estética e a histórica**.

- Para analisar um objeto, diretrizes estritas devem ser seguidas.

- O tempo histórico é identificado graças às mudanças.

- Mudanças no tempo permitem relacionar eventos, pessoas e situações com certos objetos.

- O desenho de linhas temporárias por meio de objetos facilita a compreensão de passado.

- Construir linhas temporárias com objetos é uma tarefa didática eficaz.

- Os objetos, além de permitirem traçar linhas temporárias, constituem “centros de interesse”.

- Um centro de interesse pode ser um objeto ou um conjunto de objetos ao redor, que definem os conceitos.

- Os centros de interesse são aproximações do passado que vão do concreto (o objeto) para o mais abstrato (ideias).

- Os objetos que nos cercam ajudam a explicar **nossa vida**. “**Nossos objetos**” nos definem.

- Da mesma forma que nossos objetos nos definem, os objetos de uma era ajudam a defini-lo.

- Os objetos que nos rodeiam podem ser nossas testemunhas.

[O questionário orientador apresentado a seguir pode ser útil para um número variado de objetos].

APÊNDICE C – MODELO FICHA DIGNOSTICO DE PROGRAMA

PLANO MUSEOLÓGICO DIAGNÓSTICO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ	
Programa: Institucional	
<p>Avaliação: O museu do Trem do Piauí criado em 2002, foi constituído para preservar a memória do patrimônio ferroviário piauiense. Ao longo dos anos a exposição permanente sofreu várias alterações e nos dias atuais não guarda a forma inicial. No diagnóstico institucional o museu carece de lei criação, regimento, estatuto. O museu passa pelo primeiro processo de autorreflexão através da elaboração do seu Primeiro Plano Museológico. O Museu do Trem do Piauí é o mais conhecido Museu do Norte do Estado do Piauí. O museu é mantido pela prefeitura de Parnaíba através do Órgão Gestor da Cultura. O Museu tem registro junto ao IBRAM mas não está devidamente cadastrado pela ausência de cumprimento das formalidades do estatuto dos museus. Está cadastrado no Sistema estadual de Museus. Já participou da programação nacional Semana de Museus. Não tem Associação de Amigos dos Museus. Recebe hoje apoio de grupos de pesquisas de Universidades. Não possui identidade institucional, Missão, Visão e Valores.</p>	
Colaborador(a):	
Assinatura:	

APÊNDICE D – MODELO FICHA DE PROJETOS

PLANO MUSEOLÓGICO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ	
PROJETOS: Programa Institucional	
1	Elaboração da Lei de Criação do Museu do Trem do Piauí: Elaboração de documento que institua e legalize o Museu do Trem do Piauí, diante da legislação vigente no país, com encaminhamento às instâncias do Poder Executivo e Legislativo municipais, com vistas à sanção do dispositivo.
2	Elaboração do Regimento Interno e Estatuto do Museu do Trem do Piauí: Elaboração e implementação de regimentos que preveja as atribuições de cada setor do museu e seus serviços, de modo a contemplar todas as atividades que devem ser desempenhadas.
3	Constituição da Associação dos Amigos do Museu do Trem do Piauí: Estimulo a criação de associação de apoio direto a instituição museológica, com personalidade jurídica própria e capacidade para viabilizar projetos e atividades de manutenção do Museu.
4	Plano de Gestão Compartilhada: Adoção de modelo de gestão tripartite com formação de conselho curador entre Poder Público, Sociedade Civil Organizada e Empresas Privadas, que elabore planejamento anual e auxilie nas tomadas da decisão frente aos desafios enfrentados pela instituição.
COLABORADOR(A): Helder José Souza do Nascimento	
ASSINATURA:	

ANEXOS

ANEXO A – CARTAS / CONVITES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CAMPUS MINISTRO REIS VELOSO
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
 MESTRADO PROFISSIONAL
 ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Parnaíba-PI, 04 de junho de 2018

A Sua Senhoria o Senhor
Albert Piauhy
 Superintendente Municipal de Cultura
 Parnaíba-PI

C/c

Alessandra Mota

Prezado Senhor,

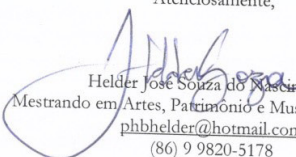
Dirigimo-nos a Vossa Senhoria para informar-lhe sobre a realização de Projeto de Pesquisa de Mestrado com o título: “CONSTITUIÇÃO JURÍDICA, GESTÃO PARTICIPATIVA E SUSTENTABILIDADE: DESAFIOS FRENTE À CONSTRUÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ, DE PARNAÍBA”. A pesquisa-ação que visa Desenvolver um Plano Museológico para o Museu do Trem do Piauí, contribuindo para a gestão de cultura neste município, elaborado de forma participativa em conjunto com parcela da comunidade local interessada, está vinculado ao Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia – UFPI, cuja coordenadora é a Dra. Áurea da Paz Pinheiro.

A pesquisa vincula-se ao estudo desenvolvido por mim para a obtenção do grau de Mestre, pelo referido Programa de pós-graduação. O projeto fora aprovado por comissão docente da Universidade Federal do Piauí e seguirá fase de investigação-ação durante os meses de junho a setembro de 2018, com o fim de que a instituição museológica passe a atender as diretrizes da Lei nº 11. 904, diga-se, Estatuto Brasileiro de Museus. Para tal, gostaria de contar com vosso consentimento, participação e colaboração, bem como de demais membros de sua equipe técnica, como os servidores do museu.

Diante o exposto, os **convidamos** para reunião de apresentação do Projeto de Pesquisa, a realizar-se no dia **07 de junho de 2018, quinta-feira, às 15h00, na sala de reunião da diretoria**, no Campus Ministro Reis Veloso, da Universidade Federal do Piauí, localizada na Av. São Sebastião, 2819 – Bairro N. Sra. de Fátima.

Certos de sua inteira atenção, reiteramos estima e consideração, com os melhores cumprimentos.

Atenciosamente,


 Helder José Souza do Nascimento
 Mestrando em Artes, Patrimônio e Museologia – UFPI
phbhelder@hotmail.com
 (86) 9 9820-5178

*Recebido
 Alessandra Mota
 05/06/2018*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CAMPUS MINISTRO REIS VELOSO
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
 MESTRADO PROFISSIONAL
 ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Parnaíba-PI, 04 de junho de 2018

A Sua Senhoria o Senhor
Rodrigo de Sousa Melo
 Coord. do Curso de Turismo UFPI | CMRV
 Parnaíba-PI

Prezado Senhor,


Dirigimo-nos a Vossa Senhoria para informar-lhe sobre a realização de Projeto de Pesquisa de Mestrado com o título: "CONSTITUIÇÃO JURÍDICA, GESTÃO PARTICIPATIVA E SUSTENTABILIDADE: DESAFIOS FRENTE À CONSTRUÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ, DE PARNAÍBA". A pesquisa-ação que visa Desenvolver um Plano Museológico para o Museu do Trem do Piauí, contribuindo para a gestão de cultura neste município, elaborado de forma participativa em conjunto com parcela da comunidade local interessada, está vinculado ao Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia – UFPI, cuja coordenadora é a Dra. Áurea da Paz Pinheiro.

A pesquisa vincula-se ao estudo desenvolvido por mim para a obtenção do grau de Mestre, pelo referido Programa de pós-graduação. O projeto fora aprovado por comissão, docente da Universidade Federal do Piauí e seguirá fase de investigação-ação durante os meses de junho a setembro de 2018, com o fim de que a instituição museológica passe a atender as diretrizes da Lei nº 11. 904, diga-se, Estatuto Brasileiro de Museus. Para tal, gostaria de contar com vossa participação e colaboração.

Diante o exposto, o **convidamos** para reunião de apresentação do Projeto de Pesquisa, a realizar-se no dia **07 de junho de 2018, quinta-feira, às 15h00, na sala de reunião da diretoria**, no Campus Ministro Reis Veloso, da Universidade Federal do Piauí, localizada na Av. São Sebastião, 2819 – Bairro N. Sra. de Fátima.

Certos de sua inteira atenção, reiteramos estima e consideração, com os melhores cumprimentos.

Atenciosamente,


 Helder José Souza do Nascimento
 Mestrando em Artes, Patrimônio e Museologia – UFPI
phbhelder@hotmail.com
 (86) 9 9820-5178

*Recebido
 05.06.18
 Adriano*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CAMPUS MINISTRO REIS VELOSO
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
 MESTRADO PROFISSIONAL
 ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Parnaíba-PI, 04 de junho de 2018

A Sua Senhoria o Senhor
Carlos Eduardo
 Secretário Municipal de Educação
 Parnaíba-PI

C/c

Venílcia Vasconcelos
 Diretora de Ensino Fundamental

Prezado Senhor,

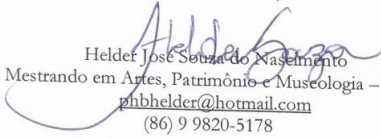
Dirigimo-nos a Vossa Senhoria para informar-lhe sobre a realização de Projeto de Pesquisa de Mestrado com o título: "CONSTITUIÇÃO JURÍDICA, GESTÃO PARTICIPATIVA E SUSTENTABILIDADE: DESAFIOS FRENTE À CONSTRUÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ, DE PARNÁIBA". A pesquisa-ação que visa Desenvolver um Plano Museológico para o Museu do Trem do Piauí, contribuindo para a gestão de cultura neste município, elaborado de forma participativa em conjunto com parcela da comunidade local interessada, está vinculado ao Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia – UFPI, cuja coordenadora é a Dra. Áurea da Paz Pinheiro.

A pesquisa vincula-se ao estudo desenvolvido por mim para a obtenção do grau de Mestre, pelo referido Programa de pós-graduação. O projeto fora aprovado por comissão docente da Universidade Federal do Piauí e seguirá fase de investigação-ação durante os meses de junho a setembro de 2018, com o fim de que a instituição museológica passe a atender as diretrizes da Lei nº 11. 904, diga-se, Estatuto Brasileiro de Museus. Para tal, gostaria de contar com vossa participação e colaboração, bem como de demais membros de sua equipe técnica.

Diante o exposto, **convidamos** para reunião de apresentação do Projeto de Pesquisa, a realizar-se no dia **07 de junho de 2018, quinta-feira, às 15h00, na sala de reunião da diretoria**, no Campus Ministro Reis Veloso, da Universidade Federal do Piauí, localizada na Av. São Sebastião, 2819 – Bairro N. Sra. de Fátima.

Certos de sua inteira atenção, reiteramos estima e consideração, com os melhores cumprimentos.

Atenciosamente,


 Heldef José Souza do Nascimento
 Mestrando em Artes, Patrimônio e Museologia – UFPI
phbhelder@hotmail.com
 (86) 9 9820-5178

*Recebido
 Venílcia Vasconcelos
 03/06/18.*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CAMPUS MINISTRO REIS VELOSO
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
 MESTRADO PROFISSIONAL
 ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Parnaíba-PI, 04 de junho de 2018

A Sua Senhoria a Senhora
Rayla Marques
 Chefe do Escritório do IPHAN
 Parnaíba-PI

Prezada Senhora,

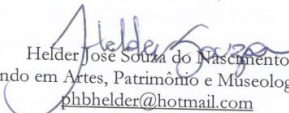
Dirigimo-nos a Vossa Senhoria para informar-lhe sobre a realização de Projeto de Pesquisa de Mestrado com o título: "CONSTITUIÇÃO JURÍDICA, GESTÃO PARTICIPATIVA E SUSTENTABILIDADE: DESAFIOS FRENTE À CONSTRUÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ, DE PARNAÍBA". A pesquisa-ação que visa Desenvolver um Plano Museológico para o Museu do Trem do Piauí, contribuindo para a gestão de cultura neste município, elaborado de forma participativa em conjunto com parcela da comunidade local interessada, está vinculado ao Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia – UFPI, cuja coordenadora é a Dra. Áurea da Paz Pinheiro.

A pesquisa vincula-se ao estudo desenvolvido por mim para a obtenção do grau de Mestre, pelo referido Programa de pós-graduação. O projeto fora aprovado por comissão docente da Universidade Federal do Piauí e seguirá fase de investigação-ação durante os meses de junho a setembro de 2018, com o fim de que a instituição museológica passe a atender as diretrizes da Lei nº 11. 904, diga-se, Estatuto Brasileiro de Museus. Para tal, gostaria de contar com vossa participação e colaboração.

Diante o exposto, **convidamos** para reunião de apresentação do Projeto de Pesquisa, a realizar-se no dia **07 de junho de 2018, quinta-feira, às 15h00, na sala de reunião da diretoria**, no Campus Ministro Reis Veloso, da Universidade Federal do Piauí, localizada na Av. Av. São Sebastião, 2819 – Bairro N. Sra. de Fátima.

Certos de sua inteira atenção, reiteramos estima e consideração, com os melhores cumprimentos.

Atenciosamente,


 Helder José Souza do Nascimento
 Mestrando em Artes, Patrimônio e Museologia – UFPI
phbhelder@hotmail.com
 (86) 9 9820-5178

RECEBIDO EM 05/06/2018
 Rayla Fernanda de Feres Fortes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
 MESTRADO EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
 REUNIÃO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ
 LISTA DE PRESENÇA

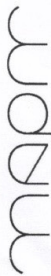


MESTRADO EM
 ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Data: 07/06/2018 Turno: Tarde (15h às 17h)

#	Nome completo	CPF	Assinatura
1	Suziane Viana	96582731300	[Assinatura]
2	Josmar dos Santos J. Vira	010-861253-80	[Assinatura]
3	Rafaela Fernanda de Menezes Marques	049745033-38	[Assinatura]
4	Helis Cavali. Mar. J. M.	37443073-35	[Assinatura]
5	JUANO MARCIO MAGALHÃES DE ROCHA (SEMA)	112.218.183-00	[Assinatura]
6	DIDEROT DOS SANTOS NAVIGNIER	099.178.293-34	[Assinatura]
7	Albert Nunes de Carvalho - 99845-3295	077.330.003-30	[Assinatura]
8	Marcelo de A. Silva	380.982.84382	[Assinatura]
9	Carlos Eduardo de Lima Costa Silva	001.85483376	[Assinatura]
10	Helton José Souza do Nascimento	002.504.353-66	[Assinatura]
11	WALDIRIO DE CASTRO GOMES	888.521.883-49	[Assinatura]
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19	Obs.: A reunião aconteceu na sala de		
20	reunião da diretoria da UFPI-CMEV.		
21	Falta assinar Naudiny		
22			
23			
24	Encontro		
25			
26			

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
 MESTRADO EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
 REUNIÃO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ
 LISTA DE PRESENÇA



MUSEU DO TREM DO PIAUÍ

ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Data: 13 / 06 / 2018 Turno: Tarde de 15h00

#	Nome completo	CPF	Assinatura
1	José Nery do S. A. A. A.	910.861.253-80	<i>[Signature]</i>
2	Heloísa Correia Mesquita de Azevedo	374.433.023-35	<i>[Signature]</i>
3	Almeida de Fátima Silva	980.982.843-87	<i>[Signature]</i>
4	Guilherme Venas Baican	965.522.313-00	<i>[Signature]</i>
5	Jean Oliveira Leuca	994.940.780	<i>[Signature]</i>
6	Alberto Nunes de Carvalho	998.453.295	Alberto Nunes de Carvalho
7	Shawnto Flávio do Anjo M. de. 994.987.360	8873 4557	<i>[Signature]</i>
8	Elaine Batista Ferreira de Sousa		<i>[Signature]</i>
9	José Maria Rodrigues da Silva. 99548-5171.		<i>[Signature]</i>
10	João Carlos de Costa	994686360	<i>[Signature]</i>
11	JOÃO MARCIO M. DA ROCHA. 99983-7733	112.278.193-00	João Marcio M. Rocha
12	Wladimir Truniz	099.178.293-34	Wladimir Truniz
13	Heider José Souza do Nascimento	002-504-353-65	Heider José Souza
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21	Obs: A reunião aconteceu no Museu do		
22	Trem do Piauí, Explicando a história da		
23	Falta assinar		
24			
25	Encontro (2)		
26			

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
 MESTRADO EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
 REUNIÃO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ
 LISTA DE PRESENÇA

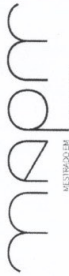


Data: 28/06/2018 Turno: Tarde (15h00)

27			
28	George Max P. de Saizger	048. 822. 383-06	<i>George Max P. de Saizger</i>
29	Jóbe Maria Rodrigues da S.	086. 98873-4551	<i>Jóbe Maria Rodrigues da S.</i>
30	Samuel Costa Gomes de Saizger	965. 827313-00	<i>Samuel Costa Gomes de Saizger</i>
31	WILHERME VIKAS P. RÖHN	086 99845-3495	<i>WILHERME VIKAS P. RÖHN</i>
32	albert munes de Carvalho	(086) 991910280	<i>albert munes de Carvalho</i>
33	RAUL ALBERTINA FERREIRA	1086) 33350-4333	<i>RAUL ALBERTINA FERREIRA</i>
34	Helder Tomillo Montoya de Aguiar	86 99435-2061	<i>Helder Tomillo Montoya de Aguiar</i>
35	Helder José Saizger do Nascimento	002.504.353-65	<i>Helder José Saizger do Nascimento</i>
36			
37			
38			
39			
40			
41	Obs: A reunião aconteceu na Faculdade Interinstitucional do Delta-FIP.		
42			
43			
44			
45			
46			
47			
48			
49			
50			

Encontro 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
 MESTRADO EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
 REUNIÃO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ
 LISTA DE PRESENÇA



MESTRADO EM
 ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Data: 07/07/2018 Turno: 15h00 (Tarde)

#	Nome completo	CPF	Assinatura
1	Agnes da An Honie Silva Poff	930.982.845-87	
2	Carla Muelher de Oliveira?	887.619.671-77	
3	Edite Muelher de Oliveira?		
4	Guilherme Muelher Cruz		
5	Aureliano Francisco de Oliveira Neto	03355211346	
6	Antonio Salgado de Jesus Soares		
7	Samuel Sales Ferreira de Sousa	273.957.403-78	
8	Cicero Almeida Venas Fúrien	905.822.313-00	
9	Adriana Tenório Bando		
10	Luana Silva Cavallero	074.346.663-23	
11	Dabrina Cruz Castro	013.272.073-62	
12	RAIDILTON DE CASTRO GONÇALVES	888.324.883-48	
13	Josel Neves et Costa	442.987.811-00	
14	Jan Oliveira Lezan	92421-0780	
15	Helder José Souza do Nascimento		
16			
17			
18			
19			
20			
21			
22			
23	Obra: Oficina Interpretativa de objetos		
24	Realizada no Museu do Trem do Piauí		
25			
26	Encontros (4)		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
 MESTRADO EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
 REUNIÃO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ
 LISTA DE PRESENÇA



Data: 28/07/2018 Turno: 15h00 (Tarde) - Encontro V

27	Wellington Francisco da Oliveira Neto	CPF: 03355213416
28	Antonio Felipe de Araújo Sousa	CPF: 600.420.743-00
29	Leandro dos Santos Silva	CPF: 900.81.513-80
30	Marcia Alcides Fontenelle Albuquerque	CPF: 76687823-20
31	Jean Oliveira Leães	CPF: 907969413-68
32	Bárbara Cravo Castro	CPF: 033.802093-62
33	Caroline Costa Ferreira de Sousa	CPF: 222.957.403-79
34	Guilherme Pereira da Silva	CPF: 048.822.383-06
35	Isabel Neves da Costa	CPF: 442.987.811-00
36	Carlos Eduardo de Lima Costa Silva	CPF: 051.854.823-76
37	Ruan Silva Cavallho	CPF: 074.346.663-77
38	Wagner Venas Bação	965.42231200
39	MALDINEY DE CASTRO GONCALVES	988.354.883-49
40	Hebelev José Souza do Nascimento	002.504.353-65
41		
42		
43		
44	Obr: O encontro aconteceu na sala 705,	
45	no Bloco de Contabilidade da UFPI.	
46	Depositemos gravadores sobre o diagnóstico	
47	global.	
49		
50		



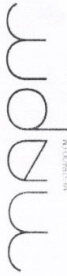
MUSEU DE ARTE E PATRIMÔNIO DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
MESTRADO EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
REUNIÃO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ
LISTA DE PRESENÇA

Data: 04 / 08 / 2018 Turno: 1ª Hora (Tarde) - Encontro VI

#	Nome completo	CPF	Assinatura
1	Raylla Fernanda de Menezes Marques	049745023-28	
2	Maria Adelaide J. Leira	776687823-20	
3	José Carlos de Almeida Silva	010.961.223-20	
4	Helcio Caetano Pereira de Azevedo	374433023-15	
5	Luana Silva Carvalho	014.346.663-23	
6	Adelina Anacleto Castro	013.278.73-62	
7	Simone de Almeida Silva	980.987.843-87	
8	Simone de Almeida Silva	(86) 88734557	
9	Simone de Almeida Silva	9658273300	
10	Carla Eduarda de Almeida Silva	99706-4037	
11	Carla Eduarda de Almeida Silva	00185482376	
12	Heldev Gaze	002.504.353-65	
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21			
22			
23			
24			
25			
26			

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
 MESTRADO EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
 REUNIÃO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ
 LISTA DE PRESENÇA



RS 21002103
 BR 03 - PATRIMÔNIO E MUSEU.COM

Data: 28 / 08 / 2018 Turno: Manhã (09h30) Grupo Focoal

Participar "Há um museu entre nós"

#	Nome completo	CPF	Assinatura
1	Domley Silas Cortez		[Assinatura]
2	Maria Vitória Almeida da Costa Pereira		[Assinatura]
3	Poliana de Nascimento Pereira		[Assinatura]
4	Rayane Eugênia Amorim do Nascimento		[Assinatura]
5	Yanicles Brito dos Santos Junior		[Assinatura]
6	Wlberaldo Araújo Pereira		[Assinatura]
7	João Ricardo Oliveira dos Santos		[Assinatura]
8	Vanessa Rocha de Sousa		[Assinatura]
9	Ana Claudia Sousa de Brito		[Assinatura]
10	Mayome Maira Vivas	072.567.433-43	[Assinatura]
11	Luiz Vagner da Silva		[Assinatura]
12	Amiane Almeida Pereira		[Assinatura]
13	Caíne Maria dos Santos Gomes		[Assinatura]
14	Adriane Maira Nova de Mascarenhas		[Assinatura]
15	Isis Gulliane Araújo Silva		[Assinatura]
16	Suzane Nascimento Junior		[Assinatura]
17	Maria Eduarda Pinheiro de Sousa		[Assinatura]
18	Márcia do Lago Sousa		[Assinatura]
19	MARCELO CAVALHO DOS LAGOS JUNIOR		[Assinatura]
20	Allyla Lúcia Azeiteiro		[Assinatura]
21	Antônio Lucas do Nascimento Bezerra	080.1.443.253.00	[Assinatura]
22	Vanessa Lúcia Araújo		[Assinatura]
23	Wanderson Luiz Vieira Cavalcante		[Assinatura]
24	Thiago Freitas Alves	073.959.063-03	[Assinatura]
25	Salvador Góes Almeida	043.219.323-52	[Assinatura]
26	Flávia Cibara de Sousa Junior	050.885.063-09	[Assinatura]

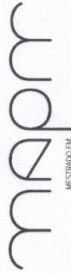
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
 MESTRADO EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
 REUNIÃO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ
 LISTA DE PRESENÇA



MESTRADO EM
 ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Data: 15/09/2018 Turno: 15h00 (Encontro VI)

27			980.982.843-82
28	Arilton de Paula Silva Junior		010.161.253-80
29	Fernão do Souto Silva		033.272.073-62
30	Dabiana Araújo Castro		007.595.763-94
31	Adriana Lenore Barros		002.504.333-65
32	Heldeir Souza		
33			
34			
35			
36			
37			
38			
39			
40			
41			
42			
43			
44			
45			
46			
47			
49			
50			



MUSEU DE ARTE, ARQUEOLOGIA E MUSEOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
 MESTRADO EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
 REUNIÃO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ
 LISTA DE PRESENÇA

Data: 01/12/2018 Turno: Tarde (15h00) Encontro VIII

Eu No Museu

	Nome completo	CPF	e-mail
1.	Keynison Junio Maciel Machado	04813695388	keyni.mac@gmail.com
2.	Alaíde Góes Serrano Azeite		
3.	Lucas de Sá Guimarães Ferreira	744008353-91	guixoba.lsa@hotmail.com
4.	FABIANA FREIRE ANASTASIO	06361397351	fabiana.freire@fiv.com
5.	KECEVIS RAYO WOTÁ		
6.	Priscila Virginia Silva Oliveira	05492 983 74	priscila.w@rocketmail.com
7.	João Oliveira Leças	907962413-68	
8.	JOEL NEVES DA COSTA	442.987.811-00	JOELNEVES@HOTMAIL.COM
9.	Adriana Tenório Barros	007.595.763-94	adriana.tenorio@gmail.com
10.	Rodrigo de Sá Soares Pereira	012.600.943-48	rodrigo.s@hottmail.com
11.	APRILIA FRANCISCA DE SAUS SOARES	600.420.743-80	FABIANIA@PIAUI-UFPI.COM
12.	Francisco de Assis de Castro	018.853.081-00	Francisco.Castro@gmail.com
13.	Júlio César da Silva	94381800	Atata@hottmail.com
14.	Reginaldo Soares Nascimento	99420 392 0466	REGINALDO.SOARES@PIAUI-UFPI.COM
15.	Vanessa dos Santos Nascimento		
16.	Carolina Victoria dos Santos Oliveira		
17.	KEILA PAVANHO CHANOVE	325.280.463-49	keila.chanove@hotmail.com
18.	ESTER ABRAQUEIRA	296561098-72	esteraab@ya.hoo.com.br
19.	Cláudia Viana	(51) 997711286	
20.	Augusto dos Santos Nascimento		
21.	GOULART VIANA JUNIOR		
22.	Myriam Fontenele Viana		
23.	Fátima Cristete Brito	(86) 999354938	fatima.c.branco@hottmail.com
24.	Fabiana Gomes Umado	(86) 99504-5336	fabiana.gomes@ufpi.edu.br
25.	Edinildo Amado Machado	043.549.83787	edinildo.amado@gmail.com
26.	Thyara Cecília Torres Soares	059.334.974-59	thyatorresand@gmail.com

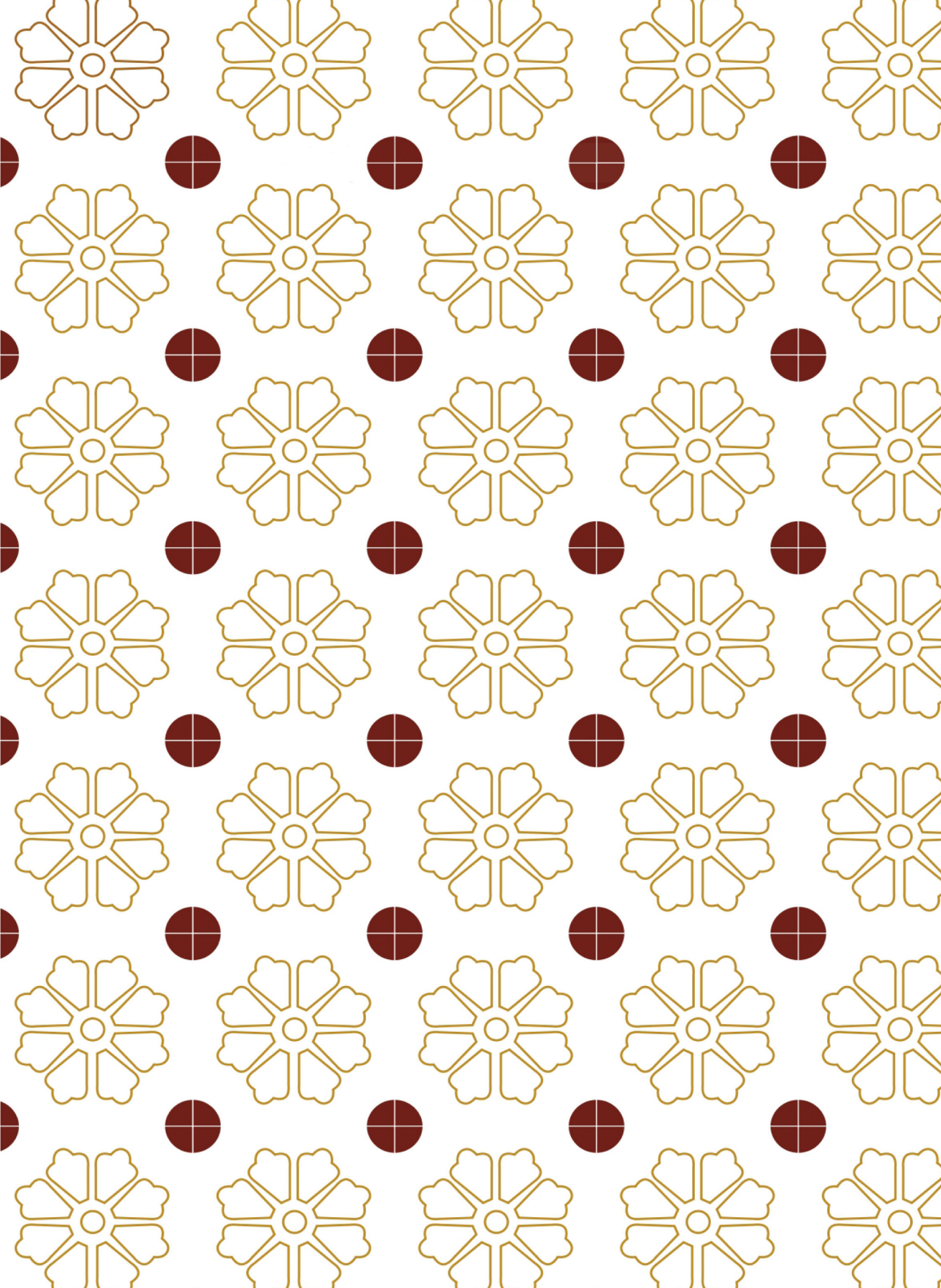
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
 MESTRADO EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
 REUNIÃO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO TREM DO PIAUÍ
 LISTA DE PRESENÇA

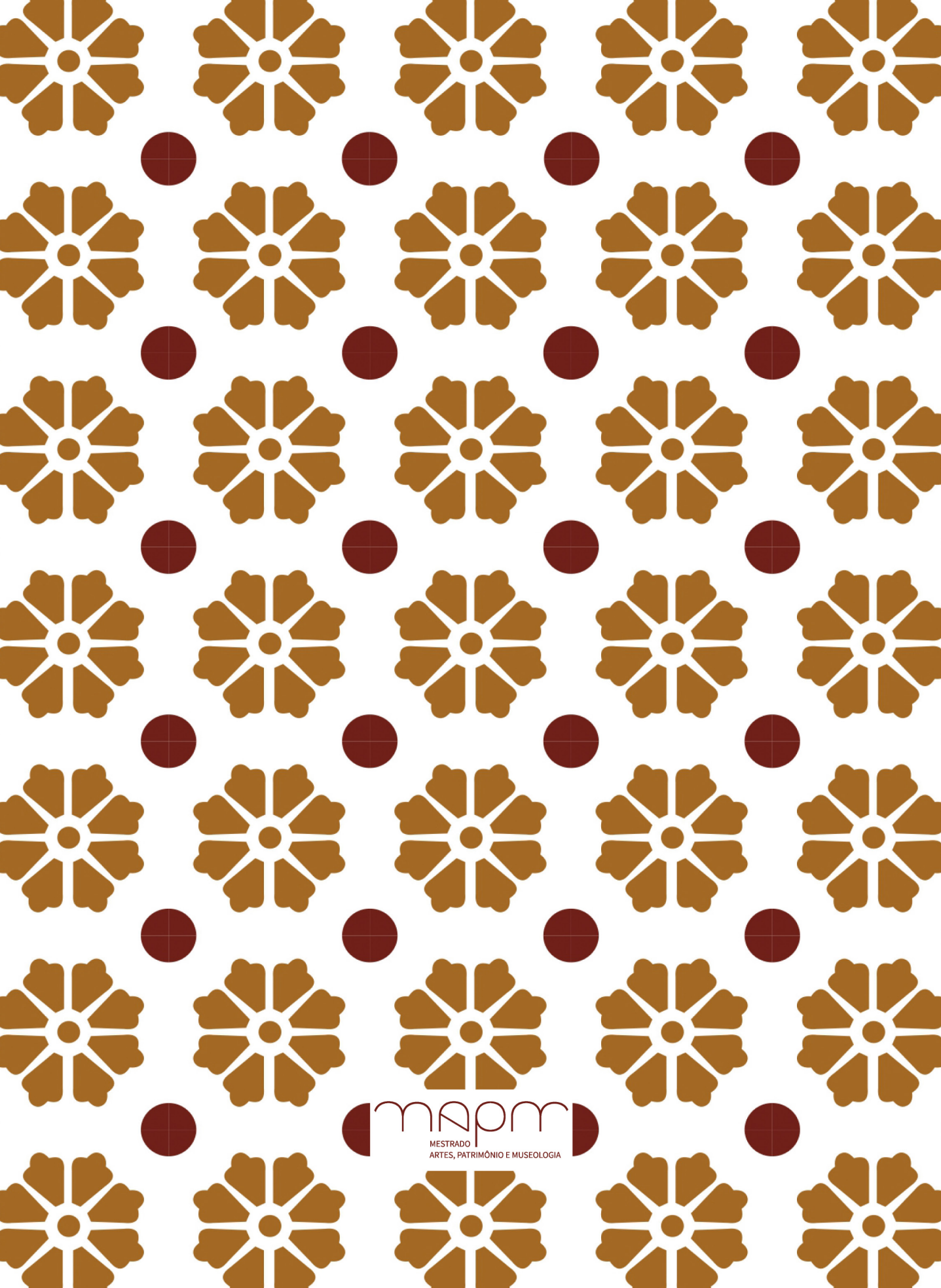


MESTRADO EM
 ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Data: 01/12/2018 Turno: Tarde (15h00) Encontro VII

27.	Adão de Paulo P. Silva	923.945.313-04	joaoPauloSilva94@gmail.com
28.	Anderson Uchoa Brito	037.481.711-86	AND_UCHOA@HOTMAIL.COM
29.	Andrel Silva de Oliveira	038.356.233-38	isa.silva.10@hotmail.com
30.	FELIPE RIBEIRO	087.925.387-89	FELIPE.RIBEIRO@PHB.VESPI.BR
31.	TERMÁS S. SILVA	EXP. 861.853-80	JOSÉ H. T. N. @PTU47.COM
32.	Almeida da Paiz seu pake	980.987.843-87	almeida.paiz@bolmail.com
33.	Albert Nunes de Carvalho	86.99845.3895	albertnunesdecarvalho
34.	AUREA DA PAZ PINHEIRO	86.99900-1219	auracapinh@ufpi.edu.br
35.	Sra. Marcia Silva de Oliveira	98.98768-0898	marciana@igmail.com
36.	Francine Silveira Ferreira dos Santos	9472098-910804	francineferreira@yoloo.com.br
37.	Geisley Novais	95.981903428	geisley.novais@gmail.com
38.	Leandro Lou de Freitas Junior	85-99410-6146	leandrolo@bolmail.com
39.	Marcia Siqueira Medeiros	86.999007003	marciasiqueira@bolmail.com
40.	Mauro Tapentim	86.9807-1801	ED.FISICADIVISAO@GMAIL.COM
41.	Yonathia Pedreira Carmelido	86.98352-5329	yonathia-08@hotmail.com
42.	Olivia Nascimento de Brito	86.99433-3364	oliviannascimento@bolmail.com
43.	Marcia Nascimento	86.99433-3364	marcianaascimento@bolmail.com
44.	Geizy Maria D. de Souza	86.194201605	msouza@castelinho.com.br
45.	ESTHE COSTA FERREIRA de Souza	(86) 988134557	ESTHE@PHB.BR
46.	Geiziam Gonçalves Landim	(86) 999759393	geiziam9975@gmail.com
47.	Roberto TRINDADE SILVA	(86) 999988831	RSPIDIM@EMA1K.COM
48.	FRANCISCO CLAUDIO dos Santos Almeida	(86) 994857360	
49.	Jose Maria Rodrigues da Silva.		
50.			
51.			
52.			
53.			





mapm

MESTRADO
ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA